

# BLUMENAU

*em Cadernos*



# BLUMENAU

*em Cadernos*

# Fundação Cultural de Blumenau

## Presidente

Braulio Maria Schloegel

## Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

## Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

## Diretoria de Cultura

Vilarino Wolff



Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",  
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
*Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"*

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -  
il.  
Bimestral

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



**Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,**  
na Área de História – edição 1998, concedido  
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”**

**ENDEREÇO**

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (47) 326-6990

E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

**CAPA**

Cenário de apresentação do espetáculo “Ode a Dr. Blumenau no Teatro Carlos Gomes (25/08/2000), comemorativo do Sesquicentenário de Blumenau. O trabalho original foi concebido pela artista plástica Vânia Guedes, num painel de 10 X 12 metros (técnica: acrílico sobre tecido) enfatizando e salientando aspectos marcantes que caracterizam a evolução da cidade nestes 150 Anos de Blumenau.

**DIREÇÃO**

Sueli M. V. Petry

**CONSELHO EDITORIAL**

Ivo Marcos Theis (Presidente)

Annemarie Fouquet Schünke,

Cezar Zillig, Cristina Ferreira,

Urda Alice Klueger

**DIGITAÇÃO**

Marilu Antunes

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

**EDIÇÃO**

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

## SUMÁRIO

### **Documentos Originais – Crônicas**

O Aprendizado de Jardinagem.

*Karl Kleine* ..... 007

### **Artigos**

Defuntos Coloniais

*José Ferreira da Silva* ..... 020

### **Artigos**

No Fio do Bigode: memórias e experiências de um imigrante alemão em Lages

*Juçara de Souza Castello Branco e Dr. Valberto Dirksen* ..... 024

### **Pesquisa & Pesquisadores**

Conflitos Religiosos entre a Colônia Blumenau e a Freguesia de Gaspar: A questão dos casamentos mistos.

*André Fabiano Voigt* ..... 030

### **Fragmentos de Nossa História Local**

Uma palavra de Orientação ..... 037

### **Entrevista**

História de Vida - Cláudio Manske

*Brigitte Rosembrock e Cristina Ferreira* ..... 043

### **História e Historiografia**

Giovani Rossi: O imigrante para além da Utopia

*Claricia Otto* ..... 057

## **Memórias**

Meus Tempos de Colégio - I  
Primeiro, o Pré

*Armando Luiz Medeiros* ..... 075

## **Esporte & Lazer**

Centenário Inesquecível: Palmeiras Futebol Clube - Campeão

*Aurélio Sada*..... 079

Curso de Flores.....085

## **Biografia**

Oriundi

*Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart*..... 090

## **Crônicas do Cotidiano**

Sobre Relógios

No Tempo Em Que Faltava Carne

*Urda Alice Klueger* ..... 094

## **Impressões de Viajantes**

Pomeranos / As Eleições / O Comércio / Instrução e Educação /  
Religião

*Padre Jacomo Vicenzi*..... 98

## **Autores Catarinenses**

Raridade Catarinense / O Brasil precisa de leitores

*Enéas Athanázio*..... 123

**– O Aprendizado  
de Jardinagem  
em Desterro**

**– Desterro no  
Século XIX**

TEXTO:

KARL  
KLEINE\*



*Prosseguindo com a publicação da obra Blumenau Einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten (Blumenau de Ontem: Experiências e recordações de um imigrante), trazemos para o leitor “O aprendizado de jardinagem”. Neste texto o autor conta a decepcionante permanência na capital da Província de Santa Catarina denominada na época Desterro (atual Florianópolis).*

*Contratado para trabalhar na residência do representante consular da França, Kleine apresentou-se para iniciar o seu aprendizado em jardinagem. No entanto, a realidade vivida na capital não foi nada agradável, como nos mostra a descrição abaixo.*

Eu não queria e nem podia permanecer sempre em casa. Meus pais pensavam em conseguir, em algum lugar, um emprego para mim, onde eu ainda pudesse aprender algo. Acontece que Dr. Müller (*botânico e biólogo mundialmente conhecido, estabelecido em Blumenau*) recebera uma carta de um antigo conhecido e amigo de Desterro, na qual este solicitava que lhe enviasse um jovem, que tivesse vontade para aprender o ofício de jardinagem. Nesta carta estava expresso que deveria ser um jovem, cujos pais eram alemães e que tivesse alguns conhecimentos. Dr. Müller mostrou esta carta a meu pai e sugeriu meu nome. Eu tinha vontade para aprender jardinagem e já me via como paisagista no Jardim Botânico do Rio, ganhando pelo menos doze contos ao ano.

Enfim, quanto antes tanto melhor! Eu fui

\*) Tradução: Annemarie Fouquet Schünke.

### Gärtnerlehre in Desterro

Ich konnte und wollte auch nicht immer zu Hause bleiben, und meine Eltern sannern darauf, mir irgendwo eine Stelle zu verschaffen, wo ich noch etwas lernen konnte. Da traf es sich, daß Dr. Müller (*weltbekannter Botaniker und Biologe in der Kolonie Blumenau*) einen Brief aus Desterro empfing von einem früheren Freunde und guten Bekannten, worin dieser bat, er möchte ihm doch einen jungen Burschen aus Blumenau schicken, der Lust hätte, die Gärtnerei zu erlernen. In diesem Briefe war ausdrücklich betont, daß es ein Bursche von deutschen Eltern sein sollte, der etwas Schulkenntnisse besäße. Dr. Müller zeigte meinem Vater diesen Brief und brachte mich in Vorschlag. Ich hatte auch Lust dazu. Ich sah mich schon als Kungstgärtner am Botanischen Garten in Rio mit wenigstens 12 Contos im Jahr angestellt. - Also, je eher, desto besser! Ich wurde mit etwas Zeug ausgestattet, bekam einige Milreis Reisegeld in die Tasche und gondelte eines schönen Tages per Gelegenheit ab. Bis an die Barra brauchte ich nicht zu bezahlen, weil ich mit ruderte. Hier aber mußte ich einige Tage warten, weil kein Schiff ging. Als mein Geld schon ziemlich weggeschmolzen war, fand ich doch einen Segler, dessen Kapitän an einem Tage nach Desterro gelangen wollte. Er hatte aber die Rechnung ohne das Wetter gemacht, das uns zwang, auf dem Kasten auch noch zu übernachten, was gerade keine Freude war. Aber schließlich erreichten wir doch unser Reiseziel.

Ich suchte noch am gleichen Tage meinen neuen Herrn auf. Derselbe wohnte in Praia Fora und hieß Hippolyte Gautier, er vertrat hier die französische Regierung. - Bald stand ich vor dem schönen Hause, auf dem die französische Flagge lustig wehte. Der Konsul selbst nahm mich in Empfang. Er war ein alter, freundlicher Herr, den man auf den ersten Blick lieb gewann. Er las mein Empfehlungsschreiben von Dr. Müller, klopfte mir auf die Schulter und gab mir in portugiesischer Sprache die nötingen Anweisungen. Ein schwarzer Diener zeigte mir eine sehr kleine Kammer, in der ich wohnen und schlafen sollte. - Leider kam ich später mit dem Hausherrn selbst in gar keine Berührung mehr, sondern stand unter dem Befehle seines Schwiegersohnes, eines Brasilianers, der sämtliche Dienstboten wie seine Sklaven behandelte. Er führte im Hause das Kommando. Der Konsul lebte nur für sein Amt und seine Orchideen, mit denen er auch Handel trieb.

Ich mußte meine schon ohnehin kleine Kammer noch mit zwei deutschen Burschen teilen, die mit mir im Garten arbeiteten. Sie waren Westfälinger. Ihre Eltern wohnten in Theresópolis. Sie erzählten mir auch gleich denselben Abend noch alle Verhältnisse im Hause meines neuen Herrn und meinten dabei, der "Alte" sei ein guter Kerl, aber der andere müßte wohl vom Teufel abstammen. - Das waren freilich keine guten Aussichten für mich. Dazu kam noch, daß meine Kameraden erkatholisch waren und mich Protestanten heimlich haßten. Dies kränkte mich natürlich und gab in der Folge zu manchen bitteren Worten Veranlassung. Auch daß

beneficiado com alguma roupa, recebi alguns mil-réis para a viagem e, um belo dia fui de carona até a Barra. Como ajudei a remar, não precisei pagar nada, porém, lá tive de aguardar alguns dias porque nenhum navio levantou âncora. Mas, quando meu dinheiro já estava quase acabando consegui encontrar um veleiro, cujo comandante pretendia chegar em um dia a Desterro. No entanto, ele não considerou a situação meteorológica, que nos obrigou a pernoitar naquela arca, o que realmente não foi nenhum prazer. Enfim alcançamos nosso destino.

No mesmo dia fui apresentar-me ao meu novo patrão, Hippolyte Gautier. Ele morava na Praia de Fora e representava o governo francês. Em pouco tempo estava diante da bela casa, sobre a qual balouçava a bandeira francesa. Fui recebido pelo próprio Cônsul. Era um simpático senhor idoso, pelo qual, à primeira vista, sentia-se afeição. Ele leu minha carta de apresentação, do Dr. Müller, bateu em meu ombro e deu-me as instruções necessárias em português. Um empregado negro indicou um quarto bem pequeno, no qual eu deveria morar. Infelizmente não tive mais nenhum contato com o dono da casa, pois estava sob as ordens de seu genro, um brasileiro, que tratava todos os empregados como se fossem escravos. Era ele que dava as ordens na casa. O Cônsul vivia para seu trabalho e suas orquídeas, as quais também comercializava.

Fui obrigado a compartilhar meu quarto, o qual já era pequeno, com mais dois jovens alemães que trabalhavam comigo no jardim. Eles eram oriundos da Westfália e seus pais moravam em Teresópolis\*. Logo na primeira noite me contaram sobre as condições reinantes na casa e disseram que o “velho” era uma pessoa boa, mas que o outro deveria descender do diabo. Evidentemente as perspectivas não eram boas. Somando-se a isso, meus companheiros eram católicos fervorosos e me odiavam secretamente, por eu ser protestante. Isto naturalmente me magoou e conseqüentemente deu margem à discussão. Desde o início senti-me numa situação embaraçosa, porque era considerado empregado ou melhor um negro, mas com o Dr. Müller havia sido combinado que eu seria admitido como aprendiz. Se meus pais tivessem tido conhecimento sobre a realidade reinante, jamais teriam me deixado vir para cá, nem eu teria vindo, mas já que estava aqui só me restava agüentar o quanto podia.

O jardim do Cônsul era um dos mais belos da ilha, e havia orquídeas dependuradas em cada árvore. Estas eram classificadas, identificadas com nome e número, embaladas e expedidas. Logo que cheguei fui obrigado a cortar, com uma tesoura apropriada, as lâminas de zinco em tiras onde eram assinalados o nome e número da referida planta. Cada exemplar continha uma destas tiras.

ich als Dienstbote oder vielmehr als Neger betrachtet wurde, brachte mich gleich von vornherein in eine schiefe Stellung; denn mit Dr. Müller war ausgemacht worden, daß ich als Lehrling eintreten sollte. Hätten meine Eltern gewußt, wie es hier in Wirklichkeit war, sie hätten mich nimmermehr hergelassen, und ich wäre auch nie gegangen; so aber war ich einmal hier nahm mir auch vor, auszuhalten so lange es irgend ging.

Der Garten des Konsuls war einer der schönsten auf der ganzen Insel, aber an jedem Baum und Strauch hingen Orchideen und andere Schmarotzerpflanzen. Diese wurden nach und nach sortiert, mit Namen und Nummern versehen, verpackt und versandt. In der ersten Zeit mußte ich nur immer mit einer großen Blechschere Streifen von Zinkblech schneiden, auf denen der Name und die Nummer der betreffenden Pflanze aufgeschrieben wurde. Jedes einzelne Exemplar bekam einen solchen Blechzettel angehängt.

Dieses Zerschneiden des Zinkblechs sieht nun sehr leicht aus; wer es aber nicht gewöhnt ist, dem läuft bald das Blut an den Händen herunter; wenigstens ist es mir so ergangen. Später mußte ich im Garten mitarbeiten, bekam aber auch noch andere Arbeit genug, die gar nicht zur Gärtnerei gehörte. - Die Arbeit wurde mir nicht schwer, aber an die gänzlich veränderte Lebensweise und Kost konnte ich mich nicht so schnell gewöhnen. Früh gab es eine winzige Tasse sehr starken und sehr heißen schwarzen Kaffee mit einem Weißbrötchen für 2 vintens. Das Frühstück kam erst um 10 Uhr und bestand in kaltem Aufschnitt. Mittagessen gab's um 3 Uhr und Abendbrot um 10 Uhr abends. War die Herrschaft aber zum Theater gewesen, so wurde es auch manchmal Mitternacht und darüber, ehe wir zum Nachtessen gerufen wurden. So war es Mode in allen brasilianischen Häusern der Stadt. Das wäre ja alles gut gewesen, aber erst aß die Herrschaft, dann das Küchenpersonal, welches hier aus zwei Negerinnen, einem alten Neger und einem Mulattenjüngling bestand. Die beiden schwarzen Schönen führten die Küche, in die niemals eine Person von der Herrschaft hineinkam. Wahrscheinlich, weil sie sich den Appetit nicht verderben wollten. - Der alte Neger mußte die grobe Arbeit verrichten und der Mulattenbengel machte den Laufburschen. - Nach diesen vier Küchengeistern kamen wir erst an die Reihe beim Essen. Man kann sich leicht denken, daß sie uns nicht die besten Bissen übriggelassen haben. Ein Gutes hatte diese Reihenfolge doch: wir verbrannten uns niemals den Schnabel! Die Teller wurden nicht erst gewechselt oder gar abgewaschen. Nur die Gabeln waren von den Schwarzen selten benutzt worden, weil sie meistens mit den Fingern in die Schüsseln und Teller langten. Abendbrot aßen wir gewöhnlich gar nicht, weil wir dann schon immer in tiefem Schlaf lagen. - Das Essen für uns stand immer auf dem Küchentisch, der aber über alle Begriffe schmutzig war. In der ersten Zeit konnte ich vor Ekel nichts hinunter bringen, aber als ich erst richtigen Hunger hatte, ging's doch...

Auch an das Wasser konnte ich mich sehr lange nicht gewöhnen. Es gab

O corte das lâminas de zinco até parece ser fácil, mas para quem não está habituado a este serviço, em pouco tempo está com as mãos ensangüentadas, pelo menos foi o que sucedeu comigo. Mais tarde precisei trabalhar no jardim, mas tive de fazer outras coisas também, que não tinham nada a haver com jardinagem.

O trabalho não era muito desgastante, porém não consegui acostumar-me tão depressa ao modo de vida e à alimentação. De manhã recebíamos uma pequena xícara de café preto muito quente e forte e um pãozinho de dois vinténs; o lanche com frios era servido só às dez horas; o almoço, às três da tarde; o jantar, às dez da noite. Mas quando os patrões iam ao teatro, éramos chamados para o jantar à meia-noite ou até mais tarde. Este era o estilo de vida em todas as casas dos brasileiros da cidade. Até aí tudo bem, mas primeiro jantavam os patrões, depois os empregados da cozinha – duas negras, um negro velho e um jovem mulato. As duas beldades negras eram as autoridades na cozinha, na qual jamais um dos patrões entrava, certamente para não estragarem seu apetite.

O velho negro executava os trabalhos mais grosseiros, enquanto o mulato era o faz tudo. Nós somente comíamos depois dos quatro “gênios” da cozinha. Dá para imaginar que não sobravam os melhores pedaços. Contudo havia o lado bom desta ordem, pois não sapecávamos nosso “bico”. Os pratos não eram trocados, tampouco lavados, os garfos eram raramente usados pelos negros, porque eles normalmente pegavam a comida das travessas e pratos com os dedos. Em geral nem jantávamos, pois normalmente já estávamos dormindo. A nossa comida estava sempre em cima da mesa da cozinha, que incompreensivelmente sempre estava imunda. Nos primeiros tempos eu nem conseguia comer de tanto nojo que tinha, mas quando a fome apertou, aí até que deu...

### Desterro no Século XIX

Durante muito tempo também não pude me acostumar à água. Havia água de fonte de boa qualidade, mas precisávamos buscá-la de longe e era apenas destinada aos patrões.

Nós, os empregados, tínhamos de tomar a água salobra e salgada do poço do jardim, pois havia infiltração da água do mar. Era impossível tomá-la quando havia maré alta. Poderíamos ter suportado tudo isto, se nosso comandante nos tratasse com bondade. Os dois jovens da Westfália eram “casca grossa” e não se importavam muito. Quando as coisas se tornavam difíceis eles ameaçavam ir embora, então o rude patrão cedia. Ele dificilmente poderia dispensá-los por-

wohl sehr gutes Quellwasser, welches aber weit hergeholt werden mußte und eigentlich nur für die Herrschaft bestimmt war. Wir Dienstboten mußten aus einem Brunnen im Garten trinken, dessen Wasser brackig und salzig schmeckte, weil das Seewasser von unten eindrang. Wenn Flut war, konnte man es überhaupt nicht genießen. - Das wäre ja alles noch zu ertragen gewesen, wenn nur unser Kommandant uns menschlich behandelt hätte. Die beiden Westfälinger hatten ein dickes Fell und machten sich nicht viel daraus. Wenn es zu toll kam, drohten sie mit Fortlaufen, und dann gab der grobe Patron immer wieder nach. Er konnte sie schlecht entbehren, weil sie schon eingearbeitet waren und er sich auf sie verlassen konnte. Mit mir stand die Sache anders. Ich konnte nicht gleich weglaufen und war daher seinen bösen Launen preisgegeben. Ich mußte gar oft den Blitzableiter für ihn abgeben.

Wahre Festtage für mich waren die Sonn- und Feiertage, an denen ich, gänzlich frei vom Dienst, hingehen konnte, wohin ich wollte. Auch die Tage, an denen wir im Urwald Orchideen sammeln mußten, waren Festtage für mich. Eines Sonntags spazierte ich am Gefängnis vorbei und hatte eben eine Zigarre angeraucht, als ich den mir schon bekannten Zischlaut der Brasilianer hörte: zsch, zsch! Ich drehte mich um und erblickte hinter den dicken eisernen Gittern des Gefängnisfensters das Gaunergesicht eines schwarzen Sträflings. Er bat mich sehr höflich um Feuer. Ich reichte ihm meine Zigarre, die er grinsend zwischen seine dicken Lippen steckte und nun selber rauchte. - Ich stand noch und mochte wohl kein sehr geistreiches Gesicht gemacht haben, als mich die Schildwache am Genick erfaßte und unsanft in das Gefängnis beförderte. In meiner Unschuld hatte ich nicht gewußt, daß niemand mit einem Gefangenen sprechen und noch viel weniger ihm etwas geben durfte. Na ja, jetzt saß ich in der Patsche! Ich wurde in einen großen Raum gestoßen, in dem sich viele Gefangene befanden, die mit allerlei Arbeit beschäftigt waren. Einige flochten Stroh Hüte, Lasso, Kopfhalter, Zügel u.s.w., andere machten Holz- oder Lederpantoffeln, Schuhe und Stiefel. Es war wie in einer großen Fabrik. - Niemand beachtete mich. Ich kroch in einen dunklen Winkel und heulte wie ein bestrafter Schuljunge. Darüber schlief ich schließlich ein. Auf einmal wurde ich wachgerüttelt und erblickte einen Mann in zerrissener Uniform. Dieser fragte mich, wie ich hieß, wo ich wohnte und warum ich hier säße. Ich sagte ihm, wie alles gekommen, und er bemerkte dazu: "Wenn du 800 reis bezahlst, kannst du wieder laufen". Ich hatte kein anderes Gelb bei mir als einen Zwei-Milreis-Schein, den ich ihm mit Freuden gab. Er steckte ihn ein, und ich habe heute noch 1\$200 bei der Gefängnisverwaltung in Desterro zugute, werde sie aber, unter uns gesagt, niemals einfordern.

Ich lief förmlich nach Hause und war der festen Meinung, daß alle Menschen mir jetzt ansehen könnten, daß ich direkt aus dem Gefängnis kam. Ich dummer Teufel erzählte es gleich den beiden Westfälignern und mußte nun eine Zeitlang ihren Spott darüber dulden.

Dicht hinter dem Garten befand sich das Meer, nur ein schmaler

que já estavam habituados ao trabalho, além disso podia confiar neles. Comigo era diferente, eu não podia sair correndo por aí e assim estava exposto a seu mau humor. Muitas vezes eu servia de pára-raio.

Os domingos e feriados eram verdadeiros dias de festa para mim, pois estava dispensado do serviço e podia ir para onde quisesse. Igualmente festivos eram os dias, nos quais colhíamos orquídeas na mata virgem. Certo domingo, eu estava passando em frente ao presídio e acabara de acender um charuto, quando ouvi o conhecido “psiu”, típico dos brasileiros. Virei-me e deparei com a cara de bandido, de um presidiário negro, atrás das grossas grades de ferro da janela. Ele, gentilmente, pediu por fogo. Eu lhe alcancei meu charuto, o qual, com um sorriso, colocou entre seus grossos lábios e fumou. Eu ainda estava parado, certamente meio sem graça, quando a sentinela me agarrou pelo cangote e me levou de maneira rude para dentro do presídio. Na minha ingenuidade eu não sabia que ninguém podia falar, muito menos alcançar coisa alguma para um preso. Bem, agora eu me encontrava num beco sem saída.

Fui empurrado para dentro de uma sala, na qual se encontravam muitos presos entretidos em diversas atividades. Alguns confeccionavam chapéus de palha, laços, cabrestos, rédeas, etc., outros confeccionavam tamancos de madeira ou couro, sapatos e botas. Era tudo como numa grande fábrica. Ninguém se apercebeu de mim. Eu me arrastei para um canto escuro e chorei como um colegial castigado. Finalmente dormi. De repente fui acordado com sacudidas e vi um homem trajando um uniforme rasgado. Ele perguntou meu nome, onde morava e por que estava ali. Eu lhe contei como tudo sucedeu, e ele retrucou: “Se pagares 800 réis, poderás sair.” Eu só tinha uma nota 2.000 réis, que lhe entreguei com satisfação. Ele a embolsou e ainda hoje tenho um crédito de 1.200 réis junto à administração do presídio de Desterro, mas com certeza jamais irei cobrá-lo.

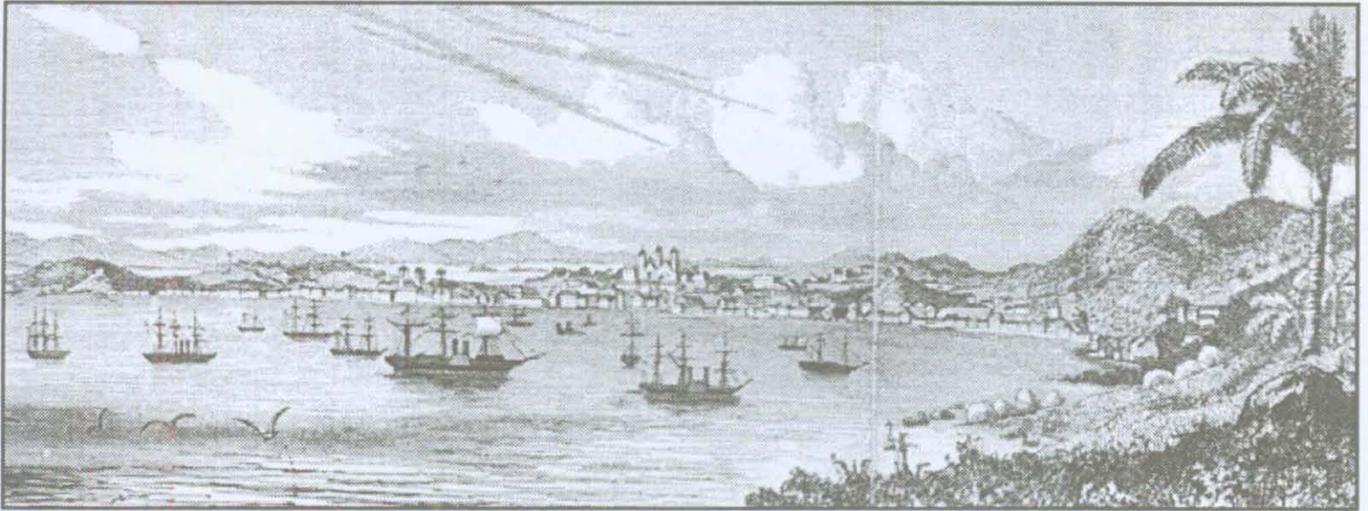
Eu, praticamente, corri para casa, pois estava convencido de que todas as pessoas perceberiam que eu saíra do presídio. Fui tolo, pois logo contei o acontecido para meus dois companheiros da Westfália, e assim precisei suportar sua zombaria durante muito tempo.

Apenas uma pequena faixa de areia, que era usada como caminho pelos pedestres, separava o mar do jardim. Era ali, aos domingos que, às vezes, eu ficava sentado durante horas na areia branca observando o vai e vem das ondas e dos navios. Em Blumenau, eu costumava banhar-me diariamente no rio, e por isso sabia nadar e mergulhar como uma lontra, mas aqui, na jurisdição da cidade, o banho era proibido. Certa noite, eu não consegui resistir à tentação e, como não havia ninguém ao longo da praia, desfiz-me depressa de minhas roupas, com exceção da cueca, e entrei no mar. Eu exultei com o bater das ondas em meu corpo, era a primeira vez que eu tomava banho de mar.

Sandstreifen war dazwischen, der auch von Fußgängern als Weg benutzt wurde. Hier saß ich des Sonntags manchmal stundenlang auf dem weißen Sand und sah dem Spiel der Wellen zu oder beobachtete die ein- und auslaufenden Schiffe. In Blumenau hatte ich täglich im Fluß gebadet und konnte daher auch schwimmen und tauchen wie ein Fischotter. Hier im Weichbild der Stadt war das Baden verboten. Eines Abends konnte ich aber der Versuchung nicht länger widerstehen. Den ganzen Strand entlang war keine Menschenseele zu sehen. Schnell zog ich mich aus bis auf die Unterhosen, und nun ging's in die wogende See. Ich jauchzte vor Freude, als mir die Wellen entgegenschlugen. Es war das erste Mal, daß ich im Meere badete. Eine kleine Insel vor mir sollte mir als Ziel und Ruhepunkt dienen. Lustig schwamm ich darauf zu. Als ich sie erreicht hatte, sah ich zum Strand zurück. Heiliger Antonius von Padua! Da stand ein Haufen Menschen; die gafften zu mir herüber, winkten und schrieten mir etwas zu. Ich konnte es aber nicht verstehen, die Entfernung war zu groß. Mir war gar nicht wohl zu Mute dabei, weil mir gleich wieder das leidige Gefängnis einfiel. Damit war's in Blumenau doch schöner, da konnte man baden nach Herzenslust, ohne eingesteckt zu werden. - Aber was half's! ich mußte wieder zurück, und bald präsentierte ich mich der gaffenden Menge in Unterhosen. - Diesmal war meine Angst umsonst gewesen. Es war nur eine Schar Neugieriger hier zusammengelaufen, um meine Schwimmübungen zu sehen. Sie wunderten sich, daß ein Alemão schwimmen konnte und belobten meine Kunst. Dies ärgerte wohl einen jungen brasilianischen Matrosen, und er forderte mich auf, mit ihm um die Wette zu schwimmen. Die Insel sollte das Ziel sein. Ich war gar nicht müde und hatte soeben erfahren, daß das Meerwasser wegen seines Salzgehaltes viel besser trägt als das Süßwasser. Nach kurzem Bedenken nahm ich die Wette an. Es ging nur um die Ehre.

Die Zuschauer, deren es mittlerweile immer mehr wurden, brachen in ein Gejohle aus und schlossen unter sich Wetten ab. Und so ging die Geschichte los! - Mein Gegner kam mir gleich am Anfang ein gutes Stück voraus, und meine Aktien an Land fielen auf Pari. Aber der Matrose schwamm wie ein Hund, das heißt, er paddelte mit allen Vieren, wie es die Hunde tun. Man sah gar nichts von dem ganzen Kerl, so spritzte er um sich rum. Ich ließ ihn ruhig zappeln und folgte in regelmäßigen Stößen nach regelrechter Schwimmart, wie ich es von meinem Vater erlernt hatte. Ich schonte mich sogar, bis ich sah, daß er anfang flau zu werden. Jetzt galt es. Ich setzte meine ganze Kraft ein und überholte ihn mit Leichtigkeit. Eine kleine Weile saß ich schon auf meinem Felsenthron, als er hustend und prustend herankam. Zuguterletzt war ihm noch Salzwasser in die Kehle geraten und hatte ihn am Schwimmen gehindert.

Ich hatte die Wette glänzend gewonnen, er aber gab seinem Verschlucken die Schuld an seiner Niederlage. Ich ließ ihn bei seinem Glauben und bot die Wette zurück bis an den Strand an. Mein Gegner ging aber nicht darauf ein. Obwohl wir



O meu objetivo e lugar de repouso seria uma pequena ilha diante de mim. Animado, nadei em sua direção e quando a alcancei olhei para a praia. Santo Antônio de Pádua! Lá, havia uma multidão que me olhava, abanava e gritava. Eu, porém, não conseguia entender coisa alguma, pois a distância era muito grande. Não me senti muito à vontade, pois logo me lembrei do presídio. Em Blumenau era bem melhor, pois se podia tomar banho o quanto se queria, sem ser preso. Mas de que me adiantava! Era preciso voltar, e me apresentei à multidão de cueca.

Desta vez meu medo foi em vão, só havia curiosos que acorreram para me verem nadar. Eles ficaram espantados que um alemão sabia nadar e fui elogiado pela minha habilidade. Isto deve ter incomodado a um marinheiro brasileiro, que me desafiou para uma aposta. O objetivo seria a ilha. Eu não estava nem um pouco cansado, além disso havia percebido ainda há pouco, que, por causa da salinidade, era mais fácil nadar na água do mar do que na água doce. Após um momento de reflexão aceitei o desafio, afinal era uma questão de honra.

Entrementes aumentava o número de espectadores, eles berravam e apostavam entre si. Então começamos! Logo no início, meu adversário levou vantagem e as apostas em terra se equilibraram. Mas o marinheiro nadava como um cachorro, quer dizer ele chapinhava, assim como estes animais costumam fazer. Não se via nada do sujeito de tanto que respingava a água. Eu o deixei se debater, seguindo com movimentos regulares, assim como havia aprendido com meu pai. Mas me resguardei, até perceber que ele estava se entregando. Agora era tudo ou nada. Empenhei-me ao máximo e consegui ultrapassá-lo com facilidade. Eu já estava sentado em meu trono no rochedo quando ele apareceu ofegante e tossindo. Enfim, ele ainda havia se engasgado com a água salgada, que o impediu de nadar melhor.

Eu venci brilhantemente, mas ele justificou sua derrota com o engasgo.

also zurück nicht gewettet hatten, merkte ich doch bald, daß er der erste sein wollte beim Landen. Das wurde ihm aber gründlich verdorben. Ich spielte bloß mit ihm, tauchte unter ihm weg, schoß dann eine Strecke voraus, legte mich auf den Rücken, um ihn wieder herankommen zu lassen, und wiederholte dann dasselbe Manöver. Mit Geschrei und Vivat-Rufen wurden wir von den Zuschauern empfangen. Ich war der Held des Tages!

Mein Gegner aber, den ich im Wasser geschlagen hatte, wollte mich dafür auf dem Lande schlagen. Wütend vor Ärger über seine Niederlage, vielleicht auch aufgehetzt von der Partei, die mit ihm verloren hatte, stürzte er sich plötzlich auf mich nichts Ahnenden und warf mich in den Sand. Er war stärker als ich und lag über mir und hatte mich die in der Gewalt. Ehe ich wieder Luft schöpfen konnte, hatte ich meine gehörige Portion weg. Aber ich rappelte mich doch wieder auf und gab ihm jetzt seine brasilianischen Hiebe auf echt deutsche Art wieder zurück. - Wer weiß, wie es noch gekommen wäre, wenn uns die anderen nicht mit Gewalt getrennt hätten.

Der Kampf hatte bis in die Dunkelheit hinein gedauert, und es war hohe Zeit, daß ich mich verdrückte; denn man war schon im Hause auf den Lärn hinter dem Garten aufmerksam geworden und kam, um nachzusehen, was es gäbe. Ich hatte gerade noch Zeit, mich anzuziehen und hinter einen dichten Busch zu kriechen, als auch schon der Kommandant mit seinen zwei Westfälینگern anlangte. Glücklicherweise hatten sich die Zuschauer alle verkrümelte, und so hörten und sahen sie nichts mehr von der ganzen Begebenheit. - Mir aber taten noch einige Tage danach die Hände weh und auch noch andere Glieder.

Am Fronleichnamfest wurde ich in die Stadt geschickt, um eine große Pastete, die schon tags vorher bestellt war, bei dem Pastetenbäcker zu holen. Ich bekam einen großen, wunderschönen Präsentierteller in die Hand gedrückt und walzte los. Aber als ich in die Mitte der Stadt kam, waren alle Straßen vollgestopft von Menschen. Die Glocken sämtlicher Kirchen bimmelten ohne Aufhören. Es war ein Menschengewühle, daß man nicht wußte wie man durchkommen sollte. Alles eilte und drängte nach den Kirchen, um sich zu einer großen Prozession zu ordnen. - Ich mußte bei dem Pastetenkünstler noch warten. Als ich dann aus dem Hause trat, kam mir der ganze Zug schon entgegen mit Beten, Singen und Glockenspiel. Die ganze Straße war so voll Andächtiger, daß ich vorläufig unmöglich durchkommen konnte; ich mußte den dicksten Haufen erst vorüber lassen. Ich trug die Pastete wieder rein und sah mir die Geschichte mit an. Heiligenbilder, Priester in kostbaren Gewändern, Kirchenfahnen, Chorknaben mit Wachskerzen so groß wie sie selber zogen an mir vorüber. Endlich kam der Kern, das heilige Sakrament unter einem kostbaren Thronhimmel, der ganz mit goldenem Flitterkram behängt war und von vier Geistlichen getragen wurde: da lag eine Holzfigur, welche den Leichnam Jesu vorstellen sollte. Dieselbe war in Lebensgröße und wirklich sehr gut gemacht.

Eu o deixei nesta ilusão e sugeri nova aposta até a praia, mas ele não aceitou. Logo percebi que, apesar de não termos apostado, ele fazia questão de chegar por primeiro. Mas ele se deu muito mal. Eu comecei a brincar com ele; uma vez mergulhava por baixo dele, avançava um bom pedaço para então boiar, deixando-o se aproximar, repetindo novamente a manobra. Fomos recebidos pelos espectadores com aclamação e berreiro. Eu era o herói do dia!

Mas, meu adversário, que eu havia derrotado na água, queria derrotar-me em terra. Espumando de raiva pela derrota, talvez atiçado por sua torcida que perdera juntamente com ele a aposta, atirou-se sobre mim e me jogou na areia, pegando-me totalmente desprevenido. Ele era mais forte do que eu e estava sobre mim, tendo-me em seu poder. Antes que eu pudesse respirar, já tinha levado a pior. Mas eu consegui reerguer-me e retribuí seus socos à moda brasileira, pelos autênticos socos à moda alemã. Sabe-se lá o que ainda teria acontecido, se as demais pessoas não nos tivessem separado a força.

A luta se estendera até a noite e já era tempo de me safar, pois o barulho atrás do jardim havia chamado a atenção dentro da casa, tanto que vieram verificar o que tinha acontecido. Ainda deu tempo de me vestir e arrastar-me por detrás de um arbusto, quando o comandante e os dois rapazes da Westfália apareceram. Felizmente os espectadores já haviam sumido, sendo assim, não mais viram nem ouviram nada do acontecido. Durante vários dias tive dores nas mãos e em outros membros.

No dia de Corpus Cristi fui mandado para a cidade, a fim de buscar um pastelão, que já havia sido encomendado na véspera junto ao pasteleiro. Um prato grande e maravilhoso foi colocado em minha mão, e então saí rebolando. Quando cheguei ao centro da cidade, as ruas estavam entupidas de gente. Os sinos de várias igrejas soavam ininterruptamente. A aglomeração de pessoas era tanta que não tinha nem como passar. Todos se apressavam e se empurravam em direção das igrejas para participar da grande procissão. Eu precisei esperar junto ao mestre-pasteleiro e quando saí do estabelecimento, a procissão com suas orações, cantos e o badalar dos sinos já vinha ao meu encontro. Fui obrigado a deixar passar o maior movimento, pois a rua estava tão repleta de fiéis, que era impossível seguir em frente. Retornei ao estabelecimento com o pastelão e apreciei o evento.

À minha frente passaram imagens de santos, padres em suas suntuosas vestimentas, flâmulas das igrejas, coral de meninos que carregavam velas de cera de seu tamanho. Enfim, veio o mais importante: o santo sacramento debaixo de um dossel, ornamentado com ouro e carregado por quatro sacerdotes. Lá, havia uma figura de madeira representando o corpo de Cristo, em tamanho natu-

Ich hatte schon viel von Bilder - und Götzendienst gehört und gelesen, hier konnte ich ihn zum ersten Male in meinem Leben mit eigenen Augen anschauen. Denn was ist es anders als Götzendienst, wenn Menschen ein Stück Holz anbeten und küssen. Die hölzerne Figur, die unseren Herrn und Heiland verkörperte, wies an vielen Stellen Vertiefungen auf, die von den Gläubigen herrührten. Ist das wahre Verehrung des göttlichen Wesens? Ich glaubte das nicht! - Aber ich sollte für meinen Unglauben bitter bestraft werden. Ich mußte dann mit meiner Pastete quer durch den Zug, um in die richtige Straße zu gelangen, die ganz frei von Menschen war und direkt nach Praia Fora führte. Ich versuchte durchzuschlüpfen, hatte aber leider den Hut aufbehalten und mußte nun für dieses schreckliche Verbrechen schwer büßen. Sogleich erscholl der hundertstimmige Ruf: Tira o chapeo! Tira o chapeo! Abaixo o chapeo! Abaixo herege! Abaixo êle! Abaixo o alemão bruto! Abaixo o inimigo da nossa santa Igreja! (Zieh den Hut! Zieh den Hut! Herunter mit dem Hut! Nieder mit dem Ketzer! Nieder mit ihm! Nieder mit dem ungeschliffenen Deutschen! Nieder mit dem Feind unserer heiligen Kirche!).

Ja, du lieber Gott! Ich mußte doch mit beiden Händen den großen Teller halten! Als ich sah, in welcher Gefahr ich schwebte, versuchte ich durch heftiges Kopfschütteln den Hut herunter zu bekommen. Dies nahm die aufgeregte Menge für ein verneinendes Zeichen ihrer Aufforderung und sah es für Trotz an. Sie ließen mir nicht Zeit zum Abschütteln des Hutes und fielen wie rasend über mich her. So viele Fäuste, wie mich nur erreichen konnten, sausten auf mich nieder. Blitzschnell wurde ich zu Boden gerissen, geschlagen, mit Füßen getreten und gestoßen. Die Menge war blind vor Wut in ihrem Fanatismus und hätte mich zerfleischt, wenn nicht ein Geistlicher sich meiner erbarmt und das Kruzifix über mich gehalten hätte. Er war vielleicht der einzige wahre Priester unter allen anderen Geistlichen, welche in diesem Zuge gingen; denn die anderen kehrten sich nicht im geringsten um meine Not. Mein Beschützer zog mich aus dem Pöbelhaufen heraus und legte mich an die Seite eines Hauses, wo er sich schützend vor mich stellte bis andere Hilfe kam. - Ich hatte in dem Augenblick so viel bekommen, daß ich weder stehen noch gehen, ja, nicht einmal sprechen konnte. Über und über mit Blut bedeckt, mit beschmutzten und zerrissenen Kleidern lag ich da, mehr tot als lebendig. Der gute Priester hatte mich vor einem schrecklichen Tode errettet. Kam derselbe nur einige Sekunden später, so wär ich verloren. Die Polizei sah den Vorfall ruhig mit an, ohne einen Finger zu meiner Hilfe zu rühren.

Bald bekam ich andere Hilfe; deutsche Männer hoben mich auf und trugen mich in ein Haus. Hier wurde ich von ihnen gewaschen, verbunden und mit Wein gestärkt. Ich erholte mich wieder so weit, daß ich - wenn auch mit Mühe und Not und gestützt von einem meiner Helfer - wieder nach Hause gehen, vielmehr wanken konnte. Hier hielt mir mein liebenswürdiger Kommandant und Quälgeist eine lange Strafpredigt, deren langer Rede kurzer Sinn war, daß ich diese Lektion wohl verdient hätte und daß er mir die verlorene Pastete samt Teller von meinem Lohn abziehen würde.

ral e realmente bem feita.

Eu já havia escutado e lido muito sobre idolatria de quadros e imagens. Aqui, pela primeira vez em minha vida pude ver com meus próprios olhos. Pois, quando pessoas adoram e beijam um pedaço de madeira, não é nada mais do que idolatria. A imagem de madeira, personificando nosso Salvador, apresentava em vários lugares um aprofundamento, resultado do toque dos fiéis. Será isto a verdadeira veneração do Ser Supremo? Eu não acredito nisto!

Mas, eu tive de pagar amargamente por minha descrença. Eu precisava atravessar a procissão para chegar à rua que estava completamente vazia e ia diretamente à Praia de Fora. Tentei passar, mas infelizmente havia esquecido de tirar o chapéu, sendo severamente castigado por este crime. Imediatamente soaram centenas de vozes: tira o chapéu, tira o chapéu! Abaixo o chapéu! Abaixo o herege! Abaixo com ele! Abaixo o alemão bruto! Abaixo com o inimigo da santa Igreja!

Meu bom Deus! Eu precisava segurar o prato com as duas mãos. Mas quando percebi o perigo em que me encontrava, tentei sacudir a cabeça para tirar o chapéu. Este gesto, foi considerado, pelo povo agitado, como uma recusa de minha parte para tirar o chapéu e foi interpretado como afronta. Nem tive tempo para me desfazer do chapéu, pois se atiraram sobre mim. Daqueles que conseguiram me agarrar, levei muitos socos. Rapidamente fui jogado ao chão, surrado, chutado e pisoteado. O povo, em seu fanatismo, estava possuído de ódio e teria me dilacerado, caso um sacerdote não se tivesse apiedado e segurado o crucifixo sobre mim. Talvez este tenha sido o único verdadeiro sacerdote entre os demais, pois os outros nem se importaram um pouco com minha aflição. Meu protetor me tirou do meio do populacho, deitou-me ao lado de uma casa e me protegeu até que veio ajuda.

Eu tinha apanhado tanto, que não conseguia ficar em pé, nem andar, tampouco conseguia falar. Eu estava deitado, mais morto do que vivo, todo ensangüentado. O bondoso sacerdote havia me salvo de uma morte horrível, pois se tivesse vindo alguns segundos mais tarde eu teria estado perdido. A polícia assistiu a tudo tranqüilamente, sem mexer um dedo para me ajudar.

Em seguida veio outra ajuda; alguns alemães me ergueram e levaram para dentro de uma casa. Eles me lavaram, fizeram curativos e deram vinho para me fortalecer. Eu consegui me recuperar o tanto, que voltei para casa andando, ou melhor cambaleando, porém amparado por aqueles que me ajudaram. Aqui, o simpático comandante e algoz me repreendeu com um longo discurso sem sentido algum, dizendo que certamente mereci esta lição e que o valor do prato e do pastelão seriam descontados do meu salário.

## Artigos

---

### Defuntos Coloniais\*

TEXTO:  
JOSÉ FERREIRA  
DA SILVA\*\*



Quem percorre hoje as prósperas colônias alemãs de Santa Catarina, mal poderá ter uma idéia dos trabalhos, das vicissitudes e dos sacrifícios que os seus primeiros povoadores tiveram de suportar nas menores necessidades da luta cotidiana pela existência nas asperezas da mata virgem, cheia de surpresas amargas e de perigos sem conta.

Léguas e léguas longe dos centros povoados, onde uma ou outra casa de negócio começava a prosperar, com que custo conseguiam os imigrantes — que a direção do estabelecimento destinava ocupação dos lotes mais afastados — arranjar a farinha para o “brot” ou a polenta! Quantas horas precisavam caminhar pela estreita e lamacenta picada, eriçada de raízes e troncos de árvores recém-derrubadas para comprar a carne seca, o feijão, o remédio, a fazenda!

Sucediam um acidente qualquer, uma cobra que picasse alguém, uma árvore que ao cair nas roçadas apanhasse o pobre trabalhador, que dificuldades para transportar o ferido à sede da colônia ou trazer o médico ao local do desastre quando o estado da vítima fosse grave!

E nem mesmo em caso de morte eram de fácil solução os problemas que se apresentavam para dar sepultura decente ao cadáver e cumprir as prescrições impostas pela lei.

Nesse sentido, a história e a tradição nos legaram peripécias que, contadas agora, fazem rir, mas que custaram de certo muitas lágrimas e muitos sofrimentos aos que nelas tomaram parte.

José Zipperer, uns dos fundadores da colônia de São Bento, deixou um livrinho de

\*) Fonte: Calendário Blumenauense, 1935 - pg. 35

\*\*) Idealizador da Revista Blumenau em Cadernos

memórias no qual narra o primeiro enterro ali verificado.

Conta ele que, em certo dia, às duas horas da tarde, apareceram no local em que trabalhava com alguns companheiros, as senhoras Bendlin e Hackbarth, lavadas em lágrimas, comunicando a morte do marido de uma delas, o colono Bendlin.

Não havia nas imediações quem pudesse ajudá-las a dar sepultura ao defunto e isso era justamente o que mais as afligia. Não choravam tanto o marido como a impossibilidade em que se viam de enterrá-lo cristãmente. O cadáver havia já três dias que estava insepulto, entrando em putrefação. Tinham corrido diversos lugares sem encontrar um único homem que as fosse auxiliar.

O chefe da turma mandou, então, que Zipperer acompanhasse as mulheres, indo, primeiramente à sede da colônia arranjar umas tábuas para o caixão. Este, de fato, à noitinha ficou pronto: um caixão de tábuas ainda verdes, de três centímetros de grossura, pesado como um pecado mortal.

Zipperer e as mulheres tiveram que transportá-lo até a casa do



morto, onde chegaram por volta das duas da madrugada.

Um velhinho doente e um rapazinho de seis anos velavam o cadáver, junto do qual haviam feito uma fogueira a cujo clarão, já de longe, se distinguiam as figuras fantásticas dos dois guardas.

Ao aproximar-se, tiveram que tapar as narinas, tal o horrível cheiro que o corpo exalava.

“Carreguei”, escreve Zipperer, “o meu cachimbo com dupla quantidade de tabaco, coloquei o caixão ao lado do cadáver que fiz rolar para dentro, tirando baforadas sobre baforadas de fumo. Se o caixão, por si só, tinha peso considerável, imaginem como não seria com o defunto. Fiz então uma corda de taquaras, amarrei o caixão e o fui puxando até a cova, enquanto as mulheres me auxiliavam, empurrando-o. Depois de ter coberto o caixão com terra, fiz com os outros, uma oração pelo falecido e regressei, caído de cansaço, completamente esgotado. Cheguei em casa pela manhã.”

Outro fato, este de peripécias mais cômicas, deu-se nos primórdios da colonização de Rio do Sul.

Falecera um dos mais prestimosos desbravadores da zona de Trombudo, homem valoroso, dedicado, que gozara de larga estima e grande consideração.

Seus parentes e amigos resolveram sepultá-lo no cemitério do incipiente povoado que é hoje a sede do próspero município vizinho. Tinham, para isso, de transportar o cadáver até a margem do Rio D'Oeste e aí, embarcá-lo em canoa. Contrataram alguns cablocos das vizinhanças e montaram o defunto num cavalo, amarrando-lhe os pés por debaixo da barriga do animal, para que não caísse.

E dessa forma, estranha procissão se pôs em marcha, fazendo as duas dezenas de quilômetros que a casa do morto distava da margem do rio.

O cadáver, ereto, sobre o cavalo, balançando ao passo da montaria, ia à frente. Acompanhavam-no os parentes e os caboclos.

Não foi sem dificuldades que chegaram na beira do rio. A cada instante era preciso cortar um galho, desviar um ramo que avançava sobre a picada ameaçando jogar o defunto do cavalo a baixo.

Puseram o corpo no fundo da canoa, cobriram-no com uma esteira e três cablocos remaram a bom remar. Vinha caindo a noite e com ela, chuva e trovoadas.

Supersticiosos ao extremo, os cablocos começaram a ter medo.



Resolveram, por isso, encostar a canoa a uma das margens e saltar à terra até a manhã seguinte.

Manobravam já a esse sentido quando um forte relâmpago fez com que um dos caboclos amedrontado, perdesse o equilíbrio e caísse na água com tanta infelicidade que a canoa virou.

Com muito custo os caboclos conseguiram salvar-se, mas o defunto foi boiando, arrastado pela correnteza.

Só na manhã seguinte é que o encontraram, alguns quilômetros abaixo, enredado numas moitas de sarandis.

Deram-lhe então, a sepultura que lhe haviam destinado.

Como esses, poder-se -ia contar dezenas de fatos.

Tristes tempos aqueles!

### No Fio do Bigode: memórias e experiências de um imigrante alemão em Lages

TEXTO:

Juçara de Souza  
Castello Branco\*  
Prof. Dr. Valberto  
Dirksen\*\*



Cada memória pessoal é uma perspectiva da memória coletiva.<sup>1</sup> Neste sentido, as memórias do imigrante José Suiter sobre os negócios feitos no fio do bigode, remetem aos encontros e desencontros entre lageanos e alemães, durante o início do século XX, quando o mesmo migrou para Lages.

Neste artigo, a abordagem é feita sob a perspectiva do imaginário enquanto um fenômeno social construído coletivamente, a partir de dispositivos da memória sendo que estes são constantemente submetidos a flutuações, transformações e mudanças.<sup>2</sup>

João Suiter<sup>3</sup> recorda que seu pai, José Suiter, fixou-se no Brasil, após ter vivido alguns anos na Argentina. Quando chegou no porto de Florianópolis, o imigrante alemão presenciou duas pessoas realizando uma transação comercial onde, o comprador para concluir o negócio, pediu recibo e o tropeiro tirou um fio de seu bigode dizendo: Toma, este é o meu recibo.<sup>4</sup>

Por trás deste dito popular, amplamente conhecido entre os brasileiros, existia um imaginário que, no caso de Lages remetia ao coronelismo e às relações hierárquicas reguladas pelos laços de compadrio.<sup>5</sup> De certa forma esta expressão, além de muitas outras, pode ser entendida como tradução mental de uma realidade exterior vivida pelos lageanos e que ultrapassavam a realidade concreta de suas próprias existências.<sup>6</sup>

O jovem operário e imigrante alemão, José Suiter, interpretou os termos da negociação como

\*Juçara de Souza Castello Branco, mestranda do Programa de pós-graduação de História da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista CNPQ.

\*\*Prof. Dr. Valberto Dirksen: professor orientador. Professor do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Estado de Santa Catarina.

um sinal de probidade e honradez entre o comprador e o vendedor. Suas conclusões tinham como base as regras de um mundo capitalista, de onde ele próprio originava. Lealdade e honestidade foram traduzidas como expressões sinônimas e, com base nisto decidiu que iria viver em Lages. Seu filho recorda:

Meu pai pensou: Se um fio de bigode vale um recibo, ele [o tropeiro] deve vir de uma terra de gente muito honesta.<sup>7</sup>

No entanto, os negócios feitos no fio do bigode nem sempre pressupunham honestidade, o que realmente tinha importância era a promessa de lealdade, que deveria ser mantida por uma questão de honra, onde a própria vida poderia ser posta à prova. As palavras usadas como garantia, de certa forma, remetiam a relações de alianças, conflitos, tensões e negociações que eram mediadas pelas promessas de privilégios.

Tais relações faziam parte de um imaginário presente na sociedade lageana que era desconhecido dos alemães que migraram para o Planalto Catarinense, a partir da primeira metade do século XIX. Estes imigrantes encontraram uma sociedade com traços de uma memória quase que herdada<sup>8</sup> da cultura ibérica e suas tradições medievais, trazidas pelas famílias de origem portuguesa que se fixaram naquela região. É claro que o Brasil não teve uma Idade Média pujante: o que aqui se implantou foi simplesmente uma tradição medieval já bastante decadente e deformada<sup>9</sup> na Península Ibérica quando estas famílias de origem portuguesa migraram para os campos de Lages.

A tradição ibérica chegou em Lages como herança dos sertanistas que desbravaram os sertões.<sup>10</sup> Posteriormente estes aventureiros passaram a conduzir tropas de animais de carga para os poucos vilarejos existentes pelo interior brasileiro. Após a abertura do Caminho dos Conventos, em 1728, passaram a guiar, sobretudo, gado bovino, cavalar e muar dos Pampas Gaúchos para as feiras de Sorocaba, onde os mesmos eram comercializados. Alguns destes tropeiros consolidaram-se como fazendeiros nos campos de Lages.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, o tropeiro é o sucessor direto do sertanista e o precursor, em muitos pontos, do grande fazendeiro.<sup>11</sup> Para este autor, a trajetória destes homens possibilita a implantação de alguns traços da cultura ibérica no interior brasileiro, onde:

O espírito de aventura, que admite e quase exige a agressividade ou mesmo a fraude, encaminha-se, aos poucos, para uma ação mais disciplinadora. À fascinação dos riscos e da ousadia turbulenta substitue-se o amor às iniciativas corajosas, mas que nem sempre dão imediato proveito. O amor da pecúnia sucede ao gosto da rapina. Aqui, como nas monções do Cuiabá, uma ambição menos impaciente do que a do bandeirante ensina a mediar, a calcular oportunidades, a contar com danos e perdas. Em um empreendimento muitas vezes aleatório, faz-se necessária certa dose de previdência, virtude eminentemente burguesa e popular. Tudo isso vai afetar diretamente uma sociedade ainda sujeita a hábitos de vida patriarcal e avessa no íntimo à mercância, tanto quanto às artes mecânicas.<sup>12</sup>

Este espírito descrito por Holanda, a meu ver, remete a um dos imaginários que paira sobre as relações da sociedade lageana. Mas, se por um lado uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais notabilizante (...) do que a luta insana pelo pão de cada dia,<sup>13</sup> onde o que admiram como ideal é uma vida de grande senhor, excluída de qualquer esforço, de qualquer preocupação<sup>14</sup>, por outro, o trabalho fazia parte da realidade concreta daquela sociedade. A questão está nos diferentes status que davam às atividades manuais, comerciais e administrativas. Entre eles vigorava a concepção antiga de que o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor.<sup>15</sup> Assim sendo, aqueles que realizavam trabalhos manuais, e que eram a grande maioria da população, tinham menor prestígio dentro da hierarquia social.<sup>16</sup>

Os níveis mais altos desta pirâmide eram ocupados pelos fazendeiros, homens brancos e ricos que através de redes familiares mantinham o poder político e econômico em suas mãos.<sup>17</sup> Deste modo pode-se dizer que para a economia lageana as atividades produtivas representavam menos do que as relações de poder, arquitetadas pelos grandes fazendeiros. Enquanto os coronéis articulavam estratégias de alianças e influências, como já foi mencionado, o grosso da população é que realizava o trabalho pesado. Segundo os censos de 1866 e 1872<sup>18</sup> se observa que o maior contingente da população trabalhava no campo como agricultores ou em outras atividades relacionadas à pecuária. O segundo maior grupo era composto por artesãos de origem portuguesa.

A partir da primeira metade do século XIX, os artesãos lageanos começaram a dividir seu espaço de trabalho com imigrantes alemães que haviam se fixado, sobretudo, em colônias ou cidades do Centro Sul do Brasil e que migraram para Lages em busca de trabalho e terras para plantar e criar animais de pequeno porte. Estes imigrantes tinham algumas informações sobre a paisagem ecológica com seus campos e invernos rigorosos, além de alguns aspectos da política oligárquica e economia relacionados à pecuária. Em alguns casos, também tinham conhecimento da religiosidade que vigorava na região, com seus cultos que mesclavam credos africanos e indígenas com ritos do catolicismo de tradição medieval ibérica, com suas procissões e benzedeiros.<sup>19</sup> Mesmo assim, o encontro humano foi seguido de um desencontro cultural, como as memórias de José Suiter sinalizam, dado aos diferentes modos como lageanos e alemães concebiam a vida e percebiam o mundo que os cercava.



### Lages - Início do século XX

Nesta sociedade o sentimento de lealdade<sup>20</sup>, presente nos negócios feitos no fio do bigode, sinalizavam para relações de tensão, medo

e violência. A promessa de privilégios e favores dos coronéis e compadres nem sempre foram suficientes para conter os conflitos decorrentes das negociações que exploravam as camadas mais pobres que eram a grande maioria daquela população. Neste sentido a sociedade lageana foi palco de tensões e conflitos que levaram muitos sujeitos a uma vida de marginalidade e violência em resposta a condição a que eram submetidos.<sup>21</sup>

A expressão dos negócios feitos no fio do bigode, remetem às traduções mentais de um mundo social que atravessou a realidade concreta. Este mundo era desconhecido, pelo menos, por boa parte dos alemães que migraram para Lages durante o século XIX e início do XX. Neste sentido o imaginário social guardado pela tradição oral oferece condições de abordar alguns dos encontros e desencontros entre alemães e lageanos, durante o período mencionado.

## NOTAS DE FIM

- 1 MALUF, Marina. Ruídos da Memória. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 40.
- 2 POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. In.: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº 10, 1992, p. 201.
- 3 AQUINO, Maria Luiza Suiter. Entrevista realiza em Lages, em 15 de janeiro de 1998.
- 4 Correio de Lages, Sábado, 25 de outubro de 1997, p. 10. Acervo da Autora.
- 5 BRETANO, Maria Lúcia Ribeiro. Aspectos do coronelismo dos Ramos: Reflexos na Imprensa Lageana 1928-1935. Dissertação de Mestrado em História, PUC/RS, Porto Alegre, 1992, p. 39-100.
- 6 SANTOS, Dulce Amarantes dos. Mulheres: o cruzamento de dois imaginários. In.: SOLLER, Maria Angélica e MATTOS, Maria Izilda (orgs). O Imaginário em debate: gênero, música, pintura, boêmia. São Paulo: Editora Olho d'Água. 1998, p. 11.
- 7 Correio de Lages, Sábado, 25 de outubro de 1997, p. 10. Acervo da Autora.
- 8 POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. In.: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.
- 9 AZZI, Riolando. Elementos para a História do Catolicismo Popular. In.: Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis; Vozes, vol. 36, fasc. 141, março de 1976, p. 99.
- 10 Os sertanistas, durante o período colonial, através de Entradas ou Bandeiras embrenhavam nos sertões para desbrava-lo na busca de encontrarem riquezas e apresarem índios. Suas viagens era de cunho exploratório sem, contudo fixarem povoados nos sertões.
- 11 HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e Fronteiras. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 132-3.
- 12 Ibidem. P. 133, (os grifos são meus).
- 13 HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.38.
- 14 Ibidem. P. 38.
- 15 Ibidem. P. 38.
- 16 FAUSTO, Borris. História do Brasil. 5.Ed. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1997, p. 71.
- 17 KUZNESOF, Elizabeth Anne. A família na sociedade brasileira: parentesco, clientelismo e estrutura social - São Paulo (1700-1980). In.: Revista Brasileira de História / ANPUH, nº 38, 1988-89, p.37-63.
- 18 Relatório de Presidente da Província à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina, referente a população 1866 e Censo Geral da População Brasileira, realizado pelo Governo Imperial no ano de 1872. Acervo da Autora.
- 19 SERPA, Élio Catalício, Igreja, elites dirigentes e catolicismo popular em Desterro/Florianópolis, Laguna e Lages - 1889-1920. São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 1993, p. 41-55.
- 20 HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.38.
- 21 SERPA, Élio Cantalício. Os indômitos povos de que ella a Villa de Lagens se compõe pela maior parte. In. Revista Catarinense de História. Florianópolis Nº 2, 1994, p. 16-23.

**Conflitos  
Religiosos entre  
a Colônia  
Blumenau e a  
Freguesia de  
Gaspar no  
Século XIX:  
A Questão dos  
Casamentos  
Mistos**

TEXTO:  
ANDRÉ FABIANO  
VOIGT\*



Desde o início da imigração de alemães não-católicos no Brasil, a questão de casamentos mistos entre católicos e evangélicos era uma realidade que preocupava as autoridades eclesiásticas e seculares nacionais. Como aqueles que não professavam a religião católica não possuíam amparo institucional e legal dentro do império brasileiro para a validação de seus registros de eventos vitais, tais como o batismo, o casamento e o óbito, as soluções alternativas tendiam a favorecer o catolicismo.

Para validar os casamentos mistos no Brasil, a Igreja Católica, unida ao Estado constitucional do Império, tinha poder para impor as condições, nas quais o contraente que não confessasse a religião católica, primeiramente se convertesse ou então que jurasse solenemente que a educação dos filhos deste matrimônio fosse dentro do catolicismo. Este, entre outros acontecimentos, chamou a atenção de boa parte das autoridades políticas ligadas ao pensamento liberal no Brasil, que desejavam a separação definitiva entre Igreja e Estado e, por isso, tomaram providências rápidas neste sentido.

Em 1855, o então conselheiro de Estado e Ministro da Justiça do Império Nabuco de Araújo, apresentou um Relatório ao poder legislativo, no qual apontou os problemas decorrentes dos casamentos mistos no Brasil. Nele, Nabuco de Araújo afirma:

*É preciso dar existência legal a essas famílias, garantir os direitos civis dos esposos, dos filhos, como pertencentes á comunhão brasileira, da qual não podem*

\* Professor do Departamento de História e Geografia da FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau)

*estar alienados por causa da religião que seguem. Conferir aos casamentos mixtos e protestantes os mesmos efeitos civis que competem ao casamento celebrado conforme o costume do Imperio seria uma providencia não bastante, mas defectiva quanto aos mixtos, para os quaes a grande difficuldade é a sua verificação pela parte catholica,[...]Assim, e não conseguindo-se da Santa Sé a dispensa indefinida e não limitada no impedimento **cultus disparitas**, como o exige o interesse da colonização, que é vital para nós, a providencia que cumpre tomar é a seguinte: distinguir o casamento evangelico e o mixto como civil e religioso, para que aquelle preceda a este, e seja logo seguido de direitos civis, ainda que se não verifique o religioso, sendo todavia indissoluvel pela parte catholica.*<sup>1</sup>

Como os assuntos eclesiásticos no Brasil imperial pertenciam ao Ministério da Justiça, competia ao Conselho de Estado resolver a questão. Por isso, foi aprovado em 11 de setembro de 1861 o Decreto n. 1144, que declarou extensivos aos atos dos pastores das “religiões toleradas” os efeitos civis dos atos dos padres católicos, principalmente em relação ao casamento entre não-católicos, realizados dentro ou fora do Império antes ou depois da data da publicação da referida lei. No entanto, no parágrafo 4 do artigo 1º. deste decreto, foi colocada uma ressalva que trouxe mais uma vez um contexto de conveniente ambigüidade à legislação brasileira:

*Tanto os casamentos de que trata o §2. como os do precedente não poderão gozar do beneficio desta lei, se entre os contrahentes se der impedimento que na conformidade das leis em vigor no Imperio, naquillo que lhes possa ser applicavel, obste ao matrimonio catholico.*<sup>2</sup>

Como os casamentos mistos, além de não terem sido tratados no Decreto n. 1144, não seriam de modo algum reconhecidos pelas leis canônicas da Igreja Católica caso este fosse celebrado em uma igreja evangélica, não foi inicialmente resolvido o problema dos matrimônios entre católicos e evangélicos, fato este que trouxe situações desagradáveis nas colônias em que existiam as duas confissões.

No Vale do Itajaí, a partir de 1857, o pastor Rudolph Oswald Hesse, chegado da Alemanha, já iniciou a sua atuação em Blumenau e arredores, conforme o contrato firmado entre o Dr. Blumenau e o Governo Imperial em 1855, em que este se comprometeu a manter um pastor evangélico na colônia Blumenau mediante um salário de 800 mil réis por ano.

1 NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1936. Tomo I, p. 215-216.

2 BRASIL Decreto n. 1144, de 11.9.1861, art. 1º., § 4. Coleção de Leis do Império brasileiro, Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

### Um casamento no final do século XIX

Com a fundação da paróquia católica de Gaspar, em 1861, a questão dos casamentos mistos se tornou um problema oficial intenso, visto que alguns casamentos mistos foram realizados pelo pastor Hesse.

O padre Gattone, da paróquia de Gaspar, já se pronunciou em 1862 ao Presidente da Província, numa carta de 2 de julho daquele ano, contrário à realização de casamentos mistos pelo pastor evangélico-luterano de Blumenau:

*Ora pois se dá os casamentos mixtos um impedimento **cultus disparitatis**,[...] Agora, dado também que o Papa e o Bispo dispensem, os ditos casamentos podem ser celebrados sómente pelos Parochos catholicos competentes, sob pena da invalidade dos referidos casamentos, como assevera o Papa Benedicto 14 n'um Breve de 17 de Setembro de 1746, do theor seguinte: "Sciant catholici, misicoram ministro catholico et duobus testibus nuptias celebraverint, nunquam se neque coram Deo neque coram Ecclesia veras et legitimas conjuges fore." <sup>3</sup>*

Continuando a carta, Gattone cita ainda um trecho do Concílio tridentino em latim, para reforçar seus argumentos:

*Eis a prova da minha these da invalidade dos casamentos mixtos celebrados pelos ministros acatholicos, aonde o Concilio tridentino acha-se publicado[...]*

*"Qui [...]quaam presente parochus vel alio sacerdote de ipsius parochi seu ordinarii licentia et duobus vel tribus testibus matrimonium contrahere affentabunt, eos sancta synodus ad, sio contrahendum omnino inhabiles reddit et hujusmodi contractus irritos et nullos esse decernit.*

*Não quero abusar mais da paciencia de V Ex<sup>a</sup>., mas não devo pois deixar de chamar a attenção de V Ex<sup>a</sup>. para o facto que o ministro protestante da Colonia Blumenau sempre e sempre benze taes matrimonios mixtos contra as leis da Igreja, e a acima citada restrição da alta Assembléa geral. Os effeitos civis não se estendem as casamentos celebrados pelos ministros protestantes como temos mostrado. <sup>4</sup>*

Esta carta demonstra que, mesmo sendo a administração eclesiástica brasileira independente da Santa Sé, o padre Gattone seguia apenas o direito canônico romano, entrando em choque com a realidade no Brasil.

<sup>3</sup> GATTONE, Alberto Francisco. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 2.7.1862. Correspondências A.V./Pres. P. (1861/62). fl.292 v.- 293. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

<sup>4</sup> Id., ibid.

Em outra correspondência do mesmo dia, Gattone pergunta ao Presidente da Província se o pastor da colônia Blumenau podia batizar legalmente os filhos nascidos dos casamentos mistos, visto que estes casamentos só eram legitimados pelo padre através do juramento da educação da prole na religião católica.<sup>5</sup>

A resposta do Presidente da Província foi curta e ponderada:

*Em resposta ao officio de 2 do corrente, no qual V Rev<sup>ma</sup>. consulta se o Ministro Protestante da Colonia Blumenau pôde baptisar licitamente crianças nascidas dos casamentos mixtos d'essa Freguesia, declaro a V Rev<sup>ma</sup>., que nosso direito actual permittindo outras religiões alem da do Estado, não se pôde impedir por meio da Autoridade, que nos casamentos mixtos os pais escolhão para baptisar seus filhos os Ministros Protestantes.*<sup>6</sup>

Inconformado, o Padre Gattone retornou ao Presidente da Província em carta de 24 de agosto de 1862, declarando que, se os casamentos mistos só eram legitimados com o juramento da educação da prole de acordo com a religião católica, como o pastor evangélico-luterano poderia batizar os filhos desses casamentos “*sem cooperar com a infracção do guisamento prestado e dignado*”.<sup>7</sup>

Contudo, os casamentos inevitavelmente continuaram e, também inevitavelmente, continuaram as discussões entre as igrejas católica e evangélica a respeito.

Como exemplo desta prática muito difundida no Vale do Itajaí, estava o casamento de Pedro Priester e Margarida Schütz, ele evangélico-luterano e ela católica, realizado pelo pastor Hesse em Blumenau, fato este que chamou novamente a atenção das autoridades eclesiásticas e seculares da região.

O Dr. Blumenau, em carta datada de 16 de fevereiro de 1863, expôs ao Presidente da Província a questão, colocando inicialmente que o pastor Hesse, conforme os estatutos da igreja evangélica luterana e os parágrafos 3 e 4 do Decreto n. 1144 de 1861, poderia celebrar os casamentos mistos em que a noiva fosse evangélica. Mas, como a noiva era católica, o

5 GATTONE, Alberto Francisco. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 2.7.1862. Correspondências A.V./Pres. P. 1861/62. fl. 291. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

6 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, Florianópolis. Correspondência de 12.7.1862. Registros Pres.P./A.V. (1860/75), fl. 22.

7 GATTONE, Alberto Francisco. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 24.8.1862. Correspondências A.V./Pres. P. (1861/62). Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.



pastor só poderia celebrar o casamento se o padre se recusasse a celebrar o evento.<sup>8</sup>

E o padre Gattone se recusou a celebrar o casamento, visto que o noivo não concordou em assinar um termo de juramento da futura educação dos filhos conforme a religião católica. Diante de tal situação, o Dr. Blumenau declara:

*Hum homem que se preza á si mesmo, não pode assignar, não ha de jamais assignar hum termo, como os ultramontanos o exigem sobre a futura religião dos seus filhos e preferirá, viver no concubinato, do que curvar-se á tão violenta coacção - mas o Estado como tal de certo não pode ver com indiferença, nem lucrar em que a verdadeira moralidade fique sacrificada ao triumpho do jesuitismo e ultramontanismo [grifos no original].<sup>9</sup>*

No mesmo dia, o Dr. Blumenau dirigiu uma carta particular ao Presidente da Província, reiterando a questão dos casamentos mistos e pedindo que se tomassem providências a respeito do pároco de Gaspar, sendo a questão

*[...] de principio, de vida e morte para a presente e futura colonisação brasileira-allemaã, e por ser profundamente penetrado do iminente perigo, que ameaça as colonias e sobretudo esta, á que sacrifiquei tudo [grifo no original].<sup>10</sup>*

Realmente, a disfarçada situação de legalidade da igreja evangélica-luterana no Vale do Itajaí, bem como em todas as colônias alemãs no Brasil, merecia atenção das autoridades brasileiras, até mesmo para garantir direitos de cidadania aos imigrantes que não professavam a religião católica.

O Decreto Imperial n. 3069 de 17 de abril de 1863, que regulou o registro de nascimentos, casamentos e óbitos de não-católicos no território nacional, foi uma solução imediata ao problema, garantindo aos que não professavam a religião católica a liberdade de culto e a legalidade da transmissão de heranças, visto que o registro de eventos vitais dos não-católicos foi legado às autoridades civis.

Assim, em Blumenau, a partir de 8 de outubro de 1863, os re-

<sup>8</sup> BLUMENAU, Hermann B. Otto. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 16.2.1863. Doc. P02.18-181. Arquivo "José Ferreira da Silva", Blumenau.

<sup>9</sup> Id., ibid.

<sup>10</sup> BLUMENAU, Hermann B. Otto. Carta dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina em 16.2.1863. Doc. P02.21-218. Arquivo "José Ferreira da Silva", Blumenau.

gistros de não-católicos começaram a ser feitos na secretaria da direção da colônia, estendendo a validade civil dos registros católicos aos de qualquer outra religião.

Não obstante, mesmo depois de 1863, a maioria dos evangélicos pertencentes à colônia Blumenau, bem como a qualquer colônia evangélica no Brasil, continuaram entrando em conflito com os padres estrangeiros de paróquias católicas vizinhas, que, inseridos no espírito da Igreja

Católica tridentinizada, não permitiam tais transgressões no seu meio paroquial, mesmo que o Governo Imperial, responsável pelos assuntos eclesiásticos no Brasil, tivesse dado estas concessões aos não-católicos.

## **Fragmentos de Nossa História Local**

---

### **Uma Palavra de Orientação\***

*Extraímos do Jornal “O Nacional” de 1918, uma nota relatando uma questão que envolveu a política local. Naquele tempo o atual município de Rodeio fazia parte do território de Blumenau. Ao ser elevada à condição de Distrito de Paz iniciou-se uma polêmica, envolvendo o Conselho Municipal e o Superintendente Paulo Zimmermann que julgava desnecessária a criação do mesmo.*

*O assunto fortemente argumentado pelos promotores do novo Distrito merece ser analisado pelo leitor, pois revela a realidade das condições de vida daquela região colonizada pelos italianos.*

“A criação pelo Conselho Municipal do Distrito de Paz de Rodeio contrariou um dos seus adversários a ponto de fazê-lo saltar a campo com uma forte bateria de insinuações odiosas despejando uma boa carga de “amabilidades” sobre conselheiros municipais e os promotores do novo distrito.

E mereceram-no? Certo que não! O projeto votado tem sólidas razões e tanto bastava aos promotores de detê-los da discussão pela imprensa. Como, porém, posteriormente, outros, ponderaram que a referida investida pudesse criar uma atmosfera de antipatia na opinião pública e de embaraço junto ao digno Superintendente, convenceram-se da utilidade de se opor ao ilustre contraditor algumas considerações.

Terá sido “inconveniente e inoportuno o ato da criação”?



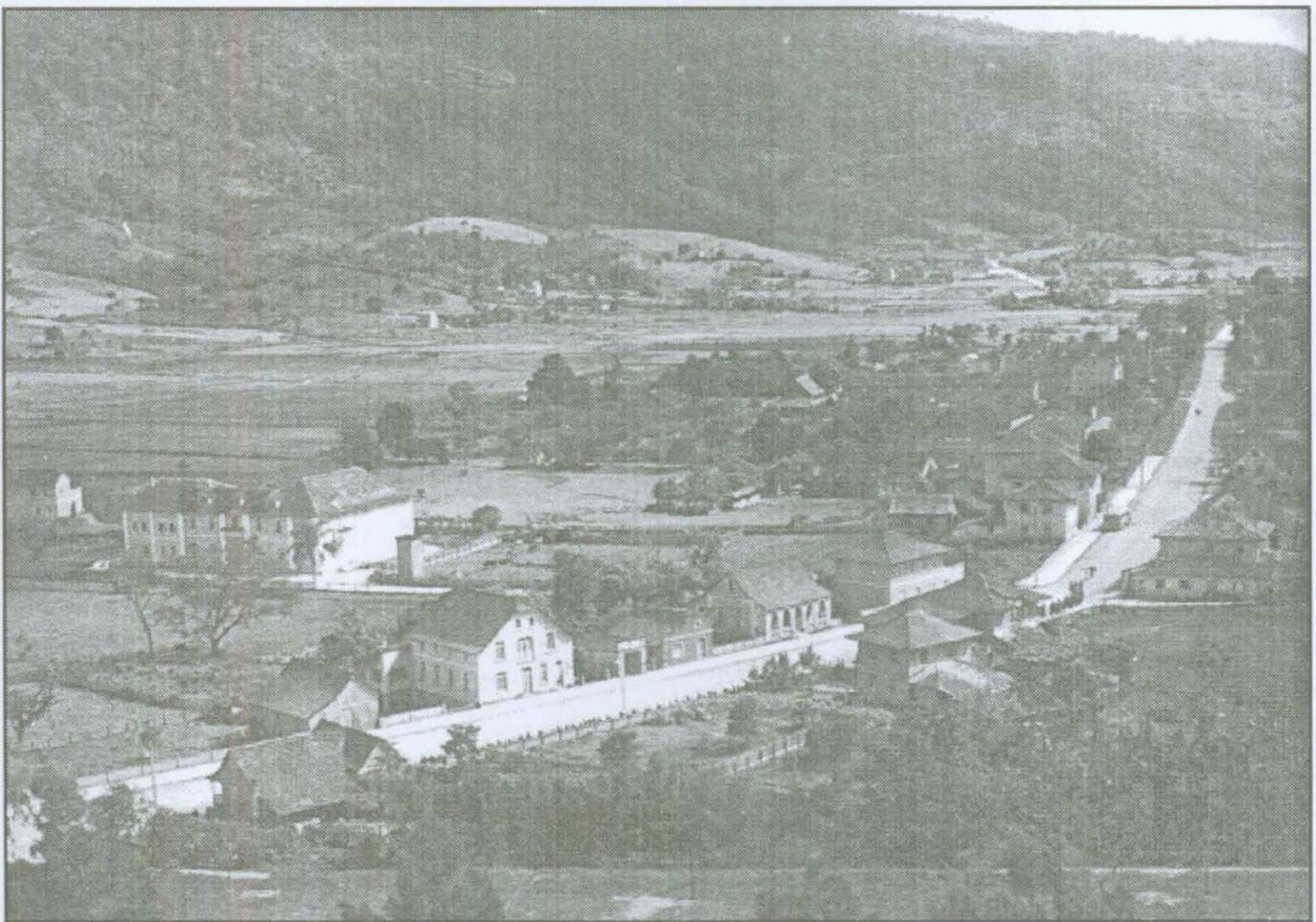
---

\* O Nacional - Ano I - no. 37 Blumenau 22 Setembro 1918.

## Fragmentos de Nossa História Local

Vejamos! O caminho de Rodeio formando uma valada de uns 20 quilômetros ao menos de extensão, com 500 famílias e mais de 2.500 habitantes, ao longo da estrada principal e nos pequenos vales nela desembocando – tem, ao norte, o rio Bendito, ao sul, o rio Itajaí, a este um bloco de montes altaneiros, vistos de longe, ao oeste, uma cadeia soberba de montes, dos quais grande parte em declive e com mais de 700 metros de altura.

Encurralado entre rios e montanhas respeitáveis, tem ele os requisitos topográficos reclamados pelo articulista opositor. Dificuldades de trânsito de todos os lados pelos elementos indicados dão à população de Rodeio o caráter de uma unidade.



Vista da Colônia Rodeio – Março de 1919.

Entre os seus vizinhos do norte tem o distrito de Rio dos Cedros, Timbó dista de Indaial 8 km apenas. De Timbó até Rio dos Cedros são 11 km. Ao sul, os habitantes do lado direito de Itajaí como Aquidaban, Bode, Valle de Cabras e Ilse têm à sua disposição a estrada de ferro que lhes permite uma viagem cômoda e

pouco dispendiosa ao distrito de Indaial, e nisto estamos de pleno acordo com o Sr. Z.<sup>2</sup>, nosso adversário.

Diante destas comodidades de vizinhos, os numerosos habitantes do Rodeio lutam com grandes dificuldades no desempenho de suas obrigações civis no Indaial. São os caminhos de difícil conservação em terreno macio e plano.

Venha o Sr. Z. depois de alguns dias de chuva apreciar o trabalho insano dos pobres colonos para fazer adiantar uma carroça por estas estradas de muitos quilômetros de extensão, desprovidas, como estão em terreno plano de fossas marginais com o necessário declive natural, que permita o escoamento das águas fluviais, então cremos, lhe desaparecerão da mente os espólios de “negociantes politiqueiros”, escrivão feito cabo eleitoral e força oculta em proveito próprio; reconhecerá ter sido impiedoso em avançar suposições odiosas onde existem duras necessidades.



Sede da Cooperativa Agrícola de Rodeio.

<sup>2</sup> O autor ao citar Sr. Z., estava referindo-se ao Superintendente do Município: o comerciante Paulo Zimmermann, que administrou o grande município entre 1914 e 1923. Nesta época a área territorial de Blumenau atingia uma extensão de 10.610 km<sup>2</sup>.

A criação do distrito de Rodeio é reclamada, não por uns poucos egoístas, mas sim por um grande número de munícipes que querem ver-se livres de festas desnecessárias nas suas relações constitucionais. E andarão nisso mal aconselhados? De modo algum. Se a Constituição do nosso Estado, art. 67 § 2 reconhece implicitamente a uma população de cinco mil habitantes o direito de pleitear perante o Congresso Estadual a sua constituição em Município, não será descabido quando os rodeenses pretendem para a metade deste número um distrito de Paz. Ainda mais Rodeio há anos é uma paróquia.

Para repelir a qualificação de “lugarejo” poderíamos aduzir a existência no Rodeio de três Sociedades Cooperativas prósperas, além de alguns negociantes bem constituídos; de uma agência do correio, de um hospital, de duas máquinas para beneficiar arroz, de uma residência de Irmãs de Caridade, de uma grande igreja, que por muitos forasteiros, até de Florianópolis, foi declarada a mais bela do Estado, que ao menos possui um órgão moderno, único em seu gênero no Estado. Porém não é este o ponto a frisar.

O fato que não pode surpreender a ninguém é que a atitude previdente da autoridade diocesana suscita no ânimo do colono a convicção de poder esperar condescendência similar da autoridade civil.

Os colonos que acodem à paróquia para a celebração do casamento religioso desejam muito celebrar na mesma ocasião o ato civil. E' a coisa mais natural que o colono queira aproveitar-se da viagem, dos preparativos festivos e do aparato de testemunhas e convidados para esse fim, como é praxe em outros lugares, contando nisto com a maior condescendência do poder civil; assim numerosas irregularidades e queixas deixariam de existir tanto da parte dos colonos como das autoridades sobre o desleixo impatriótico neste particular.

Fazer duas vezes uma viagem penosa com dispêndio de tempo e dinheiro quando bem podia ser feita em uma só vez, é incômodo, que parece ser ignorado pelo Sr. Z., rodeado como se acha pelas respectivas comodidades civis. O colono, porém, lhe sente efeito na roça e no bolso, o quanto isso importa para ele, ao menos para o de Rodeio, bem demonstra uma visita superficial sobre a já citada extensão de Rodeio, e acidentes particulares de viagem como são: a necessidade de depois de uma viagem mais ou menos longa, deixar a carruagem estacionada no porto, passar o rio, embarcar no trem para Indaial, sendo obrigado a fazer de tarde, ao regressar, o mesmo estratagema moroso em sentido inverso.

Uma população topograficamente unida e fartamente contribuinte aos cofres municipais não é injusta quando reclama dos poderes públicos a remoção destes inconvenientes ou não merecerá essa numerosa população de origem italia-

na as mesmas atenções pleiteadas indiretamente pelo nosso adversário em favor de Timbó, de origem teuta declarada errada a anulação há anos, daquele distrito onde não existem estes considerandos nem em metade ?

Um apelo aos processos patriarcais dos tempos primitivos da colônia para impugnar o distrito do Rodeio não fica bem ao advogado gratuito de um dos Municípios, tido entre os mais prósperos do Brasil, pois deve compreender que o colono reclama para si um quinhão destes progressos nos atos rudimentares de sua vida colonial ao ver, não com ares de crítica, mas antes com complacente satisfação, que os apregoados progressos permitem às autoridades o contacto com seus súditos e a visita através do continente de sua jurisdição em automóveis de fascinante conforto.

Quem conhece o caminho de Rodeio em tempo de chuva não ousará atirar em face ao seu povo a pecha de estúpida preterição de interesses gerais. Bem sabe ele que o bem geral reclama sacrifícios, mas eles não devem ser maiores que os dos demais munícipes. E em verdade o são devido as dificuldades particulares da região já indicada.

Dos mapas oficiais acusando para Rodeio com seus pequenos vales confluente mais do que 426 lotes de terra contra 239 de Guaricanas, Ascurra, Aquidaban, Bode, Vale de Cabras, Ilse. Lugares todos estendidos ao longo da Estrada de Ferro e dos livros de cômputo de Indaial consta claramente que Rodeio não pode ser tratado pelos políticos de Blumenau como recanto do município de somenos importância.

Convém notar que o senso da população é superior ao acima indicado.

Possuindo o Rodeio como notório a terra melhor do município, os colonos escalaram os morros elevados de enxadas na mão, cultivando-os em parte, até os cumes de forma que um lote corresponde, não raras vezes, a duas, até três famílias. Os casos de analfabetismo são bem raros na nova geração aqui estabelecida, pois, desde dezenas de anos, os filhos em quase totalidade tem freqüentado boas escolas elementares por 4 anos. Possuem portanto o fundamento e a compreensão necessária para fazer valer os seus direitos de cidadãos. Este particular não tem passado despercebido a um cônsul italiano numa visita, embora rápida por esta região. Em documento oficial concretizou ele as expressões nas palavras: "Non si puo negare che nella nuova generazione sotto l'influenza e la direzione degli intransigente frati tedeschi ... qualcosa a nostro utile resterà per noi; altre alla conozenza della lingua italiana ... e non crescendo analfabeti cesserano di trovarsi come oggi lo sano igenitori: io manifesta inferiorità de fronte ai germanici ed agli

indegini stessi”.

Como o nosso amável antagonista, ao qual não negamos sinceridade na luta, não se opõe à criação de novos distritos no município, quando necessário, esperamos que ele reconsiderando o seu juízo à luz da realidade, do estudo regional, reconheça a justiça da causa pela qual se debatem.



Vista Geral da rua principal de Rodeio - Primeiras décadas do séc.XX.

## Entrevistas

### História de Vida: Cláudio Alberto Manske

ENTREVISTADORA:

BRIGITTE  
ROSEMBROCK E  
CRISTINA  
FERREIRA



*Com toda a sua complexidade, a história das mentalidades permite ao historiador analisar uma série de olhares inter cruzados que são testemunhos de atitudes e sensibilidades coletivas.*

*A entrevista que ilustra a edição de Blumenau em Cadernos deste bimestre aborda a profissão de um agente de funerária. Esta complexa e sensível atividade está cercada de uma imagem de dor e perda, e dentro do clima social de sua época tem o seu desenvolvimento.*

*Carlos Alberto Manske é um tradicional agente funerário de nossa cidade, e em 4 de abril de 2000 concedeu esta entrevista à senhora Brigitte Rosembrock e à professora/historiadora Cristina Ferreira.*

*Os originais desta transcrição e fita cassete fazem parte do acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Foi realizada através do projeto "Resgate da Memória do Vale do Itajaí", promovido pelo Instituto Blumenau 150 Anos.*

B: *Gostaríamos que o senhor se apresentasse.*

M: *Nasci em Blumenau no dia 12 de maio de 1947. Sou filho de Arthur Manske e Érica Manske, já falecida. Meus avós chamam-se Sr. Alberto Manske e Maria Manske. Meus estudos realizei na Escola Machado de Assis. Lá estive durante oito anos.*

B: *Gostaríamos que o senhor falasse da sua vida profissional.*

M: Eu sou agente funerário. Tenho uma empresa, a São Jorge, que hoje faz parte da Central Funerária. Esta profissão tem uma longa história, desde a época do meu avô e do meu pai. Eu continuei o trabalho que eles vinham fazendo. Não sei se isto está dentro do sangue... Os meus antecedentes, meus avós, ainda jovens vieram para o Brasil. Depois casaram, tiveram dois filhos, Arthur Manske e Arnaldo Manske. Ele durante toda a vida foi carroceiro em Blumenau. Começou a trabalhar em 1920 puxando frete de areia, brita e areão para a construção da estrada de ferro. E desde aquele tempo, também fazia enterros com a própria carroça. O carro de mola foi instituído para uso funerário somente em 1940. E o meu pai, trabalhava na funerária do seu Rudolf. Ele tinha a funerária atrás do City Hotel, na rua Ângelo Dias.

B: *E a Caleça?*

M: O meu pai começou quando meu avô já trabalhava pra essa empresa. Em 1940 foi comprada a primeira caleça, que era o carro de mola. Depois foi comprado a segunda e... ele trabalhou como empregado, até 1978. A funerária depois mudou. Então em 1972, eu abri a Funerária São Jorge. Era a única concorrente da funerária Hass até 1989, aí foi formada a Central Funerária. Já nessa época, existiam 4: a Funerária Cidade Jardim, a Funerária São Jorge, a Funerária Blumenau e a Funerária Hass. Como existia uma certa desavença no serviço, porque Blumenau não comportava quatro funerárias, existiam até brigas que davam caso de polícia, então em 1989, foi instituído pelo prefeito Kleinubing e o vice Sasse, a Central Funerária, que está funcionando até hoje.

Cr: *E como é que ela funciona, seu Cláudio?*

M: A Central Funerária funciona na distribuição do serviço. Existem os mesmos concorrentes, porém existe a divisão dos serviços. Quando uma pessoa quiser fazer um sepultamento, com a Funerária Hass ou com a Funerária São Jorge, ela tem o direito de escolha. Quem estiver na vez vai atender. Se existir a preferência, o outro pode fazer, e o que

perdeu a vez, fica com dois sepultamentos seguintes. E, funciona muito bem, acabaram -se as brigas de funerárias, acabou-se a corrupção. Esse foi o meu intuito pra acabar com isso, e graças a Deus esse serviço tem dado um exemplo nacional e foi o primeiro serviço de Central Funerária prestado no Estado. E hoje, está sendo copiado pelo país inteiro

*Cr: O senhor poderia explicar melhor como funciona?*

*M: A família pode ligar, como também pode se dirigir à funerária porque com o falecimento de uma pessoa, é natural que a família uma hora vai cair em si, que tem que arrumar uma funerária. Ou ela vem até a funerária, ou telefona, a gente busca nas famílias também. É um serviço de mais qualidade, mais respeito e não existe mais, como se dizia antigamente, o papa- defunto em Blumenau.*

*Cr: O senhor pode dizer quem era considerado papa- defunto?*

*M: Todos, porque todos brigavam por uma fatia. Hoje funciona com equilíbrio. Ninguém fica de fora. No Brasil inteiro funciona dessa forma.*

*B: Vocês chegaram a fazer plantão dentro dos hospitais?*

*M: Graças a Deus isto foi mudado na época do prefeito Kleinübing. Ele pediu uma reunião, nos sentou à mesa e foi nos dado o prazo de uma semana para resolver a situação. E assim, esse problema foi resolvido em uma semana,. Cada um teve que ceder a sua parte e trabalhar de acordo como o município preferia. E graças a Deus funcionou maravilhosamente bem.*

*B: E até então, a funerária São Jorge funcionava onde?*

*M: A funerária São Jorge funcionava na rua Amazonas, 1111. A Hass, na rua São Paulo, 1061, e a funerária Cidade Jardim já existia e também ficava na rua Amazonas, nº 859, se não me falha a memória, e a funerária*

Blumenau, que está situada na 2 de Setembro, na Itoupava Norte.

B: *E hoje em dia, onde funciona a Central Funerária ?*

M: Hoje a Central Funerária funciona na rua Eugen Fouquet, 67, no bairro Victor Konder. Vai existir uma licitação agora, para a construção de uma nova Central e também um necrotério público com duas capelas, onde cada funerária trabalha em conjunto, dentro de uma central. Esse é o projeto para o futuro.

B: *Sou a favor da cremação. Vocês nunca pensaram em fazer um crematório ou vocês já estão com este projeto?*

M: Dona Brigitte, eu até concordo com a senhora, existem muitas pessoas que gostariam de ser cremadas. Existe um projeto, ele é caríssimo, e não vale a pena fazer em uma cidade com o tamanho de Blumenau. O custo se tornaria muito caro. Seria um investimento em torno de aproximadamente 2 milhões de reais. Seria muito mais barato, a gente levar as pessoas que querem ser cremadas a Novo Hamburgo, ou então a São Paulo e o custo seria bem menor do que fazer um projeto desses. Esse projeto de crematório já está aprovado na prefeitura, há mais de 20 anos, só que hoje o investimento é grandioso.

B: *Só que a nossa região aqui é tão grande, acho que um crematório em Blumenau serviria a uma comunidade bastante grande.*

M: Sem sombra de dúvidas.

B: *Se o blumenauense em vez de ir para Novo Hamburgo, ou para São Paulo, então se houvesse aqui perto, digamos em Joinville, Curitiba, seria muito mais próximo a Blumenau do que São Paulo.*

M: Está saindo a nível de governo de Estado, um projeto para fazer um crematório em Florianópolis. Eu até concordo, fica mais perto, só que o resto vai ficar na mesma, ir a São Paulo, ao Rio Grande do Sul ou ir para Florianópolis. O ponto seria mais centralizado e mais perto, para

nossa região. Hoje há três no país: em São Paulo, Rio de Janeiro e agora Novo Hamburgo. São Paulo tem 372 óbitos por dia e crema oito por dia. Quer dizer 372, nem 5%, e o custo é muito grande...

B: *O investimento é grande e o retorno é...*

M: Não é verdade, a cremação em São Paulo, como no Rio Grande, custa em torno de 200 reais, é o preço de uma viagem. Mas este não seria o custo elevado. É caro fazer o projeto, os fornos, o auditório onde vai ser celebrada a missa, e tudo mais. Isso também dever ser feito por intermédio de uma prefeitura, porque nem todas as pessoas podem ser cremadas. No caso de uma morte violenta não pode ser cremado, porque a própria justiça não permite que isso seja feito. Se a pessoa for assassinada, ela jamais vai ser cremada. Só se o caso tiver sido desvendado e soube-se realmente quem cometeu o crime, então com a ordem judicial pode ser cremado, mas do contrário, não.

B: *Eu vejo nos centros grandes, na Alemanha, em Hamburgo, por exemplo, nos próprios cemitérios, mesmo há o crematório. São cemitérios enormes...*

M: Lá já existe uma cultura diferente da nossa. Eu, por exemplo, jamais quero ser cremado, tenho pavor de calor. Eu não quero ser cremado em 1800 graus de calor.

B: *Sr. Cláudio, o senhor teria algum fato pitoresco para contar?*

M: Um fato pitoresco não diria mas, um fato triste sim. Quando houve uma chuva em 1980...a dona Brigitte vai me ajudar a lembrar, quando existiu aquela enxurrada no Garcia.

B: *A enxurrada foi no tempo do prefeito Sasse.*

M: 89, 90. Foram 21 pessoas mortas, crianças inocentes, e eu nunca tinha passado por uma barbaridade tamanha dentro da nossa cidade. A tristeza era grande, famílias inteiras levadas pela enxurrada, pessoas

sendo encontradas depois de meses, enterradas na lama. Essa foi a maior tristeza que eu passei nesse meu ramo funerário.

B: *E lembra como é que eles chegaram? O senhor estava lá na funerária quando eles chegaram?*

M: Eu que estava coordenando todo o serviço....

B: *Eles vinham de caminhão?*

M: Vinham no caminhão, depois os meus carros buscavam, a maior parte no Garcia onde ocorreu a maior parte dos óbitos. Eles levavam para o hospital Santo Antônio, onde eram lavados, depois de lavados eram trazidos para a Central Funerária e lá aprontados pra depois fazer o reconhecimento e a liberação dos corpos, para depois fazer os sepultamentos. Foram 21 vidas ceifadas na época, entre elas crianças. Havia uma só pessoa de fora, do Estado do Paraná.

B: *O resto todos blumenauenses...*

M: É, foi um fato triste que ocorreu nesse ano de 89.

Cr: *O senhor sabe como foi que seu avô começou a trabalhar nesta atividade?*

M: Não foi por acaso. Meu avô começou a puxar enterro, na época em que não existia uma caleça pra fazer isto. Então eram contratadas carroças. Quem tinha uma carroça era contratado para levar o corpo da residência até o cemitério. E o meu avô veio fazendo isso desde 1920. Então meu pai, em 45, começou a trabalhar de marceneiro na funerária. Os caixões até 1940 eram fabricados em marcenarias. Quando falecia uma pessoa, a família tinha que esperar 4, 5, 6, 8 horas, até que terminasse de fazer o caixão, para depois fazer o velório. Então em 1940, inclusive um parente da Dona Brigitte, que também tinha

uma funerária, o seu Kreutzer e posteriormente a funerária Lubow também entraram no ramo e passaram a fazer o mesmo serviço. O seu August Lubow era marceneiro, trabalhava com marcenaria e passou a ser procurado inúmeras vezes para fazer urnas para pessoas falecidas. Então ele resolveu fazer as urnas e deixar para pronta entrega. Naquele tempo os caixões eram revestidos com veludo e cetim preto. Essas eram as urnas mais chiques que existiam naquela época.

B: *Ele era todo preto? Não era marrom como hoje em dia?*

M: Hoje em dia se dá uma cor mais natural, uma cor mais alegre, para não causar tanto trauma nas famílias. Porque preto, queira ou não queira, é um pouco chocante, principalmente na hora da morte. Por causa disso, hoje nós já temos carros de cor bege, branca ou azul. Eu já tive casos, onde a família não quis um carro escuro, quis um carro claro, pediu que fosse um carro bege. Vamos respeitar a família. Porque nem todos querem uma cor escura.

C: *E hoje em dia, aqui em Blumenau os caixões ainda são mais feitos em marcenaria?*

M: Não! Tudo comprado das fábricas, existem hoje fábricas especializadas na construção de urnas, e a gente é o revendedor. Então não compensa hoje fazer a urna. Só é vantajoso, se for uma quantidade acima de 200 urnas por mês, se não, não vale à pena.

B: *E de onde é que vêm os caixões?*

M: A maior parte hoje vem de Caxias do Sul, Paraná, Curitiba e São Paulo. Aqui em Santa Catarina, em Içara, há uma fábrica. Existem hoje inúmeras fábricas de urna que abastecem o país inteiro, inclusive exportam para o exterior.

C: *E o senhor como começou?*

M: Quando eu completei 11...12 anos de idade fui trabalhar com meu pai

na marcenaria do Lubow, comecei a aprender a ser marceneiro, aprendi a fazer caixão junto com eles lá. Isso em 1959. E desde lá pra cá tenho ficado no serviço funerário. Dos funcionários da funerária Hass, quando esta abriu, eu fui o primeiro funcionário. Posteriormente fundei a Funerária São Jorge, que hoje já tem 33 anos de existência.

B: *Antigamente o Sr. Hass só tinha marmoraria. Lembro quando criança, o Sr. Hass era vizinho da minha Oma Fouquet. Então o Onkel Franz Kreutzer fazia na marcenaria dele os caixões e a marmoraria Hass fazia os túmulos, e a minha avó que tinha um jardim enorme de flores, fazia as coroas. Naquela época não existia floricultura e minha avó sempre teve que contar muito o dinheiro para ver de que forma podia economizar. Vendia verduras, frutas, flores e armava as coras de flores.*

Cr: *E da sua família, algum deles segue os seus passos na funerária?*

M: Seguindo a rotina do bisavô? Eu tenho dois filhos que estão trabalhando comigo no serviço funerário. Hoje já não tenho mais idade para agüentar o tranco do serviço funerário. Este serviço não é só de dia, não tem horário comercial, isso é sábado e domingo. Eu mais ajudo orientando como deve ser feito. Também ajudo a fazer as viagens, porque a viagem é mais fácil que o resto. E, certamente se um dia eu morrer, meus filhos irão continuar com a funerária. Espero que seja assim.

Cr: *Qual é o nome deles?*

M: Harold Manske e Hansen Manske. Um deles deu-me uma neta, e o outro, dois netos.

Cr: *E o senhor casou em que época?*

M: Eu me casei novo, com 17 anos. Dizem que antigamente era mais reservado, mas eu acho que não, porque com 17 anos eu casei. Então não era tão reservado o namoro. (RISOS)

Cr: *E a sua esposa também tinha 17 anos?*

M: Não, ela era dois anos mais velha do que eu. Casei na igreja luterana, na Vila Itoupava e lá morei até completar os 18 anos. Com 18 vim para Blumenau novamente e comecei a trabalhar no serviço funerário. Foi meu primeiro emprego depois de casado.

Cr: *Como eram os namoros naquela época?*

M: Da mesma forma como hoje da mesma forma. Naquele tempo eu trabalhava no Clube 13 de Maio e lá os namoros não eram diferentes da cidade. Só que lá existia mais espaço para se esconder, para namorar. (RISOS). Naquela época a maior diversão era o baile de surpresa. Procurava-se saber quem estava de aniversário. Então fazia-se uma surpresa, um baile, aí juntávamos 20 meninas, mais 20, 30 rapazes. Aí todo mundo comprava um litro de cachaça, um litro de batida e por aí a fora. Fazendo música, acordávamos o aniversariante indo na frente da casa dele, e fazia-se o baile. E nesse baile nos amanhecíamos. E a parte mais pitoresca que eu posso contar dessa época, foi de um colega meu de trabalho. Nós fizemos uma aposta para ver quem é que bebia mais e aí tomamos cada um um litro de batida, e quando chegamos na cachaça, que era mais forte, não deu para tomar o litro todo. Depois nos abraçamos e fomos dançar, tropeçamos num quadro da sala e eu caí. Ele me xingou, mas não havia motivo para brigar, e para evitar discussão fui embora. Para voltar, eu precisava atravessar o ribeirão e passar por um tapume da serraria onde nós trabalhávamos. Era noite, sem luz, sem lanterna, sem nada. Eu olhei: “Bem, deve ser aqui.” E realmente era ali. Quando eu tinha quase atravessado, escorreguei do pau que tinha para atravessar e caí dentro da lama. Às 5 horas da manhã, quando eles chegaram eu estava deitado na frente do armazém, onde nós dormíamos. Levaram-me para o ribeirão, atrás do armazém, deram um banho e fui trabalhar. (RISOS)

Eu tinha nesta época 16 anos de idade, aprontávamos da mesma forma como aprontam hoje. Só que hoje existem mais coisas envolvidas, a juventude facilmente se deixa levar. Antigamente não era desta forma.

Hoje o recado que posso deixar à juventude como um alerta é que a droga com que alguns se envolvem é prejudicial à saúde, e isto é o fim deles.

*Cr: O senhor falou que frequentou a escola Machado de Assis? O senhor lembra alguma coisa da escola?*

*M: A diretora era a dona Elsa Pacheco. Foi minha professora de matemática. E a dona Olga Barreto e o seu Wilson, que ainda é vivo, mora na Escola Agrícola. A dona Olga foi professora de português. O Wilson é aquele pequenino, gente fina!*

*B: No nosso tempo tudo era mais simples.*

*M: Tudo, tudo, tudo! Era uma tiracolo pendurada, onde colocávamos os cadernos dentro. Naquela época não existia merenda, a gente não ia para escola pra comer merenda. Nós íamos para estudar, para aprender alguma coisa. Naquele tempo, quando desobedecíamos levávamos uma reguada na palma da mão.*

*E hoje em dia não se pode mais. Nem uma cintada na bunda que nunca matou ninguém. É isso que falta muitas vezes na criançada. Eu tenho oito filhos e todos foram criados com umas palmadas e umas cintadas na bunda, quando não obedeciam, e graças a Deus todos eles foram encaminhados corretamente. Então chego à conclusão de que meus filhos, que nem sempre foram paparicados e sim sempre foram levados na palma da mão, são completamente diferentes. Às vezes a responsabilidade tem que ser um pouco obrigatória.*

*B: Mas por incrível que pareça, o senhor tem mais um "F" na sua vida... o Futebol!*

*M: É, o futebol me pregou uma peça! Em 1994 eu fui convidado e acabei aceitando o cargo para ser o presidente do Blumenau Esporte Clube. Fiz isto durante um ano e meio. Custou-me muito suor, dinheiro, trabalho e muita dor de cabeça. Mas aprendi muitas coisas, valeu a pena. Fiz muitos blumenauenses felizes. O futebol é uma caixinha de*

surpresas. Só não fui campeão do Estado, por detalhes. Como sempre, existem detalhes e coisas que não puderam acontecer da forma que a gente projetou.

*Cr.: Qual era o estado do Blumenau Esporte Clube quando o senhor assumiu em 94?*

M: Quando eu assumi em 93 e 94, o Blumenau tinha passado por uma época de auge, foi a época do Pingo, do João, do Renato Werner, do Schürmann. As empresas ajudavam em tudo. Depois veio o plano Collor e começou a dificultar. Vieram outros presidentes. Eu peguei em 93, quando todo mundo já estava com medo que o Blumenau fosse fechar as portas. Existiam várias questões trabalhistas pendentes a estourar. Enfrentei e paguei todas as questões trabalhistas, fiz um time, com ajuda da patrocinadora Ceval. Consegui tocar o time em 93 e 94. O falecido Romeu Paulo Fischer me orientou, ele era o vice-presidente. O Herculano Martins foi o presidente de marketing. Tocamos o Blumenau até dezembro de 94. Perdemos a chance de ser campeão do Estado em 1994. Foi um famigerado acordo que se fez e que não se deve fazer e foi feito a pedido da própria empresa e nesse acordo nós fomos derrotados por 2 a 0. Dissemos que o Blumenau Esporte Clube seria campeão do Estado em 1994.

*Cr.: Hoje como o senhor vê o futebol em Blumenau?*

M: Hoje o futebol de Blumenau está completamente quebrado, nenhuma empresa está auxiliando. Este esporte é salutar para toda a comunidade que gosta de futebol. Se você gosta ou não de futebol, na segunda-feira você vai perguntar como é que foi o jogo do Blumenau? Quando o time da tua cidade jogou, todos querem saber os resultados, gostam de comentar com seus amigos, com os colegas, com os filhos. Então faz parte de uma cidade e está enraizado no país inteiro. Uma cidade como Blumenau, com a sua pujança não poderia ficar fora do futebol profissional. Hoje estão supervalorizando o futebol e esquecendo que isso deveria ser um palco de diversão e não uma

exploração!

B: *O senhor acha que tornou-se muito comercial hoje?*

M: Isso vai mudar somente na hora em que estiver em funcionamento a lei Pelé e a lei Zico, quando vão fazer os times da própria empresa. Então eu acho que aí vai mudar o futebol no país. O futebol tem que ser futebol de empresa.

Cr: *O futebol em Blumenau é uma tradição?*

M: Sim, desde a época do Olímpico, do Amazonas, do Vasto Verde, do Guarani, do Palmeiras... E digo ainda: O futebol é a maior paixão do brasileiro. Pena que Blumenau está deixando em segundo plano este esporte. Talvez esteja passando por uma fase de reformulação. O que estou vendo é que está passando mais por uma situação de vaidade, e isso é triste. Porque é triste ter ciúme de mulher, mas... homem ter ciúme de homem é mais triste ainda. Pena que essas coisas existem em Blumenau.

B: *Lembro que o senhor disse numa ocasião: “Eu queria ter muito dinheiro para formar o meu time de futebol!”*

M: Exatamente! Com o dinheiro vindo do meu bolso, sem dever satisfação a ninguém, eu faria um futebol grande!

Cr: *Seu Cláudio, voltando ao assunto daquela grande enxurrada no Garcia, o senhor poderia dar detalhes de como aconteceu? Como o senhor foi chamado para ajudar?*

M: Eu estava na frente do meu apartamento, na rua Amazonas, 1111, existia ali uma lanchonete. Estava com mais uns quatro ou cinco amigos jogando dominó e era meia-noite, quando eu queria ir embora para casa dormir. A chuva era tanta que não conseguia ir sem me molhar. Não tinha guarda-chuva, nada. Decidimos esperar mais um pouco e

continuamos a jogar mais uma partida e, assim foi. Eram 4:00h da manhã quando essa chuva parou e, não era chuva, era água derramada por balde. Nós fomos embora. Às 6:00h da manhã minha esposa me chamou dizendo: “Olha, Cláudio, aconteceu uma tragédia muito grande aqui no Garcia, escuta o que está passando no rádio.”

Eu escutei o rádio e nisso já recebi um telefonema. Às 7:00h fui pegar o carro, para dar uma olhada e ver o que tinha acontecido. Primeiramente falava-se que tinha mais de 150 mortos e eu disse que para ser 150 mortos devia ser uma coisa muito grande e que devia ter descido todo o morro, toda a rua da Glória. O Dr. Mota, que era secretário da saúde na época, me ligou e disse: “Cláudio, procura me dar aqui toda a informação sobre o Garcia.” Eu disse: “Dr. Mota, não são 50, eu acredito que não chega a 30, mas tomara que não chegue a 30 pessoas, mas vamos lá, estou preparado, nós vamos buscar, lavar, deixar tudo pronto.” Ele pediu-me para dispor lá do Hospital Santo Antônio. Eu disse: “Não, vamos fazer o seguinte: Nós vamos levar ao Santo Antônio, vamos usar o necrotério e lá vamos lavar os corpos.” Os corpos lavados foram trazidos para a Central Funerária, posto no balcão, lá onde é a garagem, todos dentro de uma urna, para posteriormente serem identificados e liberados para o velório. Foi um dia que a gente teve um sufoco tão grande, que ninguém almoçou, ninguém tomou café, ninguém jantou. Terminamos o serviço por volta das nove, dez horas da noite. Estávamos exaustos, não sabíamos nem o que tinha acontecido, pelo fato do cansaço, pelo esgotamento e câimbra. Foi um dos dias mais horríveis que eu passei em toda a minha vida. Jamais quero passar outro dia desse.

Cr: Lá, o senhor viu a situação em que se encontravam os corpos?

M: Sim, eu vi a situação. Havia corpos distribuídos no meio da rua, que a água abandonou quando baixou. Outros estavam no meio da lama, outros dentro de bueiros, outros debaixo de construção. A prioridade que tínhamos era ter dois carros da funerária para recolher os cadáveres e as ambulâncias para recolher as pessoas que precisavam de

atendimento e trazê-las aos hospitais. O fato que mais me marcou, foi o de uma família inteira que desapareceu, pois a enxurrada arrancou toda a casa. Isso foi na rua Belo Horizonte. Um rapazinho, foi salvo. Ele estava sendo arrastado pelo ribeirão da rua Belo Horizonte e conseguiu salvar-se ao agarrar-se na raiz de uma goiabeira. Quando a água baixou, teve condições de sair e veio para a estrada. Perguntamos para o rapaz de 2 anos e meio onde que ele estava, disse que estava agarrado na raiz da goiabeira.

*Cr: Que idade ele tinha?*

M: Dois anos e meio, não era para ser a hora dele. Tenho muita tristeza de lembrar daquele dia, jamais quero passar por outra situação dessa. Nesta época já existia a Central Funerária. Falando com o seu Rolf Hass comentei que vi todo o estrago que fez essa água, dentro das ruas, dentro do Progresso, do bairro Garcia. As despesas foram enormes. Comentei que a prefeitura tinha um monte de despesas para assumir, as famílias tinham perdido tudo, não tinham de quem cobrar. Disse que iria fazer uma doação minha, fazer a doação desse serviço para a prefeitura. O Sr. Rolf refletiu um pouco e disse: “Cláudio, você tem razão, eu também vou fazer a minha parte na doação.” Então fizemos uma carta, entregamos ao prefeito Victor Fernando Sasse, com a doação de todo o serviço. A situação das famílias era difícil. Eu vi a situação da mesma forma como qualquer um vê quando precisa o serviço funerário. Hoje nós temos a Central Funerária, onde o serviço é moralizado, é disciplinado e graças a Deus, a gente sabe reconhecer quando numa hora difícil, nós temos que estender a mão e ajudar o próximo.

*B: Sr. Cláudio Manske, queremos agradecer ao senhor por nos conceder esta entrevista.*

## História & Historiografia

### Giovanni Rossi: O Imigrante para além da Utopia

TEXTO:  
CLARICIA OTTO\*

Os imigrantes italianos, espanhóis e portugueses chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX e com eles os ideários utópicos, anarquistas e socialistas.<sup>1</sup> As idéias de utopismo haviam sido propostas na Europa em princípios do século XIX e as experiências pioneiras das comunidades anarquistas utópicas foram o *Falanstério*,<sup>2</sup> na península do Saí, em Santa Catarina (1841-1843) e a *Colônia Cecília*,<sup>3</sup> em Palmeira no Paraná (1890-1894). As cidades de São Paulo, Santos e Rio de Janeiro, foram os centros urbanos de maior expansão dos ideais anárquicos e socialistas, especialmente por meio da criação das escolas modernas e das experiências anarco-sindicalistas<sup>4</sup> entre os operários.

Ademais, no início do século XX, no Médio Vale do Itajaí-Açu, região então pertencente ao município de Blumenau, compreendendo hoje os municípios de Ascurra, Rodeio, Rio dos Cedros, Apiúna e Timbó, entre os imigrantes italianos, existiram os que foram cognominados anarquistas e socialistas. Em diversas fontes<sup>5</sup>, verificou-se que o Clero local em seus discursos combatia os anarquistas e os socialistas, assim por ele alcunhados, e o leitor ainda é surpreendido por outros epítetos tais como: *maçônicos, italianófilos, comunistas*. Na citada região, a partir de 1889, a Igreja católica, representada pelo clero franciscano, empreendeu o projeto de criação e fortalecimento das Escolas Paroquiais<sup>6</sup> e simultaneamente, até 1917, uma comissão de imigrantes italianos, nomeada pelo cônsul italiano de Florianópolis, Caruso MacDonald, divulgou e fundou as Escolas *Dante Alighieri*.<sup>7</sup>

Na opinião de Riolando Azzi, os mestres das escolas italianas constituíam um perigo para



\*) Claricia Otto é doutoranda do Curso de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina na linha de pesquisa *Relações de Poder, cultura e sociedade*, sob a orientação do Prof. Dr. Artur

os franciscanos, em decorrência de suas idéias liberais e socialistas.<sup>8</sup> Dois nomes são citados constantemente, conquistando o lugar central das discussões: Giovanni Rossi e Ermembergo Pellizzetti. Neste artigo, porém, far-se-á alusão somente a Giovanni Rossi<sup>9</sup> visto que as maiores irascibilidades ocorreram a partir da sua fixação em Rio dos Cedros, local em que foi o dirigente da Estação Agronômica e de Veterinária do Estado de Santa Catarina entre os anos de 1897 e 1907, data em que retornou à Itália. Os conflitos se desenvolveram em torno das Cooperativas Agrícolas, da construção das capelas e das escolas *Dante Alighieri*. Assim, *todos os membros da comissão com palavras e atos declaram-se socialistas e como tais, através de jornais subversivos, o L'Asino, o Avanti. O chefe da comissão, certo Pellizzetti, talvez o mais instruído deles, é um socialista declarado.*<sup>10</sup> Dessa forma, também historiadores citam brevemente o caráter irascível entre alguns imigrantes italianos e os franciscanos. Entre outros, Norberto Dallabrida comenta que os líderes são descritos pelo clero como anarquistas e por isso inimigos da igreja Católica, propagadores de idéias subversivas do socialismo e corruptores do povo.<sup>11</sup>

Entretanto, se existe uma documentação que condena os citados italianos, de outro lado há os que delineiam a importância destes personagens podendo-se fazer alusão à Beatriz Pellizzetti Lolla, entre outros. Segundo essa pesquisadora, embora os anarquistas fossem inimigos da Igreja, Giovanni Rossi não procedeu, jamais, à propaganda anti-religiosa, desejando somente o progresso da agricultura, para que os pequenos agricultores pudessem usufruir dos frutos do seu trabalho e viver melhor, tanto que negociou para que o governo italiano comprasse o tabaco dos colonos italianos. *Procurava antes de tudo a colaboração dos frades para organizar todos os colonos em forma de cooperativas e sindicatos agrícolas [...] O Dr. Rossi visitava muito o padre superior quando ia a Rodeio, onde havia o convento deles, procurava persuadi-lo sobre a utilidade de tal iniciativa.*<sup>12</sup>

Entre as diversas publicações de Giovanni Rossi, encontra-se o esboço para um núcleo de socialismo experimental, sempre concentrando os enunciados socialistas na anarquia, isto é, na negação do governo, da autoridade e da tutela. Outras publicações foram de caráter científico e em 1895 Rossi escreveu *II Paraná nel XX secolo*. Segundo Lolla, nesta obra, o autor teria se baseado na sua vivência teórico-prática. Desta forma, sua obra pode ser considerada um testamento político e ideológico, uma utopia de Giovanni Rossi, de pseudônimo Cárdias. Para Rossi, *a Utopia é uma forma de artifício menos indigesto para representar as coisas.*<sup>13</sup>

Desse modo, neste artigo reflete-se a partir da obra de Thomas More, *A Utopia*<sup>14</sup> e discorre-se acerca do anarquista Giovanni Rossi, visualizando-o como

um utopista que apresenta em seu pensamento, mesclas da teoria dos clássicos anarquistas Bakunin<sup>15</sup> e Proudhon,<sup>16</sup> entre outros. O próprio Rossi disse que o seu texto *Il Paraná nel XX secolo* era utópico.<sup>17</sup>

O socialismo ao chegar no Brasil, revelou um estado de síncriese com as idéias do socialismo utópico que se mesclavam com os princípios anarquistas e com frases marxistas. Neste sentido, Ghiraldelli comenta que nos anos iniciais do século XX, principalmente após 1906, *os socialistas passaram, cada vez mais, a ceder a hegemonia para as correntes libertárias, ou seja, anarquistas e anarco-sindicalistas.*<sup>18</sup> Aqui cabe um questionamento: Giovanni Rossi estaria imbuído de ideais utópicos e como consequência destes ideais a prática anarquista, isto é, a utopia para além do sonho? O sonho do poeta ou do visionário, o sonho-desejo que delineia projetos realizáveis, mesmo que de pequeno alcance. Quer-se dessa forma, visualizar as utopias desempenhando um papel sumamente importante, à medida que possuem uma força de atração e um poder de superação, fazendo com que o ser humano, esteja em tensão permanente, querendo alcançar um mundo para além do conhecido.

Sabe-se que a imigração para o Brasil é resultante da expansão mundial do sistema capitalista e da competição imperialista do século XIX. Regiões como a Itália e a Alemanha tiveram um excedente populacional sem acesso à terra e ao trabalho, motivo pelo qual se deu a saída em massa para os continentes receptores de estrangeiros, efetuando-se justamente no processo de transição do trabalho escravo ao livre. No que se refere à competição imperialista, houve a pretensão de maior dominação. Esta pretensão gerou antagonismos e conseqüentes conflitos sociais. Em meio a estes conflitos sociais, obteve maior predominância a corrente ideológica liberal que possuía como fundamentação filosófica a igualdade de direito, o que significava dizer que todos dispunham dos mesmos direitos civis. No entanto, *em parte sem que o saiba, em parte deliberadamente, o liberalismo mantém uma desigualdade.*<sup>19</sup> Esta desigualdade suscitou críticas dos socialistas e dos anarquistas que, na travessia do oceano, aportaram no Brasil. O anarquismo é uma das correntes do pensamento socialista, e visa sobretudo ao culto da liberdade e à abolição do Estado. Estão interligados, pois o socialismo sem anarquia é o socialismo de Estado o que parece impossível, pelo fato de que seria destruído pelo órgão que deveria mantê-lo. Sendo o anarquismo um sinônimo de socialismo, o anarquista é acima de tudo, um socialista que pretende extinguir a exploração do homem pelo homem.

Em Rossi se associavam diversos impulsos [...] que se encontram nas raízes do anarquismo [...] sua recusa social por um certo tipo de sociedade mer-

cantil e autoritária e seu empenho social por um diverso tipo de sociedade de livres e iguais. [...] Para ele a verdadeira ordem natural é a anarquia, sem partidos políticos e sem hierarquia. Contudo, todo anarquista é socialista mas nem todo socialista é anarquista.<sup>20</sup>

Esta síncrize entre as correntes e as idéias contribuiu para que ao longo da história destes grupos, em determinados períodos fosse difícil identificar-se sendo somente socialista, ou anarquista ou ainda comunista e outros. A dificuldade para os não partidários destes ideais foi maior, haja vista os diversos cognomes que os líderes italianos do Médio Vale do Itajaí receberam, destacando-se Giovanni Rossi.

O utopista More, na sua obra supracitada, teceu críticas a um sistema injusto e gerador da desigualdade social e com estas críticas desejava a transformação da sociedade. Se o arcabouço teórico dos chamados socialistas utópicos emerge de um conjunto de doutrinas que visa à transformação social, pergunta-se: Qual teria sido o ideal utópico de Giovanni Rossi naquele *bucólico município de Blumenau*<sup>21</sup> nos dez anos em que lá viveu, especialmente na localidades de Rio dos Cedros, Tiroleses, Pomeranos, Rodeio, Ascurra, Ribeirão São Paulo, Guaricanas e Aquidaban, como também no Paraná e no Rio Grande do Sul?

Todavia não se pretende mostrar o autor da *Utopia* como se fosse um revolucionário do século XIX, mas como um homem do período renascentista, que respondeu a uma corrente ideológica gerada em sua época. Da mesma forma o anarquista da citada região de Santa Catarina não é apresentado como integrante de um movimento anárquico organizado, anti-clerical e anti-estatal, e sim como um homem portador de um ideal. Para Rossi, o importante era a experiência, mesmo que seus objetivos fossem teóricos. *Giovanni Rossi é um idealista*.<sup>22</sup> E como idealista procurou interferir na história, ou seja, sonhou acordado. Pretende-se refletir sobre aquilo que Giovanni Rossi representou para o clero da região do Vale do Itajaí Açu, isto é, decifrar sentidos e significados.

Como filósofo social e humanista, More pensou e sonhou uma nova Inglaterra e uma nova sociedade, fundadas sobre os pilares da justiça social e da igualdade. Tal idéia expressou na *Utopia*, seu principal escrito e obra prima, cuja publicação, em setembro de 1516, foi confiada a Erasmo. Se um dos pilares de More era a justiça social e a igualdade, assim também no século XIX, Proudhon, procurou compreender a realidade injusta, a qual deve ser explicitada e criticada constantemente. Esforçou-se com vistas a criar uma organização popular que transformasse a situação social injusta. Sua meta foi a de construir uma nova

sociedade alicerçada na justiça, na igualdade e na liberdade. Ao referir-se à liberdade Proudhon comenta que a *política é a ciência da liberdade: o governo do homem pelo homem, sob qualquer nome que se disfarce, é opressão; a mais alta perfeição da sociedade se encontra na união da ordem e da anarquia.*<sup>23</sup>

Para os anarquistas, a liberdade é vista como a quebra de todos os ídolos, tanto celestiais quanto terrenos; e aqui, talvez se possa entender, porque o anarquismo é contra o Estado e a Igreja. O conceito de liberdade para o anarquismo supõe igualdade, enquanto que Estado e Igreja representam autoridade. Neste aspecto, procura-se identificar a hostilidade do clero em relação ao anarquista Giovanni Rossi. Rossi foi um personagem importante que animou o movimento socialista e anárquico da Itália e infiltrou no Brasil novas formas revolucionárias. O melhor exemplo é a experiência da *Colônia Cecília*, em Palmeira, a poucos quilômetros de Curitiba.<sup>24</sup> Nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, contribuiu como agrônomo no desenvolvimento da agricultura. Não é exagero dizer que enquanto Rossi realizava suas pesquisas agrícolas e desejava a melhoria da lavoura,<sup>25</sup> almejasse simultaneamente a emancipação das pessoas, já que naquelas terras de Rio dos Cedros, de Ascurra e arredores, também existiam camponeses famintos, imigrantes que mar afora alimentaram um sonho. Sonho de uma sociedade na qual cada ser humano pudesse desfrutar de igual dignidade. O grupo que em 20 de fevereiro de 1890 *partiu de Gênova não desejava um programa preestabelecido, mas uma nova forma de convivência social, de justiça e liberdade para depois pregá-las aos trabalhadores.*<sup>26</sup> Naqueles tempos, pensar dessa forma era ser revolucionário. Rossi foi apontado por alguns como subversivo, a começar pelo Frei Lucínio Korte, agrônomo,<sup>27</sup> e como Rossi, igualmente buscando a elevação econômica e cultural dos imigrantes. Frei Lucínio no entanto, fazia parte da hierarquia clerical e era o representante de uma Igreja Tridentina e antiliberal, em que o clero era tido como a única autoridade, fonte de informação e de proteção. O resultado não pôde ser outro além do choque ideológico. Não poderia ser de outra forma levando em consideração que na anarquia não há espaço para a hierarquia. Rompendo com o conceito de autoridade, Rossi se aproxima das teorias de Bakunin e Proudhon, quando *aconselha que toda autoridade deve ser banida.*<sup>28</sup> Proudhon manifestava-se sempre contra o autoritarismo. Este também era o pensamento social e político que vigorava em Rossi, apregoando contra as tiranias de qualquer poder.

Para Bakunin, a revolução acontece a partir do momento em que se desenvolve uma educação com vistas à liberdade e à igualdade. Transformar as consciências é começar a ver o mundo de maneiras diferentes das atuais e vislum-

brar novas possibilidades. E ver de outro modo é o primeiro passo para a transformação, pois as pessoas não são capazes de empreender novos projetos se permanecerem fixadas numa única maneira de se viver. Dessa forma, na concepção Bakuniana, o ser humano é um produto do meio social e isto significa dizer que a sociedade molda as pessoas segundo as suas necessidades. Lolla, comenta que para Rossi, a tirania de uns para com os outros, não é uma determinação natural e por isso pode ser mudada. Assim, se a desigualdade for compreendida como natural, a tendência é ficar preso a ela. De modo contrário, se for vista como uma construção social é possível transformá-la.

A construção da liberdade é um processo de aprendizado da natureza e da cultura. A liberdade deve ser encarada como o ponto de chegada do homem, sendo, portanto, o resultado de um processo de construção [...] uma sociedade só pode ser realmente livre através da igualdade dos indivíduos que a constroem por meio de relações solidárias, com a crescente liberdade de todos.<sup>29</sup>

Se para os anarquistas a liberdade é sempre um processo em construção, uma conquista a cada passo, assim também, em todas as utopias está a porta aberta para uma nova situação, o nascimento de uma nova utopia. Ghiraldelli comenta que o projeto de sociedade anárquica compreendia uma boa dose de utopia e partiram para inúmeras iniciativas culturais e educacionais que *preparavam a sociedade futura*.<sup>30</sup>

A obra de More, *A Utopia*, influenciou profundamente as reflexões intelectuais da época, apontando para uma sociedade que, segundo ele, estaria sendo desejada e exigida pela nova cultura humanista e pela nova situação social. No primeiro livro, More tratou com seriedade e competência, como quem os viveu pessoalmente, os problemas políticos, sociais e econômicos da sociedade inglesa de então, mostrando os males da tirania e da corrupção no campo político e do abuso da propriedade privada no campo econômico. Assim Proudhon teorizou que o acúmulo da propriedade é um mal e entre os conceitos que foram introduzidos por Proudhon, deve ser destacado o da abolição da propriedade privada.<sup>31</sup>

No segundo livro através dos seus treze capítulos, More relata a organização e o funcionamento de uma sociedade que tem por objetivo principal possibilitar a plena realização do ser humano e ostenta como características fundamentais a comunhão de bens e a convivência fraterna. Essa sociedade ideal situa-se em uma até então desconhecida ilha do recém descoberto Novo Mundo, encontrada pelo navegador português Rafael Hythlodæus em uma de suas viagens. Ao mesmo tempo que More deixa perceber ao leitor que se trata de uma ficção,

empresta à narração de Hythodaeus uma aparência de veracidade. Tal como More, também Rossi, na 4ª edição de *Una Comuna Socialista*, localizou sua história num lugar imaginário no litoral Tirreno, Poggio al Mare, onde o protagonista, na figura de Cárdias, pretendia suprimir as origens das misérias do sistema que encontrou nessa população camponesa.<sup>32</sup>

Para melhor compreender a idealização da *ilha utópica* narrada por More é imprescindível uma visão da história da Inglaterra dos séculos XV e XVI. O contexto sócio-econômico inglês era complexo e marcado por contradições, como por exemplo, a situação das pessoas que estavam sendo expulsas de suas casas e quintas pelos donos das propriedades, quando estes, transformavam aldeias inteiras em zonas de pastagens, com o objetivo principal restringia-se ao fornecimento lucrativo de lã aos fabricantes de panos. Ao comentar a situação que se instalou na Inglaterra, Horkheimer avalia: *o destino dos bandos nômades, pilhadores de lavradores famintos, foi terrível. Dezenas de milhares foram mandados assassinar pelo governo, muitos outros forçados a trabalhar em condições inacreditáveis, nas manufaturas então em extensão.*<sup>33</sup> Tal foi o contexto da primeira grande utopia que acabou dando nome a todas as posteriores, a *Utopia* de More.

Diante das condições de miséria das massas famintas, os utopistas reagiram com a sentença: *a culpa é da propriedade!* Na Idade Média, diferentemente da época moderna, a propriedade ocupava uma outra significação. Representava, sobretudo, a acumulação de bens para usufruto direto, não envolvendo necessariamente o domínio dos homens. Assim, é o próprio More que vai dizer:

Olhemos o que se passa a cada dia ao redor de nós. A principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres zangões ociosos, que se nutrem do suor e do trabalho de outrem e que, para aumentar seus rendimentos mandam cultivar suas terras, escorraçando os rebanhos até à carne viva. Não conhecemos outro gênero de economia.<sup>34</sup>

Nessa perspectiva, vai retratando, muitas vezes de forma irônica, outras emocionante, o que estava acontecendo na Inglaterra sempre em confronto com a sonhada *ilha utópica*. A *Utopia* procurou mostrar as causas que tornam infelizes as repúblicas; tendo diante dos olhos a Inglaterra. More partilha de sua tão sonhada *Utopia* no diálogo com Hythlodaeus e é justamente com ele que irá discutir as causas dos assaltos apontando para os inumeráveis rebanhos de carneiros, numa ardorosa afirmação: *Esses animais tão dóceis e tão sóbrios em qualquer parte, são entre vós de tal sorte vorazes e ferozes que devoram mesmo os homens e despovoam os campos, as casas e as aldeias.*<sup>35</sup>

São estas circunstâncias no interior do território inglês, aliadas à con-

corrência nacional que incide igualmente nas cidades italianas, que terão conseqüências sangrentas. Para os utopistas como More e depois Tomás Campanella (1568-1639), figura típica do Renascimento italiano, a causa das guerras, idêntica à da expulsão dos caseiros pelos senhores rurais ingleses, resumia-se ao lucro.

O pesquisador Jerzi Szacki que se interessou pelo utopismo como uma certa postura diante da vida, partilha deste mesmo pensamento de More ao escrever que *não há utopia sem ideal, mas a configuração de uma utopia requer a nosso ver uma posição definida do ideal em relação à realidade. É utopista quem deseja substituir uma realidade absolutamente má por outra absolutamente boa.*<sup>36</sup> Para Szacki, a utopia é uma antecipação, é sinônimo de ideal moral e social; é a percepção do mal e a busca de meios para curá-lo. O utopista não aceita o mundo que encontra, não se satisfaz com as possibilidades existentes: sonha, antecipa, projeta, experimenta. A utopia nasce quando na consciência surge uma ruptura entre o que é, e o que deveria ser.

Irreconciliável com o ponto de vista de Hobbes, o homem-lobo, mau por natureza, para More, o homem naturalmente não é mau, pode tornar-se por forças das circunstâncias da vida, especialmente por causa da propriedade. More é incisivo ao tratar da legislação:

Na *Utopia*, as leis são pouco numerosas; a administração distribui indistintamente seus benefícios por todas as classes de cidadãos. O mérito é ali recompensado; e, ao mesmo tempo, a riqueza nacional é tão igualmente repartida que cada um goza abundantemente de todas as comodidades da vida.<sup>37</sup>

Com isso, mostrou clara aversão à grande quantidade de leis em seu país, inoperantes e ineficazes comparando-as à sabedoria e humanidade das que regem as instituições utopianas.

Para tanto, interessado na concretização de um caminho igualitário na sociedade, foi buscar inspiração em Platão que entre diferentes fatores acenou à influência do pedagógico. Platão conjugava política e ensino na organização de uma república com um imaginado comunismo utópico. Entretanto, há diferenças profundas entre More e Platão. Enquanto Platão preconizou um comunismo consistente com a propriedade comum de pouquíssimas coisas, visando a libertar do trabalho os governantes, More concebeu um comunismo visando a libertar os homens para o trabalho. O alvo utópico portanto, mesmo que duvidoso, seria assim a igualdade; o de Platão, a máxima oportunidade para alguns, os melhores sem dúvida, mas ainda alguns. Neste sentido, segundo diversos autores, se situaria a proclamada afinidade de More com os modernos socialistas. Neste aspecto, Mário Cayota, redator de um dos capítulos da História do Socialismo, no volu-

me de Thomas More à Revolução Francesa, expressa a importância que atribui a More:

Com la Utopia de Moro comienza el moderno socialismo. Desde él no há dado un paso adelante hasta mediados del último siglo. Hasta la fundación del moderno socialismo científico por Marx y Engels, es decir, en más de tres siglos, el pensamiento socialista no há pasado la órbita que le señaló por vez primera Tomás Moro.<sup>38</sup>

Conforme nos aponta Lolla, também Rossi tinha como uma das concepções básicas do seu anarquismo a igualdade natural, universal e permanente para todos os homens. Rossi porém, não deixa de ver as dificuldades, pois a fórmula *cada um segundo a sua vontade e cada um segundo a sua necessidade*, mais anárquica não poderia ser, traduzida na prática, porém, claudica. As dificuldades surgiram em torno dos *egoísmos de família, assembléias ociosas que se dispersaram em salatórios ridículos, ambições mal dissimuladas e promessas não mantidas*.<sup>39</sup>

Dado intrigante, porém, é o fato de nesta *ilha*, existir a escravidão. São escravos os prisioneiros de guerra e os cidadãos culpáveis de grandes crimes, que são submetidos a um trabalho contínuo. Justificando-se diante do exposto acima, manifestam-se os que pretendem minimizar o projeto utópico de More, argumentando que o projeto não buscou a libertação e igualdade para todas as pessoas. No entanto, os *escravos* da sociedade utopiana não são uma Categoria social estabelecida por herança ou razões econômicas, mas pelo fato de alguém ter delinqüido. Para o humanista More, é escravo quem carece de liberdade e esta só se perde quando se comete um delito. É uma categoria jurídica, ética, não social e nem econômica.<sup>40</sup>

Destarte, More fez um relato apaixonante desse recanto em terra americana, escolhido como palco da existência que apontava como digna, pois que marcada por estabilidade, equilíbrio e harmonia; há a abundância de alimentos, cidades bem planejadas e edificadas, meio-ambiente protegido, casas confortáveis, vastos jardins, festas e momentos de lazer. E tudo de forma comunitária.

Contudo, a *Utopia* de More não é um modelo cristalizado mas um projeto dinâmico, fruto do desejo. Nesta acepção prevê o delito, a ordem estabelecida não é algo definitivo, uma vez que os utopianos conservam seu livre arbítrio. Nesta perspectiva, para além da utopia, a anarquia se assemelha ao utópico. Gallo descreve o apreço que Proudhon teve pela liberdade e pela autonomia, sua profissão de fé anarquista. Quando Bakunin refletiu sobre a educação para a liberdade, o fez abordando-a como um processo em construção e uma conquista, objetivando

libertar as pessoas da educação capitalista, que visava sobretudo, a moldar o indivíduo segundo seus propósitos. Bakunin apresentou em seu pensamento o que seria necessário para perseguir um objetivo contrário ao da educação capitalista. Para ele a educação capitalista não formava o homem completo e, conseqüentemente, não possibilitava desenvolver a educação libertária.

É preciso dispensar a mãos cheias a educação nas massas, e transformar todas as igrejas, todos estes templos dedicados à glória de Deus e à submissão dos homens, em outras tantas escolas de emancipação humana. Mas, antes de tudo, entendamo-nos: as escolas propriamente ditas, em uma sociedade normal, fundada sobre a igualdade e o respeito à liberdade humana, deverão existir apenas para as crianças, não para os adultos; e para que se convertam em escolas de emancipação e não de submissão, terão de eliminar toda essa ficção de Deus, o eterno e absoluto escravizador, e deverá fundamentar toda a educação das crianças e a instrução no desenvolvimento da dignidade e da independência pessoais, e não o da piedade e da obediência; sobre o culto à verdade e à justiça, e antes de tudo sobre o respeito humano, que deve substituir em tudo e por tudo o culto divino.<sup>41</sup>

Conforme a citação anterior, os anarquistas atribuíam o não desenvolvimento da educação libertária ao catolicismo, pois entendiam que a religião cristã utilizou-se de uma pedagogia baseada na autoridade do clero e de seus preceptores. Opunham-se também por pensar que a intelectualidade e a criatividade eram anuladas por reduzir a pedagogia aos desígnios de uma ordem social fundamentada nos condicionalismos do poder divino. Essa educação tinha o mérito de ensinar a ler e escrever e o defeito de deformar a inteligência, o caráter e condicionar os alunos à submissão e à obediência. Desse modo, os anarquistas *não viam com bons olhos o cerceamento do ensino, resolvendo fundar escolas, não só para romper com as formas obscurantistas de ensino clero-estatal, mas também para possibilitar aos analfabetos e aos seus filhos alcançar uma instrução livre e sadia.*<sup>42</sup>

A educação comprometida com as perspectivas anarquistas se voltava para a necessidade da educação enquanto instrumento de atuação social e por isso combatia o ensino ligado às diretrizes religiosas.<sup>43</sup> O ensino sempre foi o ponto fundamental de discussão nos círculos anarquistas e a partir das primeiras décadas do século XX seguiram o ensino racionalista, que tem como meio a razão e como guia a ciência. Neste sentido, a educação favorece o desenvolvimento físico, intelectual e moral da pessoa, para a plena consciência e pleno domínio de si mesma e para a correspondência recíproca às exigências da comunicação e da cooperação social.

Esta é a grande novidade de Bakunin, mas também de More, que em sintonia com a filosofia do Renascimento procurou traduzir em conceitos adequados à nova concepção do homem no mundo. Visto por historiadores como um dos precursores do socialismo utópico, More não hesitava em afirmar que *a virtude consiste em se viver segundo a natureza*. Para Rossi, a liberdade é por natureza inerente ao direito de todo ser humano.<sup>44</sup> É no desenvolver as próprias potencialidades mediante sua natureza racional e em contato com os modelos do ambiente que o ser humano aperfeiçoa-se e adquire qualidades de maneira a ser inserido ativamente no complexo contexto do habitat existencial.

Pode-se entender que More fez uma releitura dos historiadores antigos e ousou criar algo novo; rompeu, assim, com as antigas estruturas de poder. Sua *Utopia* apresenta uma cidade como um todo orgânico na qual, a partir da justiça, se organiza um Estado justo. Ele, como os demais utopistas descobrem o mal social da economia, que residia, sobretudo, na existência da propriedade privada. Em sua obra, reflete-se a garantia de que nenhuma melhoria só jurídica, mas apenas a transformação radical das bases sociais poderia produzir a justiça.

Ao tomar por base as idéias humanistas, desenvolvidas durante a Renascença, tem-se a extrema valorização da capacidade da razão humana, o que segundo Marilena Chauí, seria a *confiança numa ciência ativa e prática em oposição ao saber contemplativo*. Assim, o que os humanistas fazem e aqui, de modo especial More, é *laicizar o saber, a moral e a política*.<sup>45</sup>

More foi o utopista que desenvolveu suas reflexões numa época de grande efervescência intelectual e artística, de grande paixão pelas descobertas referentes à natureza e ao ser humano.

Mundo circundado pelo racional, pelo natural e imanente, dentro de uma ordem compreensível à razão humana. More contribuiu com a compreensão desse conhecimento e formulou um pensamento ordenado, buscando eliminar as contradições. Os instrumentos racionais foram por ele utilizados para transformar a situação social que segundo a sua opinião estava permeada de injustiças.

O grande mérito de More e de outros utopistas foi o de pensar o mundo a partir da *utopia*, pois sem o desejo de tornar *tópicos* os valores é impossível estimular a criação de uma sociedade sem autoridade. Com este estímulo a vida realiza-se em uma dialética indefinida de aproximação em direção ao ideal que reclama, mas não o alcança sem o esforço e a ruptura de múltiplas dependências que o acossam. A *Utopia* de More e de outros utopistas continua a ser uma inspiração para os homens e as mulheres do século XXI, porque sem dúvida, identifi-

cam-se neste século semelhanças com os tempos renascentistas e modernos.

Dessa forma, Rossi procurou desenvolver a cooperação necessária e voluntária para o bem da coletividade. Existiu, portanto, entre Rossi e o clero local, uma diferença, núcleo central das irascibilidades: a anarquia<sup>46</sup> para além da utopia e que acabou desafiando a autoridade do pastoreio exercido pelo clero franciscano. Os líderes anarquistas haviam trazido para o Brasil a mentalidade anticlerical que tanto o liberalismo como o socialismo tinham assumido no século XIX à medida que a Igreja era considerada forte baluarte do antigo regime, ou seja, da aristocracia rural.

Destarte, Rossi e os imigrantes italianos não se prenderam a um anarquismo como sistema determinista, e sim, à sua vontade. Segundo Lolla,<sup>47</sup> a vontade presente nos utopistas foi o que levou a um constante repensar e autofabricar-se. George Woodcock escreveu que entre os imigrantes anarquistas, os da Itália se diferenciavam dos demais países devido a uma incessante e intensa busca de seus ideais tal como uma missão.<sup>48</sup> Parafraseando Jamundá, Giovanni Rossi *foi um sonhador e como tal, mascarado de anarquista italiano: sonhou e como se sonhasse passou como gente, e como vulto ficou na História.*<sup>49</sup>

Portanto, para que as utopias não se degenerem em ilusões e protelações sem fim, é necessário compreendê-las enquanto projeto e partir para ações que as tornem possíveis, ainda que pequenas e fragmentadas. A memória com as constatações e desafios que a história apresenta, apontam que as tentativas dos anarquistas foram algumas dessas ações.

Todavia, foi para além da utopia, que o *utópico* se converteu em *tópico*. Para os anarquistas as utopias foram realizáveis porque souberam deformá-las, isto significa que nas utopias existe um paradoxo. Todos os mundos das utopias estão sigilosa e zelosamente protegidos. A *Utopia* de Thomas More, *A cidade do sol* de Campanella, *A nova Atlântida* de Bacon, *Um mundo feliz* de Huxley, sempre se encontram separados, protegidos e defendidos de outros mundos contaminados ou contaminantes. Aos habitantes deste mundo utópico prometem-se a felicidade e a satisfação de todas as suas necessidades, mas sob a condição de se submeterem à ordem estabelecida.

Desde a *República* utópica de Platão, que rejeita todo tipo extravagante e indócil, até o *mundo feliz* de Huxley, em que o homem com suas idéias pessoais é perigoso e eliminável, todos os programas de felicidade exigem a total submissão dos habitantes de *Utopia* à ordem implantada de cima. Estas *ilhas* utópicas prometem a felicidade e a satisfação de todas as necessidades, mas todas elas estão bem

protegidas do exterior e bem organizadas para deixar pouco espaço à espontaneidade criadora, pois isso suporia o esfacelamento da ordem estabelecida.

Nesse sentido, um dos limites da *Utopia* consiste no fato de que ela rejeita a liberdade, ou seja, a vida em liberdade é o mais irrealizável da *Utopia*. E neste aspecto, os anarquistas foram para além da *Utopia*. As constituições de todos os Estados proclamam solenemente a defesa da liberdade das pessoas que pretendem proteger. No entanto, trata-se de eliminar, limitar, fazer adormecer ou domesticar essa liberdade proclamada e legalmente defendida.

Para os anarquistas toda ordem vinda de cima representa autoridade, e desde os tempos remotos, o hábito de se viver sob a autoridade de alguém que governa, condicionou e deformou a pessoa naquilo que ela tem de mais sublime: a razão e a vontade de ser livre. Esta anomalia provocada por hábitos milenares levou o ser humano a acreditar que é impossível viver sem estar sob as ordens de alguém que determine o que, quando e como fazer. Para este tipo de mentalidade, a liberdade trará como consequência a desordem. Ressalta-se que o anarquismo tem como pontos importantes de sua doutrina *a educação e a solidariedade humanitária, elementos que se contrapõem à desigualdade perpetuada através dos séculos.*<sup>50</sup>

Na opinião dos anarquistas, a estrutura da sociedade capitalista deveria entrar em *colapso e os sinos das catedrais acompanhar o sepultamento da burguesia, do clero e do Estado [...] e sobre as ruínas da arcaica forma de vida social surgiria, então a anarquia: O homem livre sobre a terra livre.*<sup>51</sup> Proudhon foi o primeiro a proclamar a ordem natural em oposição à ordem imposta de cima, e, segundo ele, a anarquia *é a sociedade organizada, viva, é o mais alto grau de liberdade e ordem que a humanidade poderá atingir.*<sup>52</sup>

Todavia, o citado limite da *Utopia* não impede e nem é razão suficiente para não criar um mundo utópico para o qual se encaminhar. Dirigir-se à *Utopia* é adquirir uma postura crítica do que o mundo é e do que deveria ser, indo dessa forma, além dela.

## NOTAS DE FIM

- <sup>1</sup> O anarquismo é definido como a doutrina que rejeita o princípio da autoridade política alegando que interfere na liberdade individual e sustenta que a ordem social é possível e desejável sem a autoridade. Preconiza a substituição do Estado pela cooperação de grupos associados, ou seja, a criação direta de uma sociedade comunista. O Socialismo é um conjunto de doutrinas que se propunham a promover o bem comum visando a reforma ou a destruição da sociedade capitalista. Divide-se numa série de correntes.
- <sup>2</sup> PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina, sua história*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981, p. 259-261.
- <sup>3</sup> SOUZA, Newton Stadler de. *O anarquismo na Colônia Cecília*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.
- <sup>4</sup> Duas foram as manifestações mais significativas dos anarquistas. O anarquismo utópico e o anarco-sindicalismo. RODRIGUES, Edgar. *Os libertários. Idéias e experiências anárquicas*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- <sup>5</sup> Documentação existente no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva em Blumenau, no Convento Franciscano em Rodeio e no Arquivo Histórico Eclesiástico em Florianópolis. Consiste em cartas, abaixo-assinados, jornais e relatórios; a maior parte está redigido em língua italiana, outros em língua alemã e portuguesa.
- <sup>6</sup> HEERDT, Moacir. *As escolas paroquiais (1890-1930)* Florianópolis: 1992, p.02. Dissertação: Mestrado em História na UFSC. Estas escolas estavam sob a supervisão e direção do clero, e nessa região pelos padres franciscanos.
- <sup>7</sup> As Escolas *Dante Alighieri* eram subsidiadas pelo Consulado Italiano e pela *Sociedade Dante Alighieri*, estando sob a direção de leigos. Desde 1896 o cônsul fornecia material às escolas paroquiais italianas. A partir de um diagnóstico do cônsul Gherardo Pio di Savóia em 1900, houve um aumento significativo de material e subsídios às escolas. Todavia, em 1906, o cônsul Caruso Macdonald, diante da resistência na utilização dos livros italianos, criou a Comissão Escolar, excluindo a interferência do clero.
- <sup>8</sup> AZZI, Riolando. *A obra de Dom Bosco em Santa Catarina. A atuação salesiana em prol dos imigrantes (1916-1941)*. Salesiana Dom Bosco, 1988, p.137.
- <sup>9</sup> Giovanni Rossi, imigrante italiano, anarquista, chegou ao Brasil em 1890. De 1890 até 1894 realizou a experiência na *Colônia Cecília*, no Paraná, SC. De 1894 a 1897 foi professor de agronomia e de veterinária na Escola Superior de agricultura de Taquari, no Rio Grande do Sul. De 1897 a 1907 dirigiu a Estação Agronômica e de Veterinária de Santa Catarina. Para maiores referências cronológicas, pessoais e oficiais, consultar Lolla, Beatriz Pellizzetti. *Reflexões sobre uma utopia do século XIX*. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 1999, p. 149-257. SANTOS, Lucy Woellner dos. *Estação agronômica e de veterinária do Estado*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.
- <sup>10</sup> Trecho da carta de Frei Lucínio Korte ao Ministro da Educação Italiano. Rodeio, 05 de dezembro de 1907.
- <sup>11</sup> DALLABRIDA, Norberto. *A sombra do campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do Médio Vale do Itajaí Açu (1892-1919)*. Florianópolis: 1983, p.185 e 187. Dissertação: Mestrado em História na UFSC.
- <sup>12</sup> Memórias de Ermembergo Pellizzetti. Citado por Lolla, Beatriz Pellizzetti. Op. cit., p. 218.
- <sup>13</sup> Ibidem p. 117 e 199.
- <sup>14</sup> MORE, Thomas. *A Utopia*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972. Thomas More nasceu na Inglaterra, em 1478. Foi contemporâneo e amigo de Erasmo de Roterdã, autor da célebre obra *Elogio da Loucura*. A palavra *utopia* surgiu com a obra de More em 1516. *Utopia* era uma ilha onde existia uma sociedade ideal. A partir daí a palavra passou a designar todos os sonhos de criação de uma sociedade idealizada sem que se tenha condições ou meios para realizá-la. Etimologicamente falando, u + top(o) + ia, do grego: ou = não, tópos = lugar (não lugar). Dessa forma, utopia significa lugar não existente, país que não se encontra em lugar algum. Destarte, neste trabalho, Utopia jamais será utilizada como sinônimo de ilusão, ou algo que é sem nunca ter sido, nem tampouco uma miragem, ou um produto de uma alucinação ocular, mas significa sobretudo: o belo lugar (Eu-topia=belo lugar).
- <sup>15</sup> Mikhail Alexandrovich Bakunin (1814-1876). Fundador do movimento anarquista. Recrutou seguidores em meio aos proudhonianos que achavam viável a cooperação entre os artesãos e camponeses. Seu progra-

ma combatia qualquer tipo de autoridade, O Estado e a Igreja. COSTA, Caio Túlio. *O que é o anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p.37-38.

<sup>16</sup> Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Suas idéias deram os contornos e embasaram todo um vasto setor revolucionário da classe operária. Não foi Proudhon o fundador do movimento anarquista; mas junto com Godwin pode ser considerado o fundador da anarquia. Esboçou uma sociedade onde poderiam florescer juntos a igualdade, a justiça, a independência e o reconhecimento dos méritos individuais. COSTA, Caio Túlio. Op. cit., p. 37-38.

<sup>17</sup> LOLLA, Beatriz Pellizzetti. Op. cit., p. iii.

<sup>18</sup> GHIRARDELLI, Júnior Paulo. *Educação e movimento operário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1987, p. 57

<sup>19</sup> REMOND, René. *Introdução à História do nosso tempo. O século XIX (1815-1914)* São Paulo: Cultrix, 1976, p.44.

<sup>20</sup> LOLLA, Beatriz Pellizzetti, Op. cit., p. 78, 80 e 81.

<sup>21</sup> JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *O anarquista estimulado pelo imperador*. Blumenau em Cadernos. Blumenau: Tomo 36, janeiro de 1995, p. 04.

<sup>22</sup> Carta do Dr. Cesare Sartori, para Ermembergo Pellizzetti, citado por LOLLA, Beatriz Pellizzetti. Op. cit., p. 257.

<sup>23</sup> PROUDHON, Pierre-Joseph. *Textos escolhidos*. (org. D. Guérin) Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 24-25.

<sup>24</sup> Ver em LOLLA, Beatriz Pellizzetti. 1999, as causas que na opinião de Giovanni Rossi, levaram a *Colônia Cecília* ao fracasso.

<sup>25</sup> Em carta datada de 03 de junho de 1929, enviada por Giovanni Rossi, de Pisa, Itália, a Ermembergo Pellizzetti encontra-se a afirmação que a Estação Agrônômica fora criada para estudar um fato particular: a doença do tabaco e para a busca de uma variedade resistente. Fato este que comprova o interesse de Rossi na melhoria da lavoura. PELLIZZETTI, Beatriz. *Os papéis de Giovanni Rossi no Arquivo Ermembergo Pellizzetti*. Boletim da Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Curitiba: UFPR. N. 14, 1971, p. 26.

<sup>26</sup> LOLLA, Beatriz Pellizzetti. Op. cit., p. 158. Tal grupo, juntamente com outros companheiros que juntaram-se posteriormente, foi o que experienciou durante quatro anos a vivência na *Colônia Cecília*. O número ultrapassou 150 pessoas.

<sup>27</sup> EUGÊNIO, Depiné. Entrevista. Rodeio, 20 de junho de 2000. Arquivo da autora (A/A). Além de agrônomo era um músico perito. ZANE, Marcelo. *Giovanni Rossi: Um anarquista italiano na região de Blumenau*. Blumenau em Cadernos. Blumenau: Tomo 32, agosto de 1991, p. 230.

<sup>28</sup> LOLLA, Beatriz Pellizzetti. Op. cit., p. 83.

<sup>29</sup> GALLO, Sílvio. *Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação*. São Paulo: Papirus, 1995, p.72 e 74.

<sup>30</sup> GHIRARDELLI, Júnior Paulo. Op. cit., p.117.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>32</sup> LOLLA, Beatriz Pellizzetti. Op. cit., p. 156.

<sup>33</sup> HORKHEIMER, Max. A Utopia. In: *Origens da filosofia burguesa na história*. Lisboa: Editorial Presença, 1970, p.75.

<sup>34</sup> MORE, Thomas. Op. cit., p.174.

<sup>35</sup> Ibidem. p.176.

<sup>36</sup> SZACKI, Jerzi. *As utopias ou a felicidade imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p.14.

<sup>37</sup> MORE, Thomas. Op. cit., p.203.

<sup>38</sup> APUD Kautsky. CAYOTA, Mário. *Siembra entre brumas. Utopia franciscana y humanismo renacentista: una alternativa a la conquista*. Montevideo: La Galera, p.109.

<sup>39</sup> LOLLA, Beatriz Pellizzetti. Op. cit., p. 82, 118 e 169.

<sup>40</sup> É muito conhecida a dureza e até mesmo a crueldade dos códigos penais contemporâneos de More. A mutilação e a morte são um castigo habitual previsto não só para crimes graves mas até para roubos insignificantes. Na *Utopia*, em vez, a pena é o trabalho. O "castigo" foi pensado em função da possível reabilitação do delinqüente, não de seu extermínio.

<sup>41</sup> BAKUNIN, Mikhail. *Dios y el Estado*. 4. Ed. Barcelona, Júcar, 1979, p. 74-75

<sup>42</sup> RODRIGUES, Edgar. Op. cit., p.166.

<sup>43</sup> O combate à Igreja Católica não pode ser confundido com uma aversão generalizada à religião. Ver em GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Record, 1979, p. 183-184.

<sup>44</sup> LOLLA, Beatriz Pellizzetti. Op. cit., p. 01.

<sup>45</sup> CHAUÍ, Marilena. Filosofia moderna. OLIVEIRA, A. M. et.all. *Primeira filosofia: aspectos da história da filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.60-62.

<sup>46</sup> A anarquia aqui deve ser entendida no sentido Proudhoniano como o avesso da desordem e do caos. O termo *anarquia* em sua raiz grega, significa *ausência de governo* e historicamente foi tomado num sentido negativo, partindo-se do princípio de que, se não há governo, não há ordem. Proudhon foi o primeiro a resgatar este termo de sua conotação pejorativa, consolidada durante a Revolução Francesa. Defende o aspecto positivo da anarquia argumentando em *O que é a propriedade?* que a ausência de um governo centralizado é a maior expressão da ordem de uma sociedade. A anarquia é uma atenção permanente aos problemas sociais, aos mecanismos de poder e à resistência aos mesmos. PROUDHON, Pierre-Joseph. *O que é a propriedade?* Lisboa: Editorial Estampa, 1975, p.234-235. O cônsul italiano e os citados líderes entendiam que o problema era a excessiva autoridade que os franciscanos exerciam sobre a população bem como um programa escolar demasiadamente voltado para a história sagrada e o catecismo.

<sup>47</sup> LOLLA, Beatriz Pellizzetti. Op. cit., p. 18.

<sup>48</sup> WOODCOOK, George. *O anarquismo*. Lisboa: Meridiano, 1971, p.357.

<sup>49</sup> JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *O anarquista estimulado pelo imperador*. Blumenau em Cadernos. Blumenau: Tomo 36, janeiro de 1995, p.04.

<sup>50</sup> RODRIGUES, Edgar. Op. cit., p. 15.

<sup>51</sup> GHIRALDELLI, Júnior Paulo. Op. cit., p. 117.

<sup>52</sup> VARES, Luiz Pilla. Op. cit., p. 26.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, Riolando. *A obra de Dom Bosco em Santa Catarina. A atuação salesiana em prol dos imigrantes (1916-1941)*. Salesiana Dom Bosco, 1988.

BAKUNIN, Mikhail. *Dios y el Estado*. 4. ed. Barcelona: Júcar, 1979.

CAYOTA, Mário. *Siembra entre brumas. Utopia franciscana y humanismo renacentista: uma alternativa a la conquista*. Montevideo: La Galera, p. 109.

CHAUÍ, Marilena. Filosofia Moderna. OLIVEIRA, A. M. et. All. *Primeira filosofia: aspectos da história da filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DALLABRIDA, Norberto. *A sombra do campanário: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do Médio Vale do Itajaí Açu (1892-1919)*. Florianópolis: 1983.

Dissertação: Mestrado em História na UFSC.

GALLO, Sílvio. *Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação*. São Paulo: Papirus, 1995.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças da Deus*. São Paulo: Record, 1979.

GHIRALDELLI, Júnior Paulo. *Educação e movimento operário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1987.

HEERDT, Moacir. *As escolas paroquiais (1890-1930)* Florianópolis: 1992. Dissertação: Mestrado em História na UFSC.

HORKHEIMER, Max. A Utopia. In: *Origens da filosofia burguesa na história*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *O anarquista estimulado pelo imperador*. Blumenau em Cadernos. Blumenau: Tomo 36, janeiro de 1995.

LOLLA, Beatriz Pellizzetti. *Reflexões sobre uma utopia do século XIX*. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 1999.

*Os papéis de Giovanni Rossi no Arquivo Ermembergo Pellizzetti*. Boletim da Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Curitiba: UFPR. N.14, 1971.

MORE, Thomas. *A Utopia*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PELLIZZETTI, Beatriz. *Pioneirismo italiano no Brasil meridional: Estudo de caso*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1981.

PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina, sua história*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Textos escolhidos*. (org. D. Guérin) Porto Alegre: L&PM, 1983.

REMOND, René. *Introdução à História do nosso tempo. O século XIX (1815-1914)* São Paulo: Cultrix, 1976.

RODRIGUES, Edgar. *Os libertários. Idéias e experiências anárquicas*. Petrópolis: Vozes, 1988.

SANTOS, Lucy Woellner dos. *Estação agrônômica e de veterinária do Estado*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

SOUZA, Newton Stadler de. *O anarquismo na Colônia Cecília*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.

SZACKI, Jerzi. *As utopias ou a felicidade imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

VARES, Luiz Pilla. *O anarquismo: promessas de liberdade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, MEC/SESU/PROEBI, 1988.

WOODCOOK, George. *O anarquismo*. Lisboa: Meridiano, 1971.

## Memórias

### Meus Tempos de Colégio - I Primeiro, o Pré

TEXTO:  
ARMANDO LUIZ  
MEDEIROS\*



## 1950 - O Prédio Velho

O nome era-lhe adequado. O pequeno prédio de quatro salas era realmente velho. Foi lá que tudo começou.

De 1950 a 1957 estudei no que é hoje o Colégio Franciscano Santo Antônio. Ao terminar o secundário, havia passado no Colégio quase a metade de minha vida. Quase meio século já se escoou desde que aquele importante ciclo de minha formação começou. Muito já desapareceu da memória; outro tanto se confundiu com os demais acontecimentos de todo aquele longo período. Mesmo assim vou tentar juntar algumas lembranças e reminiscências.

1950. Ano Santo. Ano do Centenário da Cidade. Ano da Copa do Mundo no Brasil, perdida na final para o Uruguai. Ano de transição, em que deixávamos as calças curtas e a escola primária das irmãs para ingressar num colégio de homens.

A turma era grande, uns trinta ou quarenta, todos sempre chamados apenas pelos sobrenomes, à moda européia, o que fazia ecoar uma sensação de maturidade e responsabilidade. Alguns alunos vinham todos os dias de lugares distantes, como os irmãos Augenstein, do Salto Weissbach, o Vianna e o Koerich, de Gaspar.

Colegas daquela primeira turma foram também Meyer, Padaratz, Theiss, Kaulich, Bernardes, Siqueira, Faber, Schiller, Schoppenauer e os dois primos Guimarães, cujos prenomes, mantendo o estilo da época, omito para aguçar a lembrança, e ainda muitos outros, a quem peço desculpas pela falha de meus registros.

O curso atendia por vários nomes: Curso Médio, Pré-Ginásial, Admissão. Era uma preparação ao ginásio, dirigida aos alunos que não tinham a idade

\*) Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos

mínima de onze anos completos até junho, o que lhes permitiria prestar o Exame de Admissão, porta de entrada para o novo estágio no estudo formal. Cronologicamente corresponderia hoje à quinta série, mas mas era na verdade uma revisão profunda de todo o programa do Primário. Matérias que hoje seriam consideradas no mínimo exóticas, como Caligrafia e Civilidade, enriqueciam o currículo. O regime de aulas já era o do ginásio. Em lugar de um regente de classe, havia um professor para cada matéria.

Os professores, aliás, pareciam exagerar na dureza com que tratavam os alunos. A Matemática era ensinada pelo velho mestre Schwarz, provavelmente da mesma maneira como fazia quando de sua chegada da Alemanha, várias décadas antes ... Um método então já obsoleto e seguramente extemporâneo, mas sem dúvida eficiente. Até hoje monto minhas multiplicações da maneira como ele ensinava. Durante anos, conferi multiplicações e divisões com a “prova dos nove”, outra das manias do velho professor. De acordo com seu método, eram comuns os exercícios em que uma longa série de números deveria ser somada sem pestanejo nem erro, pois quem errasse passaria longos minutos em pé, de “castigo” nas imediações da entrada da sala. *“Perto da porta é lixo!”* observava o Professor com seu forte sotaque germânico, quando, como por muitas vezes, a totalidade dos alunos terminava cumprindo tal pena ... O mesmo professor ensinava ainda Desenho, ministrando uma introdução ao desenho geométrico, num estilo que seria repetido no Ginásio.

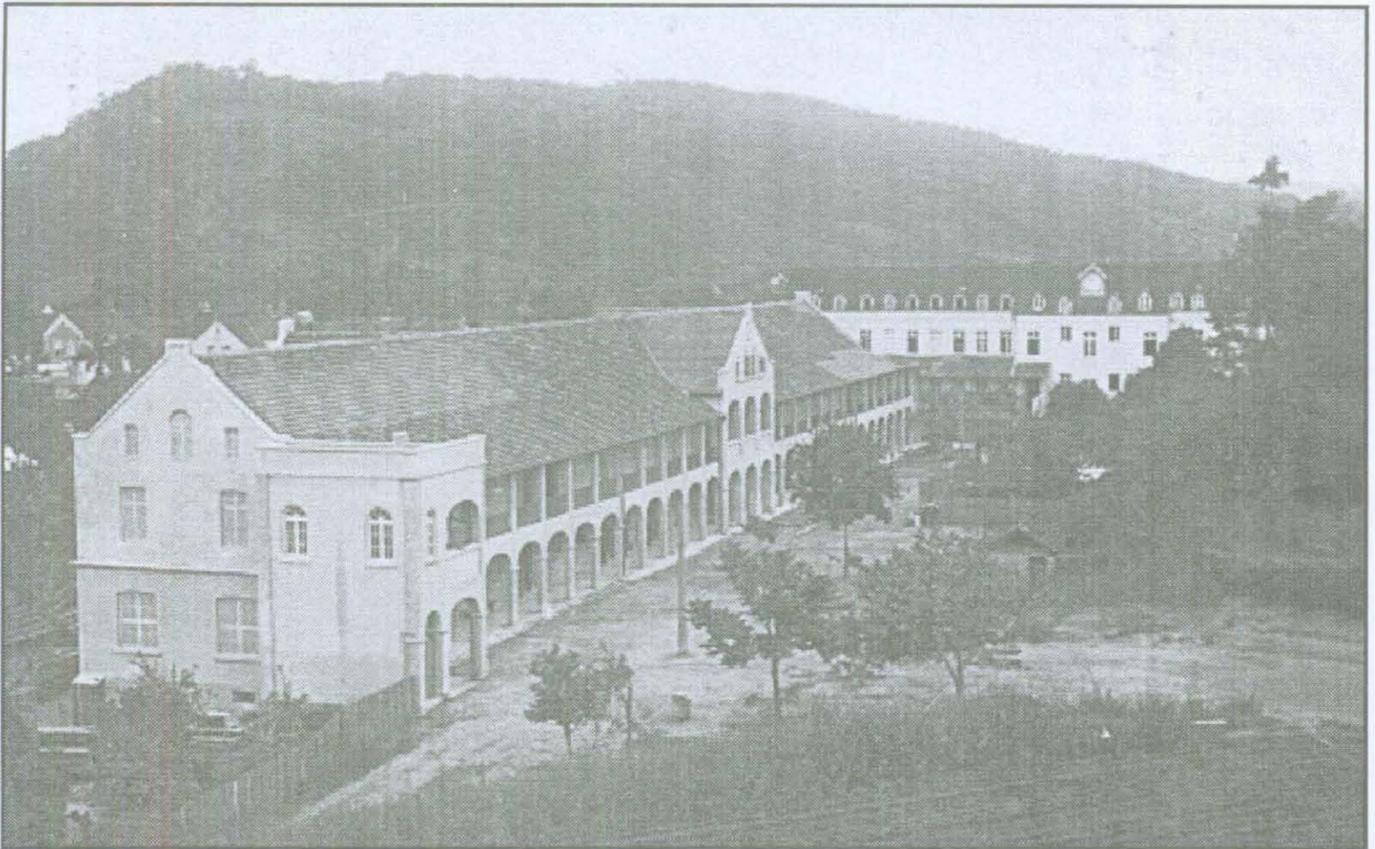
Frei Celso Novais, em sua curta passagem por Blumenau, nos ensinava a tal Civilidade, geralmente lendo clássicos que elogiavam os valores éticos e morais. Lembro-me de *“O Último dos Moicanos”*, de *“O Juramento do Chefe dos Hurões”* e do nosso *“I - Juca Pirama”*.

O simpático vascaíno Max Kreibich era o especialista em Geografia e História que nos fazia lembrar de todos os países e capitais do planeta (além de nos fazer ouvir por vezes sem conta suas histórias sobre a Revolução de 1924). Um detalhe: a Geografia ensinada no Colégio correspondia ao que valia no mundo antes da Primeira Guerra Mundial, como se as mudanças políticas que ocorreram entre 1917 e 1921 não fossem para valer, talvez numa premonição do que efetivamente acabaria voltando atrás no início da década de 90 ...

O vernáculo era ensinado pelo professor João Mosimann, sempre vestido de um terno escuro, que também ensinava Religião. Às terças-feiras, aliás, era obrigatória a presença à missa dos estudantes (em geral celebrada por Frei Odo Rossbach, muitas vezes *ajudado* por mim).

As aulas eram ministradas no pequeno e velho prédio, que como já

mencionei, parecia datado da fundação do estabelecimento (em 1877, ainda nos tempos do Padre Jacobs). Sua velha escada de madeira rangia quando por ela se subia, como que denunciando sua propecta idade. Nela aconteceu-me um acidente que poderia ter sido sério.



Vista do Colégio Santo Antônio - década XXX

Ao terminar um dos intervalos, subíamos de volta às aulas, quando, já quase nos últimos degraus, deixei cair o que sobrava de meu lanche. Ao abaixar-me para recolher a pequena sobra (estávamos ainda em um tempo em que o pão tinha características de sagrado; jamais era posto fora ou desperdiçado), alguém a meu lado empurrou-me com o joelho, o que bastou para que eu me despencasse quase da altura do primeiro andar ... Salvou-me um outro Medeiros, o Osvaldo (de quem eu não era parente, apesar do nome) em cima do qual eu caí. Terminamos os dois na enfermaria de Frei Fulgêncio, sem nem mesmo escoriações. O vagabundo que provocou o quase-acidente jamais se acusou.

Mas voltemos ao velho edifício. Atrás do mesmo havia um resto do morro do antigo cemitério, com uns poucos túmulos ainda restantes. O morrete era então domínio de Frei Lucas (o *bruda* fogueteiro), que usava o lugar para a guarda de explosivos para uso em seus fogos de artifício ou em suas prospecções geológicas.

Os intervalos entre as aulas eram preechidos com jogos de bolinhas de gude (em uma modalidade chamada de *bóca* (assim mesmo, com *ó* aberto), ou com

brigas de cupins, literalmente pescados de suas tocas no solo com auxílio de talos de capim, ou com as sempre populares *peladas*.

Falando de peladas, exótico foi o futebol certa vez praticado por alguns mais desinibidos, chutando um crânio caído de alguma velh sepultura em decomposição no alto do morro. A inusitada partida acabou interrompida pelos professores, cabendo ao mestre Mosimann proferir o sermão moralista mais do que merecido pela turma.

Continuando com as diversões, quase me esquecia de mencionar o cinema das quartas-feiras, com sessões às três da tarde e às oito da noite. Embora os filmes fossem de um circuito de segunda linha, divertíamos-nos muito. Como o cinema dispunha de apenas um projetor (um Bell & Howel de 16 milímetros), havia a cada tanto um pequeno intervalo com luzes acesas para permitir a troca de partes ... Grandes freqüentadores das telas daquela época foram Errol Flynn, Olivia de Havilland, Humphrey Bogart, a ainda adolescente Elizabeth Taylor e outros nomes ainda maiores.

O maior acontecimento daquele ano foi a festa do Centenário. Quem ainda se lembra? *“Há cem anos por estas paragens, terras férteis, imensas, sem dono, brava tribo de rudes selvagens viu surgir o primeiro colono!”* Uma semana inesquecível. Préstito histórico, quermesses, lindas japonesinhas a caráter (vindas de São Paulo), Banda dos Fuzileiros Navais etc.

(Como voou o tempo! Quem diria, já passamos do Sesquicentenário!)

E assim o ano foi correndo. As notas mensais, resultados de *sabatinas*, aplicadas geralmente de surpresa, apenas indicavam o andamento dos estudos. A aprovação para o Ginásio dependeria somente do grande Exame de Admissão aplicado no início de dezembro (e repetido, em “segunda época” ao final de fevereiro).

Quando o grande dia chegou, fomos instalados em uma das imensas salas de estudo dos alunos internos, junto com mais de uma centena de candidatos vindos de outros estabelecimentos ou que procuravam “pular o pré”, já que o ano do curso de admissão não era obrigatório, ou que estavam apenas em busca de alguma evidência de escolaridade primária.

As provas eram limitadas a Português, Aritmética, Geografia e História do Brasil.

As notas foram publicadas dois ou três dias depois. Não me lembro de nenhum colega reprovado.

Acabou-se a transição. Em março, o Ginásio!

O Prédio Velho não durou mais do que uns três anos, quando foi demolido para abrir espaço para a nova e grandiosa Matriz.

**– Centenário  
Inesquecível:  
Palmeiras  
Futebol Clube -  
Campeão**

TEXTO:

*AURÉLIO SADA\**



**Só vitórias na campanha de quatro jogos dos campeões**

O Palmeiras está desaparecido há vinte e um anos, mas ainda continua de pé, já com mais de meio século de existência, o título de campeão do Centenário de Blumenau obtido pelo clube alviverde.

O campeonato que envolveu as três maiores expressões do futebol da cidade, em turno e retorno, começou a 6 de agosto, prolongando-se até o dia 10 de setembro de 1950, cujo período de jogos custou ao Palmeiras, Olímpico e, nem tanto ao Guarani, sacrifícios de ordem financeira bem acima das possibilidades de cada um.

**Outro Palmeiras**

Ainda não de todo refeito de um temporada (49) repleta de fracassos, o Palmeiras, à medida que se aproximava a centenária competição, deu em adquirir, a preços nada baixos, jogadores de renome para fortalecer a equipe. Começou pelo arco, reconquistando o “sortudo” Oscar, embora já tivesse o pequeno e bom Juca. Oscar, goleiro de qualidade, fora supercampeão pelo próprio Palmeiras em 48, para na temporada seguinte ajudar o Olímpico a levantar os títulos regional e estadual. Sua volta era uma necessidade.

Retornou também o excelente zagueiro Antoninho, verificando-se, ainda, a compra de todo um trio intermediário, composto por Alvarenga, Piazero e Agostinho, carioca de muita classe no trato com a bola.

Na frente, com o “velho” Augusto exibindo sua vasta experiência, a contratação do paranaense Paulinho para a extrema-esquerda, deu ao elenco palmeirense um poder ofensivo bem mais acentuado.

\*) Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Toda essa gente, mais a presença em outras posições de valores reconhecidamente valiosos, entre eles a figura ímpar de Teixeira, era tudo que o treinador José Henrique Pêra podia desejar.

### Quase o Mesmo

O Olímpico, após ter vivido um ano (49) de resultados maravilhosos, foi à luta com a grande maioria dos seus campeões, confiando a meta a dois goleiros que nela se revezavam: Adyr e Egon. A ausência de Oscar era a grande preocupação.

Na zaga, a dupla Aducci e Arécio. Na meia-cancha, bons profissionais da bola: Pachequinho, Honório, Jalmo e Jaeger.

Mais à frente, com Gastão e Daemon aptos para qualquer eventualidade, atuaria o quinteto que tanto se projetara até o começo de 50: Testinha, Nicolau (o meia do vaivém constante), Juarez, Walmor e René.

Seria preciso mais, para esse grupo tecnicamente dirigido por Carlos de Campos Ramos, o Leleco?

### Correndo Por Fora

Mais modesto, mesclando novos e experientes futebolistas de nossos gramados, o Guarani de Edgar Knaesel, sem grande alarde, preparou-se com cuidado para assustar os favoritos.

No trio final, destaque para a presença de Daniel na guarda dos chamados três paus, atuando ao lado dos atentos e dedicados Edgar e Otávio Maffezolli.

Na intermediária, dois novos de belas qualidades – Wuerges e Pevi – com o já conhecido Lacava.

Revelação, no setor ofensivo, só o oportunista Michel, acompanhado pelos irmãos Nandinho e Bodinho, mais Sagüi e Abreu, todos bem maduros.

À exceção de uma única derrota por números mais elevados, o “bugre” de Itoupava Norte acabaria em último lugar, sem qualquer ponto ganho, vítima de uma verdadeira crueldade do caprichoso e desconcertante futebol, que não lhe fez justiça alguma em outros jogos, nos quais levou ao desespero os dois grandes favoritos do campeonato.



Palmeiras Esporte Clube nos tempos de grandes vitórias: Da esquerda para a direita em pé: 1- Oscar, 2- Schramm, 3- Antoninho, 4- Augustinho, 5- Agosto, 6- Alvarenga, 7- Libório (massagista). Agachados: 8- Jonas, 9- Lazinho, 10- Bitinho, 11- Teixeira, 12- Paulinho. O técnico dos campeões de 1950 era José Henrique Pêra.

### Só Vitórias

Marcando triunfos nas quatro partidas disputadas, o Palmeiras do inesquecível presidente Germano Beduschi alcançou o seu grande desiderato, assinando façanha que já tem 51 anos, nesses 151 de constante evolução de uma Blumenau pronta a enfrentar os problemas de um mundo cada vez mais agitado.

Pena que, sacudido por diversas e sérias crises de ordem financeira, pior que isso, torturado pela indiferença e ação nefasta de políticos e politiquinhos famintos de vantagens pessoais, esteja o Palmeiras sepultado há mais de duas décadas, representando página virada na história esportiva de nossa Blumenau.

### Prêmio Amargo

A 16 de setembro de 50, portanto, passados seis dias da memorável conquista palmeirense, os campeões do Centenário ficaram desapontados ao receber,

cada um, o prêmio pelo sucesso da campanha.

O clube pagou a cada profissional a “elevada” quantia de ... 315 reais, insignificância que ninguém esperava ganhar.

O constrangimento geral causado pelo episódio levou os dirigentes do Alviverde a melhorar a gratificação dias mais tarde, amenizando a insatisfação dos campeões.

### Trio de Goleadores

Parecia que dois jogadores, ambos atacantes, iriam dividir a honra de artilheiros do campeonato do Centenário.

O blumenauense Juarez, antes do clássico decisivo, tinha 4 gols marcados, contra 3 do paranaense Paulinho. O “tanque” do GEO parou de concluir com êxito quando mais necessitava a equipe de sua colaboração.

Paulinho fez um gol nos 5x3 sobre o Olímpico, chegando a 4, mas ele e Juarez ainda foram alcançados por Teixeira, que saiu de baixo com três bolas jogadas nas malhas do rival.

Assim, terminou a competição com três dianteiros iguados na corrida dos goleadores.

### Média Alta

Em seis espetáculos do campeonato, surgiram nada menos que 29 tentos, total que rendeu média de quase 5 gols por partida. Foi do Palmeiras o ataque mais eficiente, com 13 gols, e, também, a defesa mais segura, com 6. O Guarani teve a retaguarda mais frouxa (12 gols) e a vanguarda menos produtiva (6 gols).

Arbitragens: três de Artur Paulo Lange, uma de Benedito Campos, uma de Ataíde dos Santos e outra de Manoel da Paixão Tourinho.

### Quem Jogou

O elenco campeão do Palmeiras: Juca, Oscar, Antoninho, Schramm, Nelsinho, Alvarenga, Augusto, Agostinho, Piazero, Jonas, Lazinho, Teixeira, Bitinho, Osni, Marzinho e Paulinho (16 jogadores). Técnico: José Henrique Pêra.

O Olímpico: Adyr, Egon, Aducci, Arécio, Gastão, Jaeger, Jalmo, Pachequinho, Honório, Testinha, Nicolau, Juarez, Walmor, René e Daemon (15 jogadores). Técnico: Carlos de Campos Ramos (Leleco).

O grupo do Guarani: Daniel, Edgar, Otávio, Wuerges, Pevi, Lacava,

Nandinho, Sagüi, Bodinho, Michel, Arno Corrêa, Nana, Bóia e Abreu (14 jogadores). Técnico: Edgar Knaesel.

### Súmula Técnica

Pra lembrar e ficar na história do futebol da cidade, eis o resumo técnico das seis partidas realizadas:

#### TURNO

Dia 06.agosto.1950 – Local: Itoupava Norte.

Arbitragem de Artur Paulo Lange.

PALMEIRAS 3 x GUARANI 2

No 1º. tempo, Guarani 2x0, gols de Abreu e Antoninho, contra.

Final: Palmeiras 3x2, gols de Paulinho, Osni e Bitinho, este aos 42 minutos.

Palmeiras – Juca; Antoninho e Schramm; Nelsinho, Augusto e Alvarenga; Jonas, Lazinho, Bitinho (Osni), Osni (Marzinho) e Paulinho.

Guarani – Daniel; Edgar e Otávio; Wuerges, Pevi e Lacava; Nandinho, Sagüi, Bodinho, Arno Corrêa (Nana e Bóia) e Abreu.

\*\*\*\*\*

Dia 13.agosto.1950 – Local: Itoupava Norte.

Arbitragem de Artur Paulo Lange.

No 1º. tempo, Olímpico 4x3, gols, pela ordem, de Bodinho, René, Michel, Juarez, Testinha, René e Michel.

Final: Olímpico 5x4, marcando Michel e, finalmente, Juarez, aos 36 minutos.

Olímpico – Adyr (Egon); Aducci e Gastão (Jaeger); Jalmo (Pachequinho), Honório e Jaeger (Jalmo); Testinha, Nicolau, Juarez, Walmor (Gastão e Daemon) e René.

Guarani – Daniel; Edgar e Otávio; Wuerges, Pevi e Lacava; Nandinho, Saguí, Michel, Bodinho e Abreu.

Na expulsão de Wuerges, determinada por Artur Paulo Lange, o Guarani quis abandonar o gramado, acabando por desistir dessa idéia.

\*\*\*\*\*

Dia 15.agosto.1950 – Local: Alameda Rio Branco.

Arbitragem de Benedito Ribeiro de Campos.

PALMEIRAS 2 x OLÍMPICO 1.

No 1º. tempo, 1x1, gols de Paulinho, a 1 minuto, e Juarez, aos 25.

Final: Palmeiras 2x1, gol de Paulinho, aos 31. Clássico marcado por

lances violentos.

Palmeiras – Oscar; Antoninho e Schramm; Alvarenga, Agostinho e Augusto (Piazera); Jonas, Lazinho, Bitinho (Osni), Teixeira e Paulinho.

Olímpico – Adyr; Aducci e Jaeger; Pachequinho, Jalmo (Honório) e Gastão (Jalmo); Testinha (Daemon), Nicolau, Juarez, Walmor e René.

\*\*\*\*\*

### RETURNO

Dia 20.agosto.1950 – Local: Alameda Duque de Caxias.

Arbitragem de Manoel da Paixão Tourinho.

PALMEIRAS 3 x GUARANI 0 – Tarde de mau tempo.

No 1º. tempo, 2x0, gols de Osni para o Palmeiras, ambos de cabeça.

Final, Palmeiras 3x0, gol de Teixeira. Houve mais três gols, todos corretamente anulados.

Palmeiras – Juca; Antoninho e Schramm; Alvarenga, Agostinho e Piazera; Jonas, Lazinho (Augusto), Osni, Teixeira e Paulinho.

Guarani – Daniel; Edgar e Otávio; Wuerges, Pevi e Lacava; Nandinho, Saguí, Michel (Bodinho), Nana e Bodinho (Abreu).

\*\*\*\*\*

Dia 03.setembro.1950 – local: Alameda Rio Branco.

Arbitragem de Ataíde Santos.

OLÍMPICO 1 x GUARANI 0, jogo decidido por Juarez com certo golpe de cabeça, no 2º. tempo.

Olímpico – Egon (Adyr); Aducci e Arécio; Pachequinho, Honório e Jalmo; Daemon, Nicolau, Jalmo (Juarez), Walmor e Gastão (René).

Guarani – Daniel; Edgar e Otávio; Wuerges, Pevi e Lacava; Nandinho, Saguí, Michel (Bodinho), Nana e Bodinho (Abreu).

\*\*\*\*\*

Dia 10.dezembro.1950 – Local: Estádio da Alameda Duque de Caxias.

Arbitragem de Artur Paulo Lange.

PALMEIRAS 5 x OLÍMPICO 3. O time perdedor sentiu muito a falta de Nicolau, motivada por contusão.

No 1º. tempo, Palmeiras 4x1, gols anotados por Lazinho, Teixeira, Paulinho, Testinha e novamente Teixeira, de pênalti, batido duas vezes.

Final, 5x3, tentos de Gastão, Teixeira e Jaeger.

Palmeiras (campeão) – Oscar; Antoninho e Schramm (Osni); Alvarenga (Bitinho), Piazera e Agostinho; Jonas, Lazinho, Teixeira, Augusto e Paulinho.

Olímpico – Adyr; Aducci e Arécio; Pachequinho, Honório (Daemon) e Jaeger (Gastão); Testinha, Jalmo (Jaeger), Juarez, Walmor e René.

## Esporte & Lazer

### Curso de Flores

*O encantamento do curso ou do desfile, sempre atraiu o grande público. A expectativa da multidão aguardando a novidade das atrações tem a sua longevidade. Blumenau não foge à regra, os desfiles sempre foram e continuam sendo ansiosamente aguardados e, é evidente, sempre bem concorridos.*

*A magia do desfile revelada nas representações cívicas, esportivas, políticas, de beleza, de protestos, religiosas, carros alegóricos e de eventos comemorativos como o 2 de Setembro, Oktoberfest e outros eventos marcaram momentos da História da cidade.*

*Em torno das temáticas acima mencionadas é também possível desenvolver pesquisas nos acervos textual e iconográfico que estão à disposição dos interessados no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva-AHFS.*

*Desde os tempos da Blumenau Colônia a prática do desfile já empolgava a população, que acorria às ruas atraída pelos festivos programas das Sociedades de Atiradores, do Turnverein ou então atendia aos apelos avulsos distribuídos em pontos estratégicos para divulgar estes eventos, dos quais constava a realização de um desfile na principal rua da cidade.*

*Para exemplificar a força desta manifestação coletiva, o primeiro desfile em Blumenau ocorreu no interior da Sociedade de Atiradores Blumenau no ano de 1859. O mesmo estava centrado nos folguedos da tradicional “Festa do Rei”, cujo ponto máximo consistia na busca do “Rei do Tiro”.*

*Realizado anualmente pelas sociedades de ati-*



*rades o ritual do desfile era feito pelos associados sob o comando do Capitão, e perfildos seguiam da sede na cadência de uma Cappelle Musik em direção à casa do Cônsul, Victor Gaertner, localizada na Alameda Hermann Wendeburg<sup>1</sup>. Lá, após as honrarias ao Cônsul e ao Rei, conforme o costume, retornavam em companhia do Rei em desfile à sede social.*

*Pois bem, estes desfiles como outros que ocorreram posteriormente, representavam um verdadeiro acontecimento, o povo acorria à rua principal para assistir a estes eventos organizados neste largo de 151 anos da historia de Blumenau.*

*Para sentir esta emoção dos preparativos e todo o desfecho de um desfile no início do século XX, trazemos para o leitor a descrição de um curso de flores<sup>2</sup> preparado pelos blumenauenses para celebrar a passagem dos 20 anos de implantação da República no Brasil. A informação foi extraída do Der Urwaldsbote de 1909, o qual fez uma minuciosa cobertura do desenrolar de um curso de flores realizado no dia 14 de novembro daquele ano.*

### Curso de Flores

“No próximo dia 15 de novembro realizar-se-á mais um aniversário da Proclamação da República do Brasil. Em homenagem a essa data, pretende-se levar a efeito um curso de flores no domingo (dia 14). O mesmo será constituído de crianças e organizado por um desfile de carros, cavalos e bicicletas. A partida do referido curso será da Estação da Estrada de Ferro, percorrendo a rua principal, Alameda Dr. Blumenau e rua 13 de Maio.

Aos classificados serão distribuídos 6 prêmios. Os participantes, serão julgados por uma comissão composta pelos Srs. Schrader, Dr. Ayres Gama, Comandante Ferreira, Feddersen, Doerk, Paulo Hering e Altenburg Sênior.

Serão oferecidos dois prêmios para primeiros carros, dois para os

---

<sup>1</sup> Posteriormente denominada Boulevard Dr. Blumenau e a partir de 1942 passou a chamar-se Alameda Duque de Caxias.

<sup>2</sup> Conforme o dicionário Aurélio significa “desfile de carro, de carruagem...”

primeiros cavaleiros e dois para os primeiros ciclistas. O curso será acompanhado pela música militar. Aos senhores moradores das ruas por onde o mesmo deverá passar pede-se ornamentação das casas. Aos concorrentes: Até o dia 10 de novembro ficará à disposição uma lista de inscrição nas seguintes firmas comerciais: Irmãos Hering e Julio Probst nesta cidade, e na Altona na Comercial Salinger.

A comissão organizadora pede para serem utilizados animais mansos para tração ou montaria e que o não sejam soltados foguetes.<sup>3</sup>“



Fotografia de um desfile na rua XV de Novembro.

“O espetáculo vai ter início hoje às 4:00 horas da tarde perto da estação Blumenau. Pede-se içar bandeiras em todas as casas e obedecer às disposições dos guardas, ficando desde já proibido acender foguetes e outros fogos artificiais, para evitar desordens e desastres. Finaliza a festa um baile infantil no teatro.<sup>4</sup>“

Só raras vezes nossos jardins têm sido tão energeticamente pilhados como foi no domingo passado, transladando-se todo o luxo das flores que foram utili-

3 Der Urwaldsbote Ano I N°09 Blumenau, 31 de Outubro de 1909

4 Der Urwaldsbote Ano I N°11 Blumenau, 14 de Novembro de 1909

zadas na rua para embelezar o Corso de flores e em honra ao 20º aniversário da República. Já no sábado numerosas mãozinhas elegantes estavam ocupadas colhendo, amarrando e enfeitando, enquanto que artistas e operários faziam todo o possível para prepararem seus veículos ao corso. Sendo o dia do festival um dia de verão abafado, aconteceu que alguns dos carros magnificamente decorados com flores perderam sua vitalidade. As ruas apinhadas de grande multidão de curiosos esperaram o corso, apertando-se, havendo espectadores até nas janelas das casas. Bandeiras ondeavam ao vento, ramos de palmeiras e bambus enverdeciam as fachadas das casas.

Havia um dar provas de paciência extraordinária dos que esperavam; pois só com uma hora de atraso partiu a comitiva da estação, não acompanhada de música, por causa da segurança. Este fato foi muito sentido. Ciclistas e cavaleiros abriram o corso, que superava todas as expectativas. Verdade é que o nome “corso de flores” não podia aplicar-se a tudo quanto se via, visto como alguns carros representavam grupos alegóricos, etc., sem que ficasse prejudicado o efeito total, porque o aspecto assim tornava-se mais variado e garrido.

Não nos é possível descrever todos os carros um por um. A idéia do corso de flores melhor realizada foi feita por um carro enfeitado com fino entendimento nas cores azul e branca. Belíssima também foi a decoração de um carro amarelo, no qual em cima pairavam dois anjos. Encantadora estava a canoa de flores na qual um jovem remador e duas meninas eram conduzidos por dois estribeiros de librés<sup>5</sup>.

Notou-se então em dois carros, a escola de Altona, cujo agrupamento colhia aplausos gerais. No primeiro carro via-se a República, representada alegoricamente; os alunos cantavam canções portuguesas sobre melodias alemãs, de maneira que a bela imagem não carecia de mais viva alegria. O segundo carro trazia portadores de estandartes, vestidos de gala, cada um representando um dos estados do Brasil.

Em outra alegoria a república tinha erigido o seu trono em cima de um globo gigantesco, flanqueado de dois leões.

Também os produtos mais modernos da aeronáutica podiam ser admirados; por exemplo, um Zepelim VIII, indústria nacional e um aparelho Wright dirigido por um pequenino corajoso, enquanto que a barquinha do zepelim conduzia duas meninas. Alegres giravam os propulsores, e sem o querer, este novo zepelim imitava o modelo sem perder o leme.

Fazemos ainda menção de um grande carro em forma de caramanchão puxado por quatro cavalos e um grupo que simbolizava a Alemanha e o Brasil.

---

<sup>5</sup> Cocheiro uniformizado

Finalmente todos tinham empenhado todas as suas forças, e cada carro era uma curiosidade sui-generis.

Os árbitros viram-se em frente de um problema difícil. Tinham se exibido tantas coisas belas, que era impossível proceder-se a uma classificação, visto ser pequeno o número de prêmios disponíveis. Para se escapar deste aperto resolveu-se não distribuir prêmio algum, sendo que alguns dos árbitros também eram candidatos a prêmio, o que futuramente sem dúvida há de se evitar.

Para finalizar a primeira festa de flores em Blumenau um baile infantil realizou-se no teatro<sup>6</sup>. A organização conseguiu grandes e gerais aplausos. Esperamos que este primeiro curso de flores não tenha sido o último.

### Trens Especiais

Disseram-nos já repetidas vezes ser muito lastimável que a administração da Estrada de Ferro deixe de organizar trens especiais por ocasião de festas populares etc. Tal ocasião perdida como foi o caso do curso de flores do domingo passado. Teria sido conveniente e muito lucrativo para a caixa, um trem expresso a preços reduzidos. Está bem justificado o desejo de tais trens, e esperamos que a administração atenda às reclamações da população.<sup>7</sup>



Trem Especial com seus vagões lotados de passageiros procedentes do Alto Vale para participarem de eventos culturais que aconteciam na sede do município de Blumenau - Primeiras décadas/século XX.

<sup>6</sup> Provavelmente era o Teather verein Frohsin

<sup>7</sup> "Der Urwaldsbote" Ano I, N°12, Blumenau, 12 de novembro de 1909.

## Biografia

### Oriundi

TEXTO:

MARIA DO CARMO  
RAMOS KRIEGER  
GOULART\*



### Por que os imigrantes italianos foram parar em Botuverá?

“O local à época chamava-se Porto Franco e eles imaginavam que fosse um porto do rio. Mesmo assim, aproveitando a água, alguns italianos montaram uma hidroelétrica: fecharam o ribeirão de Porto Franco, instalaram uma turbina tocada a água que gerava energia só para a localidade. Funcionava até as 22:00h, proporcionando iluminação nos postes da rua central e luz nas casas. Nem Brusque – então sede (Porto Franco era um Distrito de Brusque), possuía energia”, Hilário Merico, nascido em Porto Franco, em depoimento à autora.

Mas surpresa mesmo foi Hilário descobrir, ao ingressar no 1º ano primário que Porto Franco não era Itália, e sim Brasil, pois “tudo fazia crer nessa possibilidade, a de estarmos morando na Itália, haja vista a família falar só em italiano e todas as conversas ter a Itália como fio condutor. Todos os conhecidos só falavam em italiano, língua oficial dos imigrantes que passou a ser a dos descendentes também...”

O início da fase escolar para Hilário e outros estudantes do curso primário da Escola Estadual de Águas Negras, em Porto Franco, teve a professora Olga Dauer Lyra como mestra, ensinando as primeiras palavras em português e as primeiras escritas no nosso alfabeto. A maioria das crianças só falava em bérghamo – dialeto italiano, pois foi da região de Bérghamo, Itália, que veio a maioria dos imigrantes instalados em Porto Franco. Ao saberem-se no Brasil, os pequeninos ficaram perplexos e aprender a nova língua-mãe transformou-se em tarefa difícil: “esbarrávamos na pronúncia complicada dos erres e dos eses”, diz Hilário. Para aquela e outras gerações o problema da fala é sentida ainda hoje, quando novas pala-

\*) Professora / Pesquisadora e Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos

vras em italiano são incorporadas com facilidade, ao contrário da pronúncia em português, difícil por causa dos tais erres e esses...

“La Mia Itália” era a frase principal quando a maioria dos imigrantes italianos referia-se à sua pátria. Como pensar que aquele pedaço de chão chamado Porto Franco era Brasil? A lembrança de um país distante aos poucos foi dando lugar à realidade e assumir tal fato foi algo demorado.

Como os quatro avós de Hilário, das famílias Vicentini e Bernardi (pais de Ana – mãe de Hilário) e Merico e Buschillori (pais de João Merico Júnior – pai de Hilário) – todos imigrantes de Bérgamo, aceitaram o novo país, Brasil?

“Trabalhando, acreditando, desbravando”, respondeu Hilário. “Meu bisavô materno, Antônio Vicentini, chegou a ter 16 serrarias. Meu avô paterno, João Merico, veio com 16 anos para o Brasil e como uma das pessoas mais respeitadas em Botuverá (ex-Porto Franco) foi o primeiro Juiz de Paz da localidade”.



Os imigrantes João Merico e a esposa Zulmira Buschiorolli

Mas nem todos os imigrantes italianos deram-se bem aqui. Muitos voltaram para sua pátria, pois achavam que no Brasil ficariam pior que na sua Itália,

devido à presença dos bugres (pessoas naturais do lugar, habitavam o território antes da chegada dos imigrantes), mato, bichos (cobras, principalmente), e ...peixes, os quais eram considerados “enormes” pelos italianos.

Sair foi o caso de membros da família Tirloni: divididos, os que permaneceram prosperaram com comércio em geral, instalados na região de Porto Franco. Os que regressaram à Itália voltaram a Brusque anos depois, em visita a seus familiares e contavam, para ouvintes incrédulos, sobre a maioria das estradas italianas serem construídas de cimento. Aos parentes da família Tirloni que haviam permanecido no Brasil, a simples calçada recém-construída de cimento por um abastado comerciante de Porto Franco já parecia a 8ª. maravilha do mundo moderno!

Quando começou a imigração italiana na região de Brusque?

O historiador Walter PLAZZA assinala que “Chegam ao porto de Itajaí, em Santa Catarina, em maio/junho de 1875, os primeiros italianos do Norte ou tirolezes do Sul e vão ser encaminhados à colônia “Brusque”, fundada em 1860, nas margens do Rio Itajaí-mirim. São localizados na periferia da colônia e vão, aos poucos, penetrando o Vale do Itajaí-mirim. Centram-se em torno da localidade de Porto Franco (hoje sede do município de Botuverá)”.

Maio/Junho de 1875!

Maio/Junho de 2000!

125 anos de imigração italiana para Brusque.

Parabéns, descendentes das inúmeras famílias italianas que compõem o quadro multi-étnico da família brusquense. Vocês participam da nossa História com páginas e páginas de depoimentos, registros, fatos, acontecimentos e vivências como estas. Resgatando um pequeno trecho da vida de um porto-franquense, ou botuverense, ou brusquense, ou italianíssimo – como costumava pensar que fosse até os 7 anos de idade – presto homenagem ao meu cunhado HILÁRIO MERICO, sua mãe, Dna ANA e aos seus familiares, descendentes dessa agora brava gente brasileira, por ocasião dos 125 anos de imigração italiana em Brusque.

Também tenho origem italiana: a ascendência é paterna, pela família DIEGOLI. Gregório Diegoli emigrou da Itália a 03.03.1859 e com a esposa Luíza teve os filhos: Primo, Adelaide e Aldo. ADELAIDE, minha “nona”, natural de Bolônia, casou-se a 19 de novembro de 1902 com Gustavo Krieger, em Brusque/SC. Tiveram 17 filhos. OSCAR, o quarto filho na descendência, é meu pai.



Os imigrantes italianos César Vicentini e Maria Bernardi vieram crianças para o Brasil

P.S.: *Oriundi*, também é um nome de um filme brasileiro de Anthony Quinn, produzido no Paraná, retrata um patriarca de uma família de imigrantes italianos estabelecida em Curitiba.

**– Sobre Relógios**

**– No Tempo Em Que Faltava Carne**

TEXTO:

*URDA ALICE  
KLUEGER\**

**Sobre Relógios**

Na minha infância, lá na década de sessenta, o relógio era uma coisa rara. Nas casas, havia UM relógio, normalmente um despertador redondo e barulhento, que as mães da gente davam corda de noite e punham para despertar: era ele que acordava a família toda, pela manhã, e era nele que a gente via as horas, quando havia necessidade disso. Pessoas mais abonadas tinham relógios-cucos, nas suas salas-de-visita, e nós, crianças, quando íamos a essas casas, ficávamos atentas, cheias de emoção, esperando que desse a hora completa, para ver o cuco sair do relógio por breves segundos e dizer: “Cuco! Cuco! Cuco!”

Relógios de pulso eram coisas raras e caras, vindos diretamente da Suíça, que só pessoas ricas usavam. Ter um relógio de pulso era uma coisa tão importante, que, por exemplo, se uma mulher elegante tivesse um relóginho de ouro, made in Suíça, ela só o usaria se fosse a um baile ou a uma recepção – relógio era como jóia, objeto de adorno, não tinha a utilidade que tem hoje.

Lá pela minha adolescência, já havia relóginhos feitos no Brasil, e seu uso popularizou-se. Meu pai deu-me um, relóginho dourado, todo bonitinho, ao qual eu deveria dar corda todas as noites. Se a gente esquecesse de dar corda, na manhã seguinte o relógio estaria parado, e então se precisaria olhar no velho despertador, ou ligar o rádio, para se saber a hora certa, e acertar o relóginho e dar-lhe corda. Lembro, agora, que havia no Brasil uma Rádio Relógio, creio que em São Paulo, que a gente sintonizava só para saber a hora certa. Essa rádio dava a hora a cada

poucos segundos – seria mais ou menos o serviço que as companhias telefônicas oferecem hoje.

Esses relógios dourados e brasileiros, como os relógios de ouro made in Suíça, viviam atrasando ou adiantando. Havia toda uma rede de relojoarias que a gente usava continuamente, para ajustar a hora das nossas preciosidades. A gente chegava lá e explicava:

- Está adiantando dez minutos por hora! – e o especialista ficava com ele por uns dias, para regulá-lo direito.

Os relógios viviam indo e voltando para as relojoarias – havia, na nossa cidade, a história de um dos padres da Paróquia São Paulo Apóstolo, se não me engano o querido Frei Odorico Durieux, que fora a uma relojoaria reclamar que seu relógio estava atrasando seis segundos por semana. Naqueles tempos em que seis segundos não significavam nada, ainda mais seis segundos numa semana, essa história cresceu e passou de boca em boca, e era ouvida com surpresa: diante de tantos relógios adiantando ou atrasando horas num dia, como alguém podia se importar com seis segundos numa semana? Como é que o relojoeiro poderia chegar a tal precisão, para acertar relógio tão bom quanto o do nosso Frei?

O tempo passou, e apareceram os relógios digitais. No começo, todo o mundo olhou desconfiado para aquela novidade, como quase sempre as pessoas olham desconfiadas para as novidades. Eu andei ainda bastante tempo com meu relógio de dar corda, mas acabei capitulando: nada como um relógio digital, que nunca atrasava nem adiantava, ainda mais depois que eles se popularizaram e ficaram com preços baixíssimos.

Hoje, uso um relógio pelo qual paguei exatamente dois reais, e que está no meu braço há quase dois anos. Sei que não posso molhá-lo, mas cuido dele direitinho, e ele funciona perfeitamente. Já o perdi nas areias de Balneário Camboriú, no verão passado, e alguém achou-o e veio me devolver. E só um relógio de dois reais, encontrável em qualquer camelô, e que tenho que tirar antes do banho, mas como me serve! Jamais tenho que levá-lo a uma relojoaria para ajustes, está sempre firme, mostrando a hora certa. Às vezes, quando estou numa recepção ou solenidade com meu relógio de camelô, lembro-me do tempo em que os relógios eram sinônimos de jóia, nas mulheres chiques que tinham relógios suíços, e concluo que as coisas melhoraram um monte. Só saber que, se meu relógio parar, por dois reais compro um outro, novo em folha, sem ter que passar pelos ajustes de uma relojoaria que iria me deixar dias e dias sem saber a hora

certa, já me deixa aliviada e satisfeita. E, mentalmente, agradeço aos japoneses que inventaram essa pequena maravilha que tanto nos ajuda!

### No Tempo Em Que Faltava Carne

Quem é muito jovem, não deve se lembrar, se bem que faltou leite, também, e muita gente teve a mamadeira em perigo. Então, para os mais jovens, eu explico:

Em 1986, tivemos no Brasil uma coisa que se chamou Plano Cruzado. Foi uma coisa estupenda: com uma penada, o governo acabou com a inflação, tirou três zeros da nossa moeda e mudou o nome dela. Só isso não foi estupendo: estupenda foi a reação do nosso povo, que acreditou que seus problemas tinham terminado, e embarcou de cabeça no sonho de que “ia dar certo”. Como milhões e milhões de outros brasileiros, eu também acreditei, e fiquei fula da vida quando ouvi a única voz que se levantou contra o plano: com horário político reservado para aqueles primeiros dias, o Sr. Brizola deitou e rolou em cima do entusiasmo do brasileiro, afirmando que inflação não se acaba por decreto, que o plano era furado e tinha vida curta. Fiquei cheia de rancor para com Brizola, advogado do diabo dos nossos mais caros sonhos, e, rapidinho, passei a admirá-lo, quando o plano escorreu pelo ralo e nós embarcamos numa ciranda financeira que chegou a gerar 84% de inflação em um só mês.

Pois bem, mas a estupenda reação do nosso povo a favor do plano fez coisas dignas de nota: não dá para esquecer como pessoas comuns se sentiam indignadas a ponto de fechar supermercados, em nome do povo brasileiro, e outras coisas assim, como denunciar pequenos negociantes porque haviam subido o preço de alguma quinquilharia, indo um monte de gente parar na cadeia, levados pela deusa da época, uma tal de SUNAB.

O Plano tinha sido em fevereiro; resistiu até a metade do ano. Lá por agosto, setembro, começaram a faltar coisas: carne, feijão, arroz, leite. O que mais doía na alma do brasileiro era a falta de carne – frango havia à vontade, e peixe também, mas carne, para o brasileiro, é a de gado, e aqueles sucedâneos não contavam. Eu era daquelas que acreditavam que, se todos nos uníssemos, o plano acabaria dando certo. Assim, quando a carne faltou (conseguia-se carne com ágio, secretamente), decidi que não me rebaixaria a pagar ágio, e que tudo faria para o

sucesso do plano. Assim, se não havia carne, eu comeria sardinha – e durante semanas, fiz incontáveis tortas picantes, lindas, bem decoradas, recheadas com sardinha de lata, e me alimentei de torta picante até não poder mais nem olhar para uma.

E o plano foi para o brejo, bem como Brizola havia falado. Houve outras coisas estupendas antes que nos déssemos por vencidos, como a SUNAB, de helicóptero, reunindo no campo gado que os donos se negavam a vender, tudo devidamente filmado e assistido no Jornal Nacional, e importação de carne da Europa, que chegou aqui com fama de ser carne contaminada pelo recente desastre nuclear de Chernobyl, carne que os europeus não queriam, coisa boa só pra gente de Terceiro Mundo. Apesar da fama de contaminada, tal carne européia causou toda uma disputa: políticos da esquerda do Vale do Itajaí foram ao porto, exigir que a carne ficasse no Vale, e não fosse enviada para Curitiba, segundo constava que seria. Houve pega entre a polícia e os políticos, e eles foram em cana lá em Itajaí, bem como as coisas eram num país que recém saíra de uma ditadura e ainda não sabia como agir. Outro dia ouvi uma conversa de que tal carne, dezesseis anos depois, ainda está estocada em algum frigorífico, para que se decida se está ou não contaminada pelo desastre de Chernobyl. Nossos políticos de esquerda, porém, tiveram que amargar a cana e respondera processos pela sua defesa do Vale, coisa que também considerei estupenda, por eles terem tido a coragem de dar a cara para bater em defesa do que acreditavam.

Na festa de fim de ano do meu emprego, naquele ano, havia toda uma fartura de coisas: camarão, pernil, peixe, frango, mas estávamos todos tão obcecados com a falta de carne, que quando o garçom apareceu com uma grande travessa de carne de gado e deu um pedacinho para cada um, só um pedacinho, para que não faltasse para ninguém, houve uma ovação no salão, e o camarão, o pernil, e tudo o mais, deixaram de ter importância. Só que aí eu já não estava achando a coisa estupenda – já houvera incidentes demais por causa do plano, e eu passara a dar razão a Brizola, de que inflação a gente não acaba por decreto. Mas que foi um tempo divertido, foi. Há tantas histórias engraçadas devido à falta de carne, que daria para escrever um livro!

## Impressões de Viajantes

---

### Pomeranos

TEXTO:

PADRE JACOMO  
VICENZI



*Continua aqui a publicação da obra “Uma Viagem ao Estado de Santa Catharina” escrita em 1902 pelo Padre Jacomo Vicenzi. Nesta edição relata-se para o leitor as impressões do autor na casa paterna, o contato com a família, observações e comentários voltados ao mestre-escola e seu estranhamento em relação às mudanças e comportamento dos povoadores de Pomeranos, sua localidade dos tempos de infância. Em outro momento aborda o comércio e as suas relações envolvendo os colonos, dificuldades de acesso para a venda dos produtos agrícolas, a religiosidade e a educação.*

Não sei qual o juízo que o público possa fazer do capítulo precedente. Se é provável que muitos o tenham achado sofrível, não duvido que outros tenham julgado severamente, como cheio de inanidades e mesmo de coisas ridículas. Não é meu intuito contradizer a este ou aquele, mas não deixarei passar o ensejo sem que me detenha destas ou de outras possíveis objeções. O meu único plano é transmitir ao leitor, com maior fidelidade, as minhas impressões, sem a mínima parcialidade para com amigos ou inimigos, se os houver. Ora, o curioso fato do *mestre escola* foi o que mais me impressionou, e inúmeras vezes tem concorrido, nos dois meses que por lá andei para quebrar a monotonia. Do mestre escola sou amicíssimo desde longa data mas nem por isso penso que minha pena se deva deter vacilante ou

embaraçada em referência a um homem que reputo aliás homem de bem, coração nobre e figura extremamente simpática.

Muitas outras peripécias teria de narrar, intimamente ligados a esse caso, mas tornar-me-ia muito extenso: basta pois o que até aqui deixo exposto.

Desde o dia 3 de novembro achava-me em Pomeranos, no seio de minha família, a quem sempre tenho estremecido. Minha mãe há já 11 anos não existe! Tenho porém pai, irmãos e irmãs solteiras e casadas. Desta vez fiz, como sempre costumava fazer em minhas visitas precedentes. É pois conveniente que diga alguma coisa sobre o modo de passar o tempo naqueles lugares.

Antes de chegar à residência do meu pai cerca de um quarto de hora, encontra-se numa encruzilhada uma capela à qual conservo, desde a infância, a mais sincera afeição. Há uns vinte anos que está acabada. Foi construída a expensas e com o trabalho pessoal de umas quarenta famílias da redondeza. Amo com predileção essa capela, pela simples razão de nela haver também o fruto dos meus suores.

Eu era ainda menino quando, em dias determinados, me juntava a muitos outros companheiros, e então, acompanhados por muitos pais, íamos trabalhar no preparo dos materiais, carregando com eles até o ponto da almejada construção. Esse trabalho espontâneo era para nós um divertimento, uma folia, um verdadeiro delírio. Conservo dessas horas saudosas uma indelével recordação. Eis porque a Capela N. S. das Dores, é a da minha preferência para todos os atos, todas as vezes que vou até lá, para matar as saudades do lar.

Nessa capela, pobrezinha como as demais, há uma linda imagem de Nossa Senhora da Piedade; é a mais bela que possui o vasto município de Blumenau. Um único e simples colono, que vive de seus suores e dos de sua própria família, foi quem fez tão generoso donativo. Chama-se ele Jacintho Dalmonico, e bem merece que seu nome fique registrado, pois parece até incrível que um homem de condição tão humilde despendesse para aquisição desse objeto precioso quantia superior a um conto de réis!

Nessa capela pois, celebrava eu não só aos domingos, mas também nas quartas e sábados. Nos dias úteis celebrava às 7 horas, confessando as pessoas que se apresentassem. A missa dos domingos era às 9 ½ horas, havendo sermão ao Evangelho.

Sempre que vou a Pomeranos, costumo formar um coro de cantoras que consta de meninas, moças, senhoras casadas e mesmo pais de famílias mais amantes da música.

Os rapazes (por toda a parte são os mesmos) parecem-se um pouco com os de cá: o respeito humano é o tirano cruel que imola sobre seus altares jovens dotados das melhores qualidades! Na missa conventual são entoados diversos hinos que, pela suave naturalidade das vozes, enlevam a alma dos assistentes para cima das misérias da terra.

Já fiz observar em outra parte que a mocidade do município de Blumenau é toda brasileira de nascimento. Deve-se contudo dizer que, conforme a origem dos pais, conservam aqueles jovens as mesmas inclinações e os mesmos dotes naturais. Assim os filhos de italiano ou de origem italiana manifestam, mas de modo irresistível, grande tendência e verdadeiro amor à arte musical. Para prova, direi que mais de uma vez tenho ouvido crianças de dois ou três anos de idade cantarem com a maior precisão belíssimas melodias e, o que é quase inacreditável, formarem lindos duetos.

Os domingos e dias santos eram para mim os mais ocupados e ao mesmo tempo divertidos. Depois do meio-dia, havia sempre um ensaio geral em minha residência, ensaio que durava até as quatro horas da tarde. Ensaiar, especialmente sem harmônio, é trabalho ingrato e penoso. Sentia contudo nesses trabalhos grande prazer, não só pelo muito que sempre amei a música, como também pela boa vontade e sacrifício que aquelas pessoas faziam para aprender. Ao ensaio assistiam em grande número pessoas de todas as idades, especialmente os pais e parentes dos que vinham cantar.

Guardai, e sei que todos guardam, as mais vivas saudades dessas horas de trabalho e doce entretenimento.

Já estávamos em fins de novembro e a festa da Imaculada Conceição se aproximava. Para que tão grande dia fosse dignamente comemorado por minhas cantoras, ensinei-lhes um hino à Virgem Imaculada. Isso deu ocasião a um fato que não deixarei de relatar aos meus leitores. Já disse há pouco, a Capela de N. S. das Dores se acha numa encruzilhada.

Nesse ponto, com efeito, de Pomeranos, ao lado esquerdo de quem vai para lá, destaca-se um caminho que une a Capela das Dores à da Imaculada Conceição, na distância de um quarto de légua.

A Capela da Conceição acha-se colocada no outro lado do rio Cedro, em cima de um outeiro. Melhor posição não podia haver. É inútil dizer que ela foi edificada a expensas dos moradores do *vale rio Cedro*, que para levar a efeito esse empreendimento não hesitaram em submeter-se a enormes sacrifícios. No mesmo dia do ano precedente, depois de fechada e coberta, tinha sido inaugurada com uma concorrência sem exemplo. Essa capela, quando estiver de todo acabada, será

a primeira de todo o município.

Em tamanho é maior que a matriz de Blumenau. Quem vê fica assombrado de como um grupo reduzido de trinta ou quarenta lavradores, sem fortuna, ousassem erguer aquele templo, penhor incontestável de sua fé à Vigem Imaculada. Em compensação de tão grandes sacrifícios, recebem todos os domingos e dias santificados a visita de um sacerdote que vem aos sábados e parte nas segundas-feiras de manhã, fazendo uma viagem de 30 e mais quilômetros, haja o tempo que houver, e isto sem o mínimo interesse! Costuma-se dizer que, para ser apreciado, não há como vender-se caro. É o caso que muitas vezes chega o pobre do padre, sozinho e cansado da viagem, sem encontrar de pronto quem lhe tome o animal e lhe ofereça com a maior solicitude um refresco ou a alimentação precisa para que recupere as forças perdidas.

Por que motivo em cada sábado de tarde não se destina uma pessoa unicamente para este fim? Para quem trabalha de graça um pequeno descuido torna-se falta grave digna da mais severa repreensão. É o que não sabem fazer esses bons padres Franciscanos, encarregados da administração da Freguesia. Na capela, pois, da Imaculada, estava-se preparando uma grande solenidade. É certo que, se eu não estivesse presente, teriam da mesma forma sua missa cantada. Mas encontrando-me eu à pouca distância, e gozando, desde a infância, no meio daquelas povoações, muitas simpatias, que têm suas origens quase no berço, combinaram todos de me convidar para cantar a missa solene e pregar o sermão da festa. Nesse dia a Capela das Dores ficaria sem missa, e dessa forma toda a população aquém do rio iria engrossar a concorrência que já não era pequena. É o que se deu. De antemão avisei às cantoras que durante a procissão a realizar-se no rio Cedro, deviam cantar uma vez o hino da Imaculada.

Com grande surpresa notei nelas pela primeira vez uma certa relutância. Soube então que, de longa data existiam rivalidades entre elas e as do rio Cedro e que estas (cujo coro era bastante inferior ao delas) de forma alguma tolerariam que abrissem a boca para cantar no dia da solenidade que lhes pertencia. Custou-me acreditar em afirmações tão categóricas, em todo o caso garanti-lhes tomar a peito para que um ato tão digno de encômios não sofresse embaraço algum. Animadas pela minha firmeza, prometeram cumprir minhas ordens. Veio o dia da festa, e, na hora aprazada, cheguei ao local da festividade. Combinei com o diretor do canto, que é também o principal fabricante da igreja, sobre a hora em que o coro de Pomeranos devia cantar o hino preparado, o que transmiti imediatamente à senhora encarregada da direção do coro. Daí a pouco desfilava, no meio do maior recolhimento e respeito, a grandiosa procissão que precede a missa sole-

ne. E eu como celebrante, seguia acolitado por dois filhos de Francisco de Assis. Chegou o momento em que o coro da Capela das Dores deveria fazer-se ouvir; mas nada se ouviu; tudo ficou mudo!

Chamei um dos principais, a quem pedi fosse avisar às cantoras que era já tempo de fazer o que fôra combinado. Voltou o portador e disse-me ter cumprido minhas ordens, mas eu nada absolutamente ouvi. Que teria acontecido? Depois de um momento de perplexidade, resolvi dar tempo ao tempo, na certeza de que, no mesmo dia, chegaria ao conhecimento de tudo. Acabada a procissão, entrou a missa solene, e ao Evangelho subi ao púlpito para discorrer sobre o dogma da Imaculada Conceição. O tempo, apesar de uma chuvinha impertinente da véspera, estava muito bom, a festa em seu todo foi grandiosa e brilhante e reacendeu naquelas multidões um sagrado entusiasmo que não podia ocultar.

Após o santo sacrifício da missa veio o almoço, e, este acabado, passei algum tempo em conversa com os colegas e amigos. Pelas 4 horas havia vésperas; esperei por elas.

Devo dizer que o sermão e a missa cantada, tudo fiz espontaneamente de graça, e, ao concluir, tinha intenção de oferecer um pequeno donativo. Antes porém de realizar isto quis verificar e conhecer a verdade sobre o que sucedera por ocasião da procissão. Chamei de parte os fabriqueiros da igreja e ao diretor do canto e pedi informações, explicou-se e convenceu-me que estava completamente inocente no caso.

Visto isso, além do que acabava de fazer, fiz um donativo à capela de vinte mil réis.

Poucos momentos depois deixava o *vale* do rio Cedro, de volta para Pomeranos. Poucos dias após soube com certeza ter sido enganado pelo diretor do canto. Se procedeu desta forma, não fez propriamente para iludir-me, e sim para desculpar a própria fraqueza. Fora combinado que no princípio da procissão, logo que o coro dos cantores acabasse de cantar os primeiros versos do seu hino, entrariam com o hino da Imaculada as cantoras da Capela das Dores.

Assim, com efeito fizeram: mas as do rio Cedro que estavam perto e que se achavam resolutas a impedir de todos os modos que as outras cantassem, entraram imediatamente com o seu hino, com o que as de Pomeranos se sentiram ofendidas, e não mais quiseram cantar. Devo contudo dizer, para bem da verdade, que antes delas desistirem pediram ao diretor do canto que impusesse às outras um silêncio de poucos minutos, ele, no entanto, nada fez, por muita fraqueza, com receio de melindrar alguma das meninas ou a seus pais.

Esse fato scandalizou não só aos de Pomeranos, mas aos estranhos, e

mesmo aos do rio Cedro. Soube depois que algumas mulheres mães de família foram as causadoras desse caso desagradável. Duas ou três delas, mães de algumas cantoras, instigaram-nas de todos os modos para que resistissem tenazmente às suas concorrentes. Eis aí até onde podem levar as paixões não dominadas! No que me dizia respeito, o fato tinha circunstâncias muito mais agravantes.

Além dos meus trabalhos que acabava de prestar, e da esmola oferecida, em diversas outras ocasiões tinha feito alguma coisa em benefício daquela capela. Sabia-se além disso que eu era especialmente o ofendido por ter ensinado o hino e ter manifestado claramente o desejo que fosse cantado na procissão. Devia, portanto, exigir uma reparação. Escrevi aos fabriqueiros declarando que a única reparação que pedia e admitia era a seguinte: depois que eu partisse para o Rio de Janeiro, o corpo das cantoras de Pomeranos deveria ser convidado pelos fabriqueiros para cantar, na missa conventual, na Capela da Imaculada, durante o tempo inteiro. Se por qualquer forma elas fossem perturbadas uma só vez, a reparação seria nula para sempre. Note-se bem que eu não fazia questão dessa satisfação, continuaria, pelo contrário, a ficar amigo como dantes, com a única diferença que jamais poderiam contar com os meus auxílios. Quando tomei esta deliberação, estava plenamente convencido de que a reparação não seria feita. Os fabriqueiros, poucos dias antes de minha partida, vieram em comissão à minha casa para pedir-me desculpa, prometendo-me que minhas vontades seriam executadas a risca. Foi para mim uma surpresa agradabilíssima quando, dois ou três meses depois, recebi uma carta da diretora do coro de Pomeranos, comunicando-me que realmente a reparação foi completa, não faltando nenhuma das cantoras, apesar da repugnância que sentiam.

Os fabriqueiros empenharam sua palavra e souberam apesar de muitas dificuldades, cumpri-la, com um brio deveras edificante. Muito talvez demasiado me alonguei na descrição do presente fato, que é um exemplo eloqüente do quanto pode uma boa correção, mesmo em benefício dos próprios culpados. Passemos a outro assunto.

### As Eleições

O dia 9 do mês de novembro, se não estou enganado, era o da eleição do presidente e mesários da câmara municipal de Blumenau. A seção do rio Cedro devia ter lugar na casa de um conceituado negociante, estabelecido próximo à Capela da Imaculada Conceição. Essa seção abrangia todos os moradores do rio Cedro, Pomeranos e outros vales adjacentes. Nesse ponto, os eleitores eram ex-

clusivamente italianos-austriacos; em outras seções eram exclusivamente alemães. Sabe o público que me conhece, que nunca pretendi nem ocupar-me nem meter-me em política; não deixarei por isso passar o ensejo sem fazer algumas observações imparciais. Considerarei primeiro o assunto sob o aspecto religioso. Os habitantes estrangeiros de Blumenau, creio que em sua maioria, foram naturalizados. Os italianos são quase todos naturais do Tirol, na Áustria. O tirolês, como é sabido, é um povo eminentemente católico, aferrado e fiel às crenças de seus antepassados.

Haja embora, entre eles os seus senões, todos são iguais sob o ponto de vista de fé. Para assistir às eleições do rio Cedro, veio, em caráter particular, da cidade de Blumenau um cidadão, também natural do Tirol, chamado Aleandro Lenzi. Apesar dele não ser influência política, foi ao rio Cedro com o fim de auxiliar a composição da mesa e de trabalhar em favor do partido a que pertencia. Até aqui nada de mal. O pior é que em matéria de religião ele pensava de um modo bem diferente daquele povo, motivo suficiente para que fosse tratado com certo retraimento. Essa indisposição agravou-se quando se soube que a eleição teria lugar às 9 horas, justamente na hora em que começava a missa, na próxima Capela da Conceição, e meia hora antes de começar a missa na Capela das Dores. Era um domingo, e por isso os homens sensatos reputaram essa deliberação como um ato acintoso à quase totalidade dos eleitores, considerando-se, sobretudo, que as eleições nunca começam antes das dez horas da manhã. E, admitido o caso da hora fixa, era indubitavelmente um ato de boa educação e boa política, mandar uma comissão de alguns mesários, para combinarem com o Revmo. Vigário ou seu representante, sobre uma hora mais conveniente para a celebração do santo sacrifício da missa.

Esse fato, cuja responsabilidade foi atribuída, ou com razão ou sem ela, aos sentimentos pouco religiosos do senhor Aleandro Lenzi, desagradou, como era natural, a toda a população. Não se pense que pretenda com isso inocular a outros culpados. O fato das eleições ofereceu-me ocasião de verificar a ingenuidade daqueles bons católicos. Apesar de sua grande fé, nem ao menos se lembraram de protestar. Com certeza pareceu-lhes que era humanamente impossível adiar um pouco a hora das eleições. O bonito era vê-los, esses bons eleitores, compenetrados profundamente do importantíssimo papel que iam desempenhar, como cidadãos brasileiros. Na véspera das eleições, à tardinha, passeava eu vagarosamente pelo caminho, quando de repente, avisto, ainda longe, um carro que vinha à minha volta. Fiquei surpreendido, pergunto a mim mesmo: quem nele poderia vir?

O aparecimento por aquelas bandas de uma carruagem era verdadeiro acontecimento. Esse carro, assaz espaçoso, estava coberto mais ou menos da mesma forma dos nossos bondes; prevenção necessária para os dias de chuva numa viagem de cinqüenta, sessenta e mais quilômetros. O carro podia conter comodamente seis pessoas. Contudo, além do cocheiro que vinha na boléia, só trazia um passageiro. Era o já citado Aleandro Lenzi, que vinha de Blumenau para assistir às eleições do dia seguinte, como uma das principais figuras. É, escusado dizer que, apesar de alto e bem encorpado, ia no carro folgado e bem à vontade. Prendeu-me a atenção sua posição autoritária e majestosa. Vinha entretido na leitura dos jornais, o que, como é sabido, entre os campônios, comunica uma importância excepcional. Cumprimentou-me corretamente com urbanidade, mas também sem se abalar de sua majestática e romântica posição; correspondi a saudação, e fomos seguindo o caminho, cada qual em sentido contrário. Eram 8 ½ horas do dia seguinte, e eu já estava na Capela das Dores. Não decorreram muitos momentos e já o carro da véspera passava em frente da capela, em demanda da respectiva seção eleitoral do rio Cedro. Dessa vez, a carruagem não ia muda como na véspera; alguns eleitores (do mesmo partido já se sabe) rodeavam o ilustre anfitrião, formando um quadro de aspecto guerreiro e vencedor.

Lancei para esse grupo um rápido olhar, exclamando, sem quase o notar: quantos felizes ainda há neste mundo!... Quando quis vê-los segunda vez, já iam longe pelo tortuoso caminho que os levava ao seu destino. Então pus-me a cismar: E a missa que está para principiar? Ah!, nesse *faustoso* dia muitos nem pensaram em coisa tão *insignificante*, e houve fervorosos católicos que, no momento, nem sentiam remorso de a perder! Antes e depois das 8 ½, muitos e muitos vi eu, a pé e a cavalo, passando pela frente da igreja sérios e ufanos, como quem deveras partisse em defesa da pátria ameaçada. Notem bem os meus leitores que se excetuarmos talvez o já mencionado cidadão, não havia nesses bons lavradores nem descrença, nem impiedade, nem mesmo esfriamento na fé. Todos eles passavam jubilosos e com ares de triunfo, mas nem de longe pensavam em insultar com isso os seus correligionários. Enquanto uns oravam iam eles a bater-se em prol da causa comum, bem estar e liberdade de todos!... Na capela do rio Cedro, houve também missa, e às 9 horas; mas nesse dia para muitos tudo ficou esquecido. Esse fato que, para nós no Rio de Janeiro, nada teria de novo, no meio daquele povo religioso e prático despertou atenção e produziu escândalo. E a coisa, considerada com a maior imparcialidade, merece, não há dúvida, ser criticada. Eu, sem preocupações políticas, e abstraindo de qualquer consideração religiosa, ri-me a vontade da ingenuidade e do papel *importante* que nisso aqueles bons eleitores represen-

taram. Suponhamos mesmo que eles não fossem melhores que muitos católicos com quem convivemos, os quais, com igual piedade, acendem uma vela a Deus e outra ao diabo, ou por outra: pouco adoram a Deus, e menos temem ao diabo; pois bem, ainda assim, se não fora por outra causa, só pelo respeito exterior devido às crenças de seus avós, não deveriam sujeitar-se ao capricho provocador daquele ou daqueles em cujo favor eles fossem votar. Lembrei-me então do nosso povo fluminense que às eleições dá a importância que merecem.

Em toda e qualquer parte, é praticamente admitido não ser o bem do povo que se procura, e sim o bem individual de quem pela reunião dos votos, espera subir, de qualquer forma, ao poder. Ora aquele que para colocar a um outro em lugar eminente, sacrifica, não só suas obrigações domésticas, mas até a própria consciência, se não é um descrente, é pelo menos um mentecapto. Com razão, pois, estranhei que a tantos eleitores não passasse pela mente a idéia de se apresentarem à eleição só depois de assistirem ao santo sacrifício da missa, ou às 10 ½ horas em ponto. O verdadeiro responsável dessa falta (se é que o houve) mostrou-se pouco conhecedor de uma política sã e superior. Querendo talvez fazer alarde de ser um quase *livre pensador*, ofendeu desta maneira aqueles bons católicos, incluídos neste número os que por leviandade ou inadvertência olvidaram na ocasião seus mais sagrados deveres.

Quando quiseram protestar já era tarde; antes deviam-no fazer.

Por aí mais uma vez convenci-me de que a política é entre os simples e os ingênuos que faz sempre suas melhores colheitas.

Soube que os principais mesários eram católicos, os quais tão atordoados ficaram, que nem ao menos fizeram uma proposta para que no futuro as eleições se efetuassem de forma a não poder melindrar a população em peso.

Jamais teria acreditado que aqueles meus velhos amigos se deixassem levar com tanta docilidade a representar um papel bem pouco honroso para suas crenças. Estou bem certo que eles, de agora em diante, mudarão de rumo e que os próprios sacerdotes encarregados do governo espiritual daqueles territórios, saberão despertar em todos a atenção, frisando a parte odiosa do assunto, com o que tudo poderão conseguir, seja do povo, seja das próprias autoridades. Persuadam-se todos de que a verdadeira política consiste em estudar as inclinações do povo, e, sendo boas, favorecê-las e não ofendê-las.

### O Comércio

O município de Blumenau é, sem dúvida, o primeiro do Estado de San-

ta Catarina. É composto, como já tive ocasião de dizer, de estrangeiros ou descendentes de estrangeiros.

Foi seu fundador o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, vindo da Alemanha em 1850, para onde voltou de vez, em 1884, morrendo ali creio que no ano de 1899.

Não cabe nos estreitos limites deste opúsculo dizer quem era esse homem cujo espírito superior e cuja tenacidade tornaram-no um benemérito do Brasil pela sua obra imorredoura da colonização de toda aquela vasta zona. Se nos primeiros anos teve de vencer dificuldades quase insuperáveis, nunca soube o que era descanso, porquanto, considerando essa colônia como filha de seu coração, esforçava-se por vê-la progredir, ornando a povoação, agora cidade, e seus arredores, com alamedas de palmeiras, árvores e plantas de toda a espécie, vides mandadas vir de além mar, fazendo, enfim, tudo com que no correr de poucos anos a tornasse uma cidade comercial, próspera e industrial. O seu maior, o seu último desejo era morrer na terra que, pelos motivos expostos, já devia amar e mais talvez do que a mãe pátria; motivos desconhecidos obrigaram-no a procurar o túmulo na região que lhe serviu de berço. Ouvi dizer que o plano primitivo do Dr. Blumenau era povoar os territórios, que o governo lhe concedera para este fim, só de alemães protestantes.

Mais tarde, ou por mudar de opinião, ou por circunstâncias independentes de sua vontade, a imigração estendeu-se a católicos alemães, e a um grande número de italianos. Estes últimos quase todos pertencentes a Áustria, e austríacos de coração em sua totalidade, (digo isto para que se não pense que são irredentistas) só 25 anos mais tarde foram para aquela colônia. Que direi agora da atual população desse município? Eu mesmo não sei por não possuir dado algum.

Sendo forçado a dizer alguma coisa, para satisfazer a justa curiosidade do leitor, repetirei o que mais ou menos ouvi dizer, sempre pronto a corrigir os erros que possam existir nestas afirmações.

O município de Blumenau conta com aproximadamente uns cinqüenta mil habitantes, sendo a maior parte alemães. A cidade é pequena, e talvez conte com seus arredores, umas três ou quatro mil almas. Em seguida vêm os italianos, em número de dez para quinze mil. Há alguns poucos milhares de polacos, como também há brasileiros, russos e belgas em menor número. Em parte alguma, vi populações tão ativas e laboriosas como essas. É pena que suas fadigas não sejam devidamente compensadas. São várias as causas a que esse mal deve ser atribuído. Citarei as duas principais.

A primeira ainda está longe da esperança de ser debelada.

A segunda, graças a Deus, dentro em breve, tende a desaparecer completamente.

A falta de uma fácil e pouco dispendiosa condução, para exportar os próprios gêneros, eis o primeiro empecilho ao maior desenvolvimento nesses pontos tão afastados do mar. Basta dizer que de Pomeranos a Itajaí são quinze léguas apenas; pois bem, os gêneros que se exportam causam uma despesa nesse pequeno percurso duas ou três vezes maior do que a que fazem de Itajaí ao Rio de Janeiro. De Pomeranos, ou de qualquer outro ponto, a Blumenau tudo é transportado por terra, pelo que não pode ficar barato. A outra causa de atraso para o lavrador é o monopólio pernicioso de tudo quanto se compra e vende, que alguns negociantes de Blumenau conseguiram estabelecer e conservar por anos. Disse, há pouco, que isso tende a desaparecer.

A cidade de Blumenau é o centro comercial de todo o extenso município. Aí todo o comércio está em mãos de alemães. Os alemães pelo que tenho podido notar, têm uma qualidade que lhes é característica: a grande união entre si. Dessa forma, era fácilimo e até inevitável que os principais homens de negócio fizessem entre si uma liga formidável, contra a qual fosse inútil qualquer tentativa de reação. Assim em qualquer casa de negócio em que o pobre colono, o lavrador ou o criador de gado se apresentasse, os preços eram iguais: de seus gêneros recebia a paga mínima, enquanto tudo que comprava era a preços exorbitantes. Até hoje todo e qualquer empreendimento generoso de negociantes brasileiros e italianos para aliviarem aquelas populações dessas imposições de monopólio, tem sido sempre gorados. Para exemplo citarei um fato.

Em 1885 e 1886, achava-me no Colégio de S. Paulo em Blumenau. Um negociante brasileiro vindo de Itajaí, cuja firma comercial, era se não me falha a memória, Liberato Filho, estabeleceu-se aí com uma casa forte, cujo lema era o seguinte: vender barato para vender muito. Mal o povo começava a respirar por essa inesperada felicidade, que o comércio alemão ou local uniu-se todo para fazer ao dito negociante a proposta de só vender d'ora avante por atacado, tornando-o desta forma o fornecedor de suas casas de negócio. E aí temos mais um esforço generoso em benefício do povo perdido para sempre, devido, ou à fraqueza, ou a um interesse mal compreendido. Vamos a provas mais recentes.

Nesta minha última viagem de que vou me ocupando, tive um companheiro cujas confissões devem ser insuspeitas aos alemães. É ele um médico alemão que residiu algum tempo naquele município. Perguntei-lhe se não gostara de Blumenau e se lá não conseguia os meios para uma honesta subsistência. Respondeu-me textualmente: gostei muito e com minha clínica eu ganhava regularmente,

mas fui forçado a sair porque todos os meus lucros eram absorvidos pelo comércio insaciável.

Vejamos o sistema interno do comércio de Blumenau, em suas transações comerciais com os particulares e mesmo com os pequenos e fracos negociantes que lhe caem nas mãos. Todos os gêneros que lhes compra, se excetuarmos o fumo, é com a condição de pagar a dinheiro só a metade da importância. Pela outra metade devem comprar fazendas e outros artigos do próprio negócio do comprador. Não é tanto nas compras que faz aos seus fregueses quanto nas vendas de seus artigos que o comércio de Blumenau tem se arranjado e mesmo locupletado com uma rapidez de causar espanto.

Em outras partes, o comércio acha razoável vender com o lucro de vinte, vinte e cinco ou trinta por cento. Em Blumenau a coisa passa muito além, pois vende-se com quarenta e até com sessenta ou setenta por cento de lucro. Isso foi-me garantido por homens bem ensinados pela própria experiência.

Dito isto, prepare-se o leitor para ouvir um fato de todo singular. Digo singular e creio que poderia dizer único, porquanto não me consta que outro negociante adotasse um sistema tão lesivo do sentimento de humanidade e de honestidade.

Existe nesse município um negociante que começou a negociar com bem pouca coisa, há cerca de trinta anos. Hoje é um dos mais fortes e considerados. Eis como procede para com seus fregueses. Vende caro como todos os outros e a crédito com a maior facilidade, por conhecer desde os primeiros anos a honestidade provada de seus compradores. O sistema originalíssimo de fazer dinheiro é o seguinte: O devedor tem que pagar doze por cento de juros, devendo acrescentar que de três em três meses o mencionado *consciencioso* negociante capitaliza esses, sem a menor inquietação de espírito e sem a mínima reclamação de pudor! Apos-to que nenhum dos meus leitores é capaz de me apontar no comércio um exemplo tão repugnante e desumano. Consta-me porém que apesar desse método desonesto, os negócios pioraram muito ultimamente para o mencionado negociante. É sempre o mesmo epílogo: o que se faz a Deus paga-se ao diabo, como se costuma dizer em linguagem popular.

Nestes últimos anos o Brasil tem passado por uma fase de sucessivas calamidades. O dinheiro desapareceu e os produtos do pobre lavrador baratearam de um modo desanimador. Houve assim mesmo aqui no Rio e por toda parte uma compensação: se os produtos agrícolas baixaram, baixaram da mesma forma os preços das fazendas e dos outros artigos de comércio. Em Blumenau, garantem-me, tal fato não se deu. É uma verdadeira calamidade! O negociante

continua a vender com os mesmos preços exorbitantes! Como o comércio é composto totalmente de alemães, não vão eles pensar que estou falando animado de preconceitos e antipatia. Nada disso. Aprendi desde a infância a ter uma profunda admiração para com esse povo, dotado de qualidades tão belas que encham de entusiasmo ao observador, calmo e imparcial. Nisso que acabo de dizer, condeno do fundo do coração o monopólio voraz que em proveito de meia dúzia ou uma dúzia de negociantes sem coração, alimenta-se, qual sanguessuga, dos suores das classes desprotegidas da fortuna. Sejam embora prejudicados alguns particulares que até agora se encheram à custa do povo, mas procure-se o bem geral daquelas populações laboriosas o que desejo e deve desejar todo o homem de bem é o comércio livre em todo o município.

Para que o leitor compreenda bem o estado atual da questão, devo dizer que esse monopólio há muito tempo começou a perder pouco a pouco o seu absolutismo despótico. Os primeiros a abrirem o caminho da independência foram os negociantes alemães dos diversos pontos afastados da cidade. Esses, não é de hoje que exportam os seus gêneros e negociam diretamente com o Rio de Janeiro e mesmo, creio, com a Europa.

Os italianos têm-se mostrado menos perspicazes e menos unidos num assunto tão grave, que para eles é uma questão vital. Nestes últimos anos pode-se dizer que eram os únicos que se achavam em peso entregues em poder do comércio da cidade de Blumenau.

Em 1893, começaram, por fim, a se mexer, a dar sinal de vida, fazendo as primeiras tentativas por se desvencilharem de um jugo tão pesado. Foram a Santos, vieram ao Rio de Janeiro, foram pessoalmente à Alemanha e à Itália, mas parece que após tantos sacrifícios conseguiram o seu *desideratum*. Que dificuldades contudo não tiveram de vencer!

Como era de esperar, o comércio de Blumenau guerreou-se de um modo atroz. Queixam-se mesmo de ter sido vítimas de um ato de feia deslealdade por parte de um dos maiores negociantes, que procurou desacreditá-los no mercado da Alemanha. Não sei o que há de verdade, só posso dizer que eles me afirmaram terem sobre isso recebido cartas particulares da Alemanha. Seja como for, tudo, pouco a pouco, enfrentaram e souberam vencer.

Os lavradores de origem italiana são muito desconfiados, impacientes pelo resultado e pouco propensos à união. Muitos deles já são membros de *Sociedade Cooperativa do rio Cedro*. Outras sociedades vão se formando. No dia em que eles conseguirem fazer um corpo só, formarão naquele município uma verdadeira potência. Muitos ainda não entraram a fazer parte da dita sociedade, o que para



afastados dos centros civilizados, aqueles filhos de modestos colonos podem dar lições de boa educação a qualquer dos alunos dos nossos melhores estabelecimentos. Essas crianças protestantes distinguem sem custo o sacerdote católico de qualquer de seus ministros; pois bem, não há uma só que o não cumprimente com o máximo acatamento. O mesmo praticam para com todas as pessoas de maior idade ou de melhor condição. E note-se bem: esses meninos não esperam o cumprimento das pessoas que passam, pelo contrário, ou estejam na rua ou achem-se trabalhando no campo, descobrem prontamente a cabeça dirigindo ao transeunte, em voz clara, a saudação do costume.

Lembro-me muito desses fatos edificantes quando encontro algum empregado por exemplo de igreja, que, apesar de ser ainda criança, olha para mim, mas nem tira o chapéu, nem faz um cumprimento, sem que eu o faça primeiro! Fato incrível talvez para muitos, mas que não deixa de ser bastante comum!

Admitida a verdade do que acabo de expor, fácil coisa será aos leitores aquilatarem o esmero, os esforços e os mil cuidados desses pais rústicos mas zelosos pela educação de seus filhinhos.

Em todos os pontos, até os mais afastados da sede do município, existem escolas particulares sustentadas pelo esforço individual de todo pai de família.

Fiz observar em outra parte que, se excetuarmos dois ou três agrupamentos de casas, acham-se todas espalhadas, afastadas uma da outra pelo menos duzentos metros.

Como é agradável ver, todos os dias, esses bandos de crianças, percorrendo um ou alguns quilômetros de caminho, tanto sob os raios de um sol abrasador, como nos tempos de chuvas inoportunas e molestas, para irem receber da boca do mestre os ensinamentos que os pais estremecidos lhes não podem ministrar!

Até aqui falei da educação e do ensino dos brasileiros, mas de origem alemã; o mesmo se poderia quase dizer dos de origem italiana a quem os primeiros servem inquestionavelmente de grande estímulo.

Vamos agora considerar o mesmo assunto sobre um outro aspecto.

Há mais de vinte anos, se não me falha a memória, o Governo estadual auxiliava todas as escolas particulares com a subvenção de 15\$000 mensais, com a condição porém, muito natural e muito justa, que nas escolas alemãs ou italianas se ensinasse também um pouco de português. Isto era útil e agradável, mas não durou. Suprimiram a subvenção e tudo caiu. Agora toda essa mocidade, brasileira de nascimento e de coração, nem que o queira, pode, naquelas paragens, aprender um pouco de português. Mas mintos. Anda por lá algum sabichão a ensinar, com

o maior desembaraço, a língua de Camões, sem ser daqui nem nunca ter estudado a língua mãe, conhecendo-a algum tanto só praticamente, e muito pouco na teoria.

Mais que uma vez, falando sobre este ponto, tenho por lá frisado a muita coragem dos tais professores. Os meus ouvintes contudo, pouco conhecedores da matéria, sustentavam convencidos a sabedoria lingüística dos mais conceituados dentre eles.

Um dia certo rapaz de bom senso, inteligente e estudioso, disse-me que possuía um grande número de composições portuguesas, todas corrigidas pelo respectivo professor. Devo acrescentar que era um dos mais afamados conhecedores da língua do país o tal professor. Mostrou-me esse jovem uma das tais composições corrigidas, pedindo-me indicasse os erros que nela encontrasse. Era um pequeno trabalho de oito ou dez linhas de papel almaço. Querem saber quantos erros aí encontrei? Nada menos de 40! Creio que não é preciso dizer mais nada. Mas isto não é senão um incidente; voltemos ao fio da história.

Há nos diversos pontos do município de Blumenau numerosas escolas particulares, mantidas heroicamente pelos sacrifícios incalculáveis dos pais de família. Essas escolas tiveram nos últimos anos um grande benfeitor na pessoa do Dr. Bonifácio da Cunha, presidente da Câmara Municipal o qual nas últimas eleições foi infelizmente derrotado. Apertados, pois, aqueles camponeses pela boa vontade e pela escassez de recursos, têm recorrido a diferentes meios para garantir a estabilidade de suas escolas. Conseguiram afinal que as nações de sua origem lhes garantissem alguma subvenção. Os alemães recorreram à Alemanha e os de língua italiana, à Itália.

Atualmente tanto em Blumenau, como em outras colônias ou municípios de Santa Catarina e creio que de outros Estados do sul, muitas escolas são auxiliadas eficazmente por aquelas duas nações. A única cláusula que esses países lhes impõem é que nas escolas se ensine a língua da mãe pátria. Para quem encarar com imparcialidade estes fatos, não há dúvida que esta exigência é mais do que justa. A Alemanha e a Itália sabem muito bem que o ensino de suas línguas aumenta-lhes imensamente a influência no Brasil. Penso contudo que isto deve entristecer o coração de todo o bom brasileiro. Triste necessidade a de recorrer ao estrangeiro para ensinar as primeiras letras à mocidade brasileira!

E não é tudo. Soube que justamente por ocasião desta minha última viagem, no Estado de Santa Catarina foram suprimidas de uma só penada, as subvenções de umas noventa escolas espalhadas nas diferentes cidades e vilas do Estado.

Pobre instrução primária! Os governos estaduais, deixando de auxiliar as populações em matéria tão necessária e delicada, produzem no meio delas um mal estar profundo, quando não implantam sentimentos de antipatia. E como tantos pais de família se não mostrarão agradecidos, vendo seus filhos, brasileiros de nascimento, instruídos com o dinheiro da pátria de origem? Os desmandos e a desonestidade de governos sem escrúpulo são a causa deste e de muitos outros males que tanto nos deprimem perante o estrangeiro. O oligarquismo ou o filhotismo, eis a chaga roedora de talvez todos os Estados do Brasil.

Para um governo ser honesto, não basta que o seu principal representante não se apodere do erário público exclusivamente em benefício próprio; deve ter sobre tudo uma consciência limpa, procurando sempre o bem geral, evitando de encher com cinismo inqualificável as algibeiras de seus afilhados e amigos políticos.

Quando o governo dos Estados for entregue a homens rijos e de honestidade comprovada, tudo mudará por encanto, e então não só as escolas primárias serão contempladas, mas tudo entrará em caminho de grande prosperidade.

Antes de fechar o capítulo, direi algumas palavras sobre as escolas católicas. Do número de escolas protestantes nada absolutamente posso dizer: faltam-me os dados precisos. Em todo o município de Blumenau, existem pelo menos quinze escolas paroquiais, pertencendo em sua maioria às populações de origem italiana. O município consta de uma paróquia cuja sede é na cidade de Blumenau, onde os Reverendíssimos Padres Franciscanos construíram um grande convento, no antigo lugar do Colégio de S. Paulo. Os mesmos aí tem uma grande oficina para aprendizes de diversos ofícios. A princípio tinham um internato, que faria um grande bem se de novo se tornasse a existir. Além da paróquia foi, há cerca de três anos, criado um Curato cuja sede é o *vale* chamado Rodeio, acima de Blumenau talvez uns cinqüenta quilômetros. No Rodeio os Padres Franciscanos fizeram outro convento, em que se acha instalado o noviciado da Ordem Franciscana, existindo também aí um colégio freqüentado por 120 meninos e meninas.

Para mostrar ao público a diferença profunda das condições econômicas, será bastante dizer que cada pai de família, que manda à escola uma ou muitas crianças, paga por cada ano a insignificante quantia de dez mil réis. As outras escolas têm muito menor número de alunos; os mestres trabalham umas três ou quatro horas por dia, percebendo de 40 até 60 mil réis por mês. O curá do Rodeio é o Diretor de todas as escolas católicas do Curato, em cujo favor tem feito e ainda faz os maiores sacrifícios.

### Religião

O assunto do presente capítulo é de grande relevância e por isso dá-me ensejo a que me afaste do plano traçado e seguido fielmente até este ponto. Aqui encontrará o leitor não só as minhas impressões, mas também os diversos sentimentos que em mim produziram, e as reminiscências de fatos análogos que despertaram no meu espírito. O velho fundador da Colônia de Blumenau, cujo nome ainda conserva e conservará, conheci-o apenas de vista pois nesse tempo eu era ainda muito criança. Sempre ouvi dizer que era prussiano de nascimento e de coração e protestante de crença. Como fosse luterano, disseram-me que era seu propósito povoar aquela vasta colônia exclusivamente com alemães protestantes.

O plano falhou, de sorte que, a par de muitos protestantes, entrou também um certo número de alemães católicos e, mais tarde, um grande número de italianos e polacos. Hoje creio que cerca da metade da população é católica. Mas o que quero fazer notar é a admirável e inalterável harmonia existente, entre protestantes e católicos, e entre as diversas nacionalidades.

Não vá agora o leitor confundir essa harmonia com a nefasta indiferença religiosa ou com essa vida pagã, de egoísmo e de prazer, em que cada qual procura satisfazer os desregramentos de seu coração. Nada disso! Essa harmonia funda-se na boa educação e no respeito sincero das crenças alheias. O católico é geralmente sincero e fervoroso e o protestante ama a religião em que nasceu.

Pois bem, tenho visto, não raras vezes, metido no meio de um núcleo de famílias protestantes uma só família católica (e vice-versa) vivendo aí na maior paz, em contínuo contato com as outras famílias, sem todavia jamais entrar, nem de longe, em questões religiosas.

Que bem-estar indizível comparado com o viver e procedimento desses nossos maníacos que só conhecem o doesto e o insulto, únicos instrumentos de que se servem para espezinhar e vituperar as crenças alheias.

Se considerarmos o homem unicamente pelo procedimento cego e fanático dos nossos *bíblias* (católicos que renegaram a própria religião ou *missionários* que talvez nem tenham mais fé) espíritas ou feiticeiros, materialistas, livres pensadores, etc. etc. mui triste espetáculo e muito desolador nos ofereceria a humanidade.

Há bem poucos meses ainda ia eu dar um passeio de bonde. Encontramos no centro da cidade com uma extensa procissão, e fomos obrigados a parar, deixando-a passar. Quando os primeiros estandartes começaram a desfilar em nossa frente, todos os passageiros, seguindo o costume, independentemente de qualquer crença, descobriram a cabeça. Houve um porém, um velhote português, mal encarado e por cima de tudo apóstata, pertencente a uma seita de protestantes que aqui se chamam *bíblias*, o qual fez alarde de não curvar a cabeça nem tão

pouco de a descobrir. A garotada do Rio de Janeiro tem um santo e louvável costume que consiste em obrigar à força os tais espíritos *fortes e independentes* a se mostrarem civilizados em tais ocasiões. O meu *camarada* quis resistir aos garotos, levantando-se então todos os que seguiam no bonde contra ele. Não houve remédio afinal senão ceder.

Para maior segurança, sentiu-se obrigado a agarrar o chapéu com as duas mãos e segurá-lo bem diante do respeito, doutra forma nunca mais o teria encontrado. E eis aí um tipo desprezível e ignorante, que depois de ter renegado a religião de seus maiores, faz consistir sua crença num ato de provocação e numa grosseira falta de educação.

Oh como lembrei-me nessa ocasião dos bons protestantes de Blumenau que, sempre que assistem aos atos solenes do culto católico, fazem-no com tanto respeito e acatamento que não podem deixar de edificar! O que acabo de dizer dos protestantes de Blumenau pode-se afirmar dos protestantes alemães do Estado de Santa Catarina como todas as colônias do sul.

Apresentasse-nos aqui bem a propósito o ensejo de falar na dupla questão do dia, a saber: questão de religião e questão de patriotismo em referência aos estrangeiros que residem entre nós. Chegam-nos mui de freqüente telegramas dos nossos *amigos* da América do Norte, prevenindo e alarmando o nosso patriotismo contra a invasão germânica.

Têm muita ingenuidade os que lhes dão crédito. O único perigo para o Brasil é a América do Norte. E senão vejamos o processo de propaganda protestante entre nós.

O fim imediato dos *ministros ou pastores* norte-americanos, que são continuamente arremessados sobre o Brasil, é conseguirem a apostasia dos católicos brasileiros. A consequência de tal apostasia é lógica, e é aquilo a que principalmente aspiram. A apostasia ocasiona: as dissensões religiosas, as lutas intestinas, donde provém o enfraquecimento do país, seu desmembramento e a facilidade de subjugá-lo. Quer-se uma prova? Encontramo-la no partido teuto protestante da Alemanha que, como lema e palavra de ordem tomou a conhecida frase *Los von Roma!* «separemo-nos de Roma». Esse partido anti-católico, eminentemente prático, bate-se com prodigiosa tenacidade, para conseguir o desmembramento da Áustria católica, em favor da Alemanha protestante, trabalhando unicamente na baixa e odiosa missão de fazer apóstatas. Se o fim desses protestantes da Alemanha fosse exclusivamente o predomínio de religião de Lutero, nesta hipótese começariam por casa, e aí muito teriam de fazer, pois sabemos que na Alemanha há vinte milhões de católicos, é o partido católico mais poderoso do mundo. Que diremos agora dos norte-americanos? Estão no mesmíssimo caso. E, com efeito, qual será o fito das poderosas sociedades protestantes norte-americanas, gastando rios de

dinheiro para comprar indecentemente as consciências de brasileiros sem escrúpulo e sem fé? Todos conhecemos pelas estatísticas que, na próspera República do Norte, a religião que conta maior número de adeptos, a mais florescente e poderosa é a católica.

E o mais interessante é que aí os católicos não são incomodados, gozando antes da maior liberdade.

Ora, como compreender tanto zelo em espalhar a heresia nos países estrangeiros, deixando tranqüilo dentro de casa o mais perigoso adversário? O norte-americano, não nos iludamos é muito conhecedor da vida prática.

Sabe que os verdadeiros católicos são honestos, pois só eles possuem o tão temido e guerreado freio de todas as paixões, a confissão sacramental! Sabe também que os que vendem a própria consciência em troca de algum *dólar*, por muito menos do que isso vendem a própria pátria.

Admitindo, contra a realidade dos fatos, a outra hipótese, isto é: admitindo que os tais *missionários* não têm em vista a apostasia dos católicos brasileiros, e sim unicamente levar a fé cristã a quem ainda a não possui, mesmo neste caso, como patriotas que são, não deveriam, parece-me, abandonar o próprio país.

Existe na vasta República norte-americana, uma chaga social tão deletéria e aterradora que o nosso espírito não sabe compreender como tal coisa se possa dar no seio de uma nação cristã. Imagine-se que de 70 milhões de almas (que tantos são os habitantes da América do Norte) quarenta milhões são verdadeiros pagãos; não são batizados, nem professam crença alguma!

Eis aí os frutos naturais do protestantismo. É o que alias presenciamos na Alemanha e na Inglaterra: os que não voltam para o seio da Igreja católica, aceitando a fé em toda sua plenitude e pureza, lançam-se vertiginosamente no barato medonho dos cepticismo, racionalismo e materialismo.

Ora, se é o zelo que persuade os mencionados *missionários* a que deixem a própria pátria, em demanda de terras longínquas, que frutos abundantes não alcançariam, se ficassem em seu país a derramarem a luz do Evangelho no meio de tantos infelizes completamente abandonados? Não é, com efeito, um grande contraste que abandonem não só a salvação de seus patrícios, mas até os próprios templos, muitos dos quais passam para os atos do culto católico?

Disse, ainda há pouco, que os protestantes de quem me ocupo têm um meio curioso de fazer prosélitos: consiste em comprar as consciências. Isso não é invenção; é a pura realidade. E para que inventar, se eles mesmos, com suas próprias obras, são os mais eloqüentes apologistas da Igreja católica?

Há talvez uma meia dúzia de meses que de uma localidade do vizinho Estado do Rio recebi uma carta em que se falava dos protestantes de Passa-três. Vale a pena que o leitor conheça os tópicos principais dessa carta para o que

transcrevo-os fielmente.

Diz a carta: *Quando adoce qualquer deles (protestantes, bíblias, ou melhor apóstatas brasileiros) o pastor vai visitá-lo, levando-lhe mantimentos, remédios etc. Para as fazendas os ditos pastores mandam levar livros muito bem encadernados, os quais, ora dão gratuitamente, ora vendem. Os encarregados disso fazem nessas ocasiões reclame de sua religião, dizendo horrores do catolicismo. Gratificam com 50\$000 mensais a quem atrair ao protestantismo cem pessoas!...*

Na festa do Natal o pastor (que atualmente é um inglês) faz uma árvore para distribuir brinquedos às crianças, dando também esmolas aos adultos. Há ali uma única escola pública, cuja professora é mulher do pastor.

Os alunos, quase que em sua totalidade, seguem o protestantismo.

O protestantismo está espalhado também em S. João Marcos, e no Arrozal. Aí houve, há pouco tempo, um conflito, porque os protestantes reuniram-se no largo para fazer pregação. O povo, tendo à frente o delegado do lugar, tentou espalhá-los, do que resultaram muitas pauladas. O pastor foi logo queixar-se ao Presidente do Estado, e ao ministro inglês. Dias depois aquela autoridade era demitida.

Esta carta que, por amor à verdade, quis transcrever textualmente, tem em sua simplicidade uma eloqüência irrefutável.

Não deixarei passar sem um reparo a tal gratificação de 50\$000 mensais a quem conseguir a apostasia de cem católicos! Desafio qualquer protestante honesto a ler este fato sem sentir-se revoltado e com pejo.

Um outro fato a lamentar é que se consinta que os hereges estrangeiros venham em público espezinhar diariamente as crenças do povo brasileiro, o qual sempre é o sacrificado, quando protesta contra os insultos soezes de seus hospedes ingratos. Que diferença entre a verdadeira fé em Jesus Cristo e a heresia! Muitos maus católicos renegaram a própria religião ou porque lhes repugna a santidade de seus princípios, ou atraídos por interesses incompatíveis com uma alma de bem. Muitos protestantes voltam também diariamente para o seio da Igreja que nada lhes promete, antes lhes assegura que de sua conversão só devem esperar privações, injustiças e perseguições! No primeiro caso, o amor da terra sacrifica as esperanças da eternidade; no segundo caso, dá-se justamente o contrário: tudo se enfrenta corajosamente em troca de um paraíso que Deus promete aos que até o fim lhe forem fiéis.

Mas vamos adiante.

Se considerarmos o zelo dos ministros norte-americanos, posto de frente ao dos missionários católicos, é bem fácil descobrir onde esteja a missão divina. Basta uma simples comparação. Os nossos missionários pertencem, pode-se dizer em sua totalidade, a congregações e ordens religiosas.

Nas congregações católicas, todo e qualquer religioso, tem o direito

absoluto (notem bem) de nunca possuir coisa alguma, nem de esperar a menor recompensa a todos os seus sacrifícios.

Para o ministro protestante ou norte-americano a coisa muda de figura: tem família, tendo, portanto o dever de sustentá-la. Dá-se com ele (digo isto sem intenção de ofender a quem quer que seja) o que se dá com muitos empregados públicos desta Capital. Sacrificam eles, por alguns anos, as comodidades da cidade pelas privações do interior, levados para lá pelo aumento do ordenado, às vezes bem considerável e mesmo quase dobrado.

Soube, por exemplo, nesta minha viagem, que um ministro norte-americano, residente na cidade do Desterro, percebe a *modesta* soma de cerca de 800\$000 mensais. E não é só este: todos eles recebem pingue remuneração, em troca da triste tarefa de fazer alguns apóstatas, todos tirados do número desses católicos que de antemão já tinham abraçado a mui cômoda doutrina protestante que consiste: A fé pode salvar, sem as boas obras, isto é: viva-se à vontade; entregue-se cada qual às suas paixões, e espere em recompensa a eterna salvação!... Que cegueira! Que loucura! De sorte que, se de uma parte a remuneração percebida pelos zelosos missionários lhes é necessária para seu sustento e de suas famílias, de outra parte reduz a zero seu tão decantado zelo pela salvação das almas.

O clero católico, quer em países católicos quer em países protestantes, ensina verdades, defendendo-as, quando atacadas, e se, às vezes, parece agredir, ele não é agressor, mas desmascara desassombradamente a hipocrisia dos heresiarcas fundadores da reforma, cuja vida impudica e escandalosa é mais do que conhecida de todos que conhecem a história.

Os ministros protestantes nada ensinam, e geralmente falando só abrem a boca para vomitar impropérios contra o que eles chamam de romantismo ou papismo, isto é, contra a única e verdadeira Igreja, fundada por Jesus Cristo sobre Pedro e governada incessantemente por seus sucessores. Os hereges filhos da reforma não podiam encontrar um apelido melhor, que o de *protestantes*. É o erro neles encarnado, que brada continuamente contra a Verdade eterna! O modo com que eles se esforçam por angariar prosélitos é também desses que pouco edificam. Ao mesmo tempo que em seu país natal todos se queixam do completo abandono de seus templos, no Brasil procuram encher suas *casas de oração*, adotando para isso meios ridículos e indecentes, introduzindo neles, mesmo à força, indivíduos de toda a casta.

Esses *bíblias* são às vezes de uma coragem colossal. Certo dia passava eu pela rua Gonçalves Dias, de volta do Circulo Católico. Um rapazola ofereceu-me (isto fazia para todos os transeuntes) uma folha avulsa impressa. Era um convite para uma das tais reuniões de hereges em uma *casa de oração*. Só o fato de se oferecer um convite desses a um sacerdote é bastante eloquente para demonstrar o *escrúpulo*

e a *civilidade* desses zelosos propagandistas da apostasia. Imprimir convites para entregar indistintamente aos que passam é mais uma prova de que estão pregando no deserto. Os poucos que entram nessas casas é sabido que o fazem por curiosidade. Todavia, não negarei que há infelizes que destarte, caem na apostasia, e isto é um justo castigo de Deus, pois quem se expõe ao perigo nele há de cair.

Assim não procede o missionário católico, para quem é deprimente ir mendigar nas ruas ouvintes para seus sermões. O transeunte a quem o convite é oferecido com rogos, pode ser um católico prático. Ora pretender seduzir um católico sincero, e atraí-lo para a heresia, é o mesmo que afrontá-lo publicamente, sem ser autorizado para isto. Entregar pelo contrário um tal convite ao descrente, ao debochado e ao homem todo material é o cúmulo do ridículo e da insensatez. Grande coisa, pois, se por este processo conseguem atrair para suas reuniões meia dúzia de pessoas!

E a tais pregadores prestam ouvidos muitos católicos que não sabem distinguir o bem do mal e que perderam até o bom senso.

Não me ocorre neste momento ao espírito o nome, creio que de um heresiarca, o qual falando da apostasia de certos católicos entrando no protestantismo dizia: É o papa que varrendo sua casa, atira com o cisco em lugar apropriado.

O processo seguido pelos ministros protestantes para converter almas, e o seu escrúpulo em atraí-las para suas diferentes seitas (são milhares e milhares de seitas em que se subdivide o protestantismo) eis ainda dois pontos dignos de ponderação. Com efeito, o método que eles têm de ensinar é curioso e serve admiravelmente para pôr em relevo a beleza inefável da instituição do sacerdócio católico.

A divulgação da Bíblia em língua em vernáculo eis o meio por excelência adotado pelo proselitismo protestante. Entre os reformados (há quem diga ser melhor dizer *deformados*) a Bíblia, o livro por excelência que tomaram à Igreja católica, tornou-se um objeto de lamentável superstição. Acreditam friamente que possuir uma bíblia e lê-la, amiudadas vezes é o cúmulo da perfeição e a maior garantia de salvação. Coitados! Mas perdoe-me o leitor; já estava eu a pensar que me referia a protestantes que têm fé e que são de boa fé.

Deu-se um fato insignificante, nesta minha última viagem, que vem ao caso ficar aqui registrado.

Achava-me na cidade do Desterro. Fui um dia ao telégrafo inglês para falar a um amigo. Na boca da portinhola, por onde se entregam os telegramas, encontrei, com grande surpresa, um Novo Testamento, novinho e bem encadernado. Para quem era destinado? Por certo para o primeiro que o quisesse. Confesso que à tal vista provei uma magoa profunda. Um povo de tão bons sentimentos como o dessa cidade não deveria tolerar que em uma repartição de serviço público se armem ciladas de apostasia contra os ingênuos! Pois por ventura não têm aí os protes-

tantes centros de reunião?

Em minha penúltima viagem a Santa Catarina, quando por lá passei há cerca de quatro anos, falaram-me de uma nova espécie de proselitismo protestante, o que não posso deixar de tornar conhecido aos meus leitores. Havia nesse tempo no Desterro um ministro protestante (norte-americano, já se sabe) o qual vendo que, apesar de todos os esforços, a concorrência em nada aumentava, procurou dar às suas conferências novos atrativos *espirituais*. As pregações se faziam à noite. Apenas terminada a falação, o bom do pastor distribuía entre seus piedosos ouvintes o *maná espiritual* que consistia em: café com leite, pão com manteiga e chocolate!...É escusado dizer que todos esses santos varões aí reunidos tinham direito a reclamar as mesmas graças. Avaliar agora o grau de prontidão e piedade com que se apressavam a tomar parte em tais conferências, especialmente aquelas *cujus Deus venter est* (cujo Deus é a barriga) segundo as palavras textuais do Apóstolo S. Paulo, fácil coisa deve ser aos meus leitores inteligentes. O escrúpulo desses piedosos reformadores sobressai ainda mais quando tratam de aceitar ou não, no seio de suas igrejas, algum novo adepto. Quando a coisa chega a este ponto, redobram eles de prudência. Tão delicada e meticulosa é a consciência deles. Que pureza de fé, que limpeza de costumes não exigem dos *recém-convertidos*!

Para não tornar-me prolixo só falarei da *conversão* de um sacerdote católico, que para purificar mais sua alma, abandona a Igreja sua mãe, e atira-se no *casto seio* da Reforma! Vamos, leitor benigno, edificar nosso espírito na vida quase angélica do aludido recém convertido! Falemos sem figuras. O padre católico não é diferente dos outros homens no que toca às inclinações da natureza, devendo-se acrescentar que ele, mais do que ninguém, é alvejado pelas setas impuras de Satã. E aí temos a razão da superioridade incomparável do sacerdócio católico que único apresenta tantos mártires da pureza virginal. Como, pois, o padre não é impecável, quem poderá estranhar que nesta classe privilegiada haja prevaricadores também? Os que prevaricam muito contribuem para realce dos limpos e castos de coração!

Assiste-se, de tempos em tempos, ao triste espetáculo de um desses sacerdotes apostatando à sua fé. Qual é geralmente a causa dessas quedas? Por pouco que se indague, sempre se encontrará a mulher como causa verdadeira. Note-se bem que uma queda tão desastrada costuma ter sua origem sempre remota. O infeliz antes de dar este passo extremo, de ordinário já tinha escandalizado os seus paroquianos, convivendo até com a causa de sua ruína. *Corruptio optimi pessima*, eis aí uma sentença lacônica e cheia de verdade para demonstrar que a queda quanto mais é do alto mais torna-se desastrosa, e o Espírito Santo afirma que «um abismo chama outro abismo»: *Abyssus abyssum invocat*. É o que sucede ao sacerdote infeliz

que despenca das inacessíveis alturas em que Deus o colocara: entrega-se a todos os excessos do espírito e do coração! Desgraçado! Talvez jamais se levante! A alma verdadeiramente cristã compadece-se de tão grande desgraça; enquanto o herege tripudia, como se uma alma santíssima entrasse a fazer parte de sua igreja!

É fato inegável que o sacerdote católico, para sê-lo, fez diante de Deus voto de castidade perpétua. Deus aceita o voto de castidade de quem lho fizer, porque, como diz S. Paulo, este voto lhe é muito agradável. O ato, pois, de apostasia em vez de diminuir, agrava a culpa e a responsabilidade do delinqüente. Esta é a verdade dos fatos. Por capciosos que sejam os sofismas engendrados pelo pai da mentira, nunca hão de conseguir apresentar como honesto a quem tão gravemente zomba do que prometera e jurara. Pois bem, que farão os *reformados* dessa alma tão cândida e timorata? Sabem-no todos; sem lhe exigir mais noviciado, recebem o sacerdote apóstata de braços abertos, e fazem-no pastor de almas!... E, para que noviciado, para quem com ações tão *santas* a si mesmo se apresenta e recomenda? Esse sacerdote torna-se assim, da noite para o dia, arauto da heresia protestante, fazendo com isso jus a não módico ordenado.

Os que conhecemos alguns desses infelizes, sabemos também qual o ponto predileto de suas *piadosas* pregações. Desde o princípio embirram solenemente com a pureza virginal de Maria!... Pudera não! Aquela beleza incomparável da Mãe de Deus inquieta-os, perturba-os de contínuo com sobressaltos horrendos! Tal é em resumo a doutrina e tais as obras desses missionários evangélicos que tão duramente pagam a generosa hospitalidade de quem os acolhe.

Em sua quase totalidade são hereges estrangeiros que, com ousadia inaudita, vêm ao Brasil para seduzir os incautos, e, para tal conseguirem, não vacilam em nos assacar e calúnias, espezinhandando grosseiramente as crenças de um país inteiro, seja do meio de suas casas de oração, seja pelas calúnias de seus panfletos, e o nosso povo, que deveria, independentemente de qualquer crença, repelir a insultuosa audácia desses passadores de bíblias, por uma bondade mal entendida cala-se, parecendo assim consentir e mesmo agradecer às amabilidades dos falsos profetas.

Abramos os olhos enquanto é tempo. A pertinaz propaganda protestante norte-americana constitui o único verdadeiro perigo para a América do Sul. Enquanto tivermos unidade de crença não correrá perigo a unidade da pátria. Ai de nós se o norte-americano conseguir formar aqui um partido (mesmo em minoria) anti-católico e furiosamente fanático pelos princípios da Reforma! Nesse dia, veríamos o Brasil tornar-se presa de guerras intestinas, desfazendo-se por si mesmo e abrindo franco caminho à cobiçosa águia norte-americana. Oxalá compreendam todos estas verdades inegáveis, e que nada tem de fantástico e imaginário.

## **Autores Catarinenses**

---

### **- Raridade Catarinense**

### **- O Brasil Precisa de Leitores**

TEXTO:

ENÉAS  
ATHANÁZIO\*



## **Raridade Catarinense**

Meu amigo José Roberto Rodrigues, poeta e jornalista, brindou-me há tempos com um pequeno livro que é raridade entre obras catarinenses. Como estivesse bastante estragado, em vias de se desintegrar, mandei restaurá-lo e só então pude lê-lo sem que se desmanchasse nas mãos. Trata-se de “Arcaç de um Barriga-Verde”, de autoria de José (Arthur) Boiteux (1865/1932), publicado, em segunda edição, pela Typ. da Livraria Moderna, de Florianópolis, em 1933. O exemplar foi oferecido por Henrique Boiteux à Biblioteca do “Grupo Escolar David do Amaral”, no Rio de Janeiro, em 7 de junho de 1942 e dali, de déo em déo, veio ter comigo. Também traz algumas anotações à mão, feitas por leitor atento.

“Arcaç”, definem os dicionaristas, é “uma grande arca com gavetões”, objeto vetusto, usado nos tempos de dantes, embora bem apropriado à intenção do autor. Ele próprio, talvez preocupado com o inusitado do título, esclarece com minúcias, colocando a explicação na boca de um personagem: “É uma arca grande, com gavetas; e, si eu te disser que arca é uma caixa de madeira com tampa plana, segura com machas-femeas e fechadura, onde se guardam roupas, papéis e dinheiro, ficarás sabendo bem o que é o móvel em que o nosso Pacheco põe ao seguro as suas tão preciosas notas históricas acerca de nossa terrinha.” (Pág. 75, conforme a ortografia da época). Era, pois, local mais que adequado para o autor colocar seus textos. Explicado o título, vamos em frente.

---

\*) Escritor e Advogado

José Boiteux foi magistrado, tendo galgado ao posto de desembargador, professor, historiador, escritor e jornalista. Foi também o fundador de nossa antiga Faculdade de Direito, em cujo jardim de entrada havia um busto em sua homenagem, cujo destino desconheço porque creio que foi retirado. Durante muitos anos a Faculdade manteve o “Prêmio Des. José Arthur Boiteux”, que tive o prazer de receber no ano de minha formatura. Parece-me que não existe mais. Acompanhou o governador Adolfo Konder, como representante do Judiciário, na célebre “bandeira” que ele empreendeu pelo Oeste do Estado, tão bem descrita por Othon D’Eça em seu livro “...Aos Espanhóis Confinantes!”, que tive a satisfação de prefaciar para a edição da Fundação Catarinense de Cultura (FCC). Um dos bons momentos do livro é justamente aquele em que Boiteux, encarregado das despedidas, discursa montado num burro preto, calçando botas que lhe vão aos joelhos e coberto por um largo chapéu, para os ressabiados moradores de um lugarejo ermo, em linguagem castiça e com a voz eloqüente ecoando por morros e matos.

O livro contém oito narrativas, mais ou menos longas, todas de fundo histórico, explorando os fatos, as tricas e futricas da política e da burocracia, os casos acontecidos e as figuras curiosas de uma época em que os dias corriam lentos e a existência parecia mais tranqüila. Tem como pano de fundo a velha Desterro, a histórica Laguna logo após a República Juliana e outros recantos deste Estado que mal se conhecia a si próprio. São elas as seguintes: “A façanha do Onça”, “O Barbaças”, “No que deu um puxão de orelhas”, “Nem p’ra festa nem p’ra luto”, “A Anninha do Bentão”, “As cebolas de D. Luiz Maurício”, “A narrativa do Zabumba”, “Um bródio no velho palácio” e “O Sete Carapuças.” Revelam um observador arguto, atento ao que ocorria e conhecedor seguro da história, que sabia mesclar com a boa ficção, tornando seus contos sempre interessantes. Alguns personagens aparecem em mais de um deles, tudo indicando que foram inspirados em pessoas reais, por ele captadas nos traços físicos e psicológicos.

Entre os contos, avulta, sem dúvida, “Aninha do Bentão”, evocando a figura de Anita, já então morta em outras paragens, como informara Garibaldi, tal como era vista e julgada na terra natal - Laguna. Mostra

ele a relutância de muitas pessoas em aceitarem como heroína a filha da terra, pobre e desvalida, nascida em Morrinhos, moradora de “casa de porta e janela” e que mal fora notada antes de suas façanhas. É a demonstração do velho dito popular de que santo de casa não faz milagres. Mesmo louvada pelos jornais do Rio e de Lisboa como “legendária, guerreira, intrépida amazona, heroína de dois mundos”, havia os que ironizavam e duvidavam, apontando o esquecimento que começava a recair sobre ela. Com isso, no entanto, não concordava o boticário João Mendes, cujas palavras proféticas o tempo se encarregou de comprovar, tanto que Laguna passou a pleitear, inclusive em juízo, a condição de terra natal de Anita. “Ah! Tudo muda, tudo mudará, meus amigos – exclamou o boticário. – Chegará um dia em que comecem as reivindicações e, então, Annita Garibaldi, Raphael Bandeira e outros serão devidamente homenageados.” E mais adiante: “Anninha do Bentão! Anninha do Bentão! Para os diabos que os carreguem! Heroína dos dois mundos, quer queiram, quer não queiram, é o que ella já é e há de ser, enquanto o mundo for mundo!” (Págs. 85 e 87).

O estilo é clássico, conservador, bem à moda da época. Faz uma ou outra concessão, como “p’ra”, com o objetivo de se tornar mais coloquial, mas escreve com mais leveza que outros autores de seu tempo e até posteriores. Sabe explorar o humor, o insólito, o ridículo. É um conhecedor das técnicas e táticas do autor de ficção e usa o diálogo com desenvoltura. Seu texto transmite bem o clima da época e retrata com fidelidade os locais em que as narrativas foram ambientadas.

Muitas de suas “formas de dizer” atestam a mudança sofrida pela linguagem literária no sentido da simplificação. Eis alguns exemplos, todos colhidos no texto da primeira narrativa: “sentado com os da sua privança”, “sorvendo, com fragor, forte pitada de aromático rapé”, “não fosse o ouro o nervo da guerra”, “para dar-lhe as prolfáças”, “pareceu-lhe ser homem de grande maneira”, “lançando em rosto ao marechal”, “não há duvidar”, “estou a dar-lhe a solicitada permissão”, “tão digno e pundonoroso militar”, “as bem merecidas mercês que já gozava”, “exprimiram á maravilha” etc. Embora as palavras sejam usadas com rigorosa precisão, é uma linguagem em franco desuso.

Boiteux produziu também conferências, discursos, trabalhos jurí-

dicos e históricos, além de matérias jornalísticas. Sua fortuna crítica é reduzida e os informes biográficos são deficientes e discrepantes, deixando a impressão de que têm a mesma fonte, o que é no mínimo lamentável em se tratando de escritor e homem público de tal projeção em seu tempo.

### O Brasil Precisa de Leitores

O jornal da UBE (União Brasileira de Escritores), de setembro do ano passado, trouxe um ensaio de Ottaviano de Fiore, Secretário Nacional do Livro e da Leitura do MINC, onde aborda a urgente necessidade de ampliar o número de leitores no Brasil. Embora reconhecendo que alguma coisa já existe, isto é, que não estamos partindo do zero, alerta que é imperioso aumentar a quantidade dos que lêem se quisermos de fato ser um país adiantado e moderno. Para esse fim, aponta ele as seguintes medidas, aqui resumidas a grosso modo:

a) Precisamos produzir leitores em larga escala, num mínimo de tempo histórico, e para isso necessitamos do esforço conjunto de toda a sociedade brasileira;

b) Uma das formas de produzir leitores é nascer numa família de leitores, portanto os pais têm essa responsabilidade para com os filhos;

c) Para ser leitor, o indivíduo tem que ser instruído num sistema educacional orientado para a implantação do hábito da leitura;

d) O indivíduo tem que ser incentivado a adquirir o hábito da leitura até a adolescência;

e) Deve ter acesso à informação escrita (livro, revista, jornal, computador) por empréstimo ou por compra;

f) É preciso adequar o preço do livro ao poder de compra do povo;

g) É preciso implantar o valor do livro no imaginário do povo;

h) É indispensável seguir com tenacidade uma política nacional do livro e da leitura a longo prazo.

Essas medidas devem ser tomadas pelo poder público em todos os níveis, pelas instituições educativas e culturais e pelo povo em geral. Sem leitores não seremos nunca um país desenvolvido. Povo que não lê é massa de manobras e não sabe decidir o seu destino.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

- ) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual = 6 números)
- ) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual = 6 números)
- ) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
- ) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2001 (Tomo 42). Anexo a este cupom a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R\$ .....

Dados do assinante:

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Caixa Postal: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Fone p/ contato: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

.....  
Assinatura

**Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"**

Caixa Postal: 425 - Fone: (47) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)



**TOMO XLII**  
Setembro/Outubro de 2001 - Nº 9/10

## **Apoio Cultural:**

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Birô Lindner - Centro de Impressão Digital

Genésio Deschamps

**Victória Sievert**

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

**Eletro Aço Altona S/A**

**Cia. Hering**

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeiraira Odebrecht

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora



